CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

FILOZAPEANDO:
UMA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA DE MEDIAÇÃO À DISTÂNCIA COM O USO DO APLICATIVO DE CELULAR WHATSAPP

Miguel Angelo Castelo Gomes

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia e Ensino, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Orientador:

Prof. Dr. Antônio Maurício Castanheira das Neves

Rio de Janeiro
Setembro/2016

FILOZAPEANDO:
UMA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA DE MEDIAÇÃO À DISTÂNCIA
COM O USO DO APLICATIVO DE CELULAR WHATSAPP

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia e Ensino, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Miguel Angelo Castelo Gomes

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr. Antonio Maurício Castanheira das Neves - CEFET-RJ

Prof. Dr. Rafael Mello Barbosa – CEFET-RJ

Prof. Dr. Lélio Moura Lourenço–UFJF

Rio de Janeiro
Setembro/2016

G633 Gomes, Miguel Angelo Castelo
Filozapeando : uma experiência filosófica de mediação à distância com o uso do aplicativo de celular whatsapp / Miguel Angelo Castelo Gomes.—2016.
129f. + anexo : il.color. , grafs. , tabs. ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2016.
Bibliografia : f. 122-129
Orientador : Antônio Maurício Castanheira das Neves

1. Filosofia – Estudo e ensino. 2. Ensino à distância. 3. Tecnologia educacional. 4. Aplicativos móveis. 5. Sociologia do conhecimento. I. Neves, Antônio Maurício Castanheira das (Orient.). II. Título.

CDD 107

Dedicatória: Para meu pai, Francisco de Sales Moura Gomes (in memorian)

Agradecimentos:

Ao misericordioso Deus de Jesus Cristo e sua Mãe, em primeiro lugar;
à minha mãe, Maria Zilma Castelo Gomes, por tudo;
às minhas irmãs, Ana e Graça, pelo amor que nos une;
À minha namorada Patrícia Soeiro, pela força e incentivo;
aos colegas de mestrado, e em especial, a Lourdes,
pelo árduo caminho trilhado na amizade;
Aos servidores do CEFET-Rio, em especial ao Bráulio Tito, pela preciosa contribuição;
Aos ilustradores da cartilha didática, Luiz e Caio,
por pensarem e fazerem pensar com Arte;
E ao meu orientador prof. dr. Maurício Castanheira, pelo aprendizado para a vida.

"Deixados em silêncio há três milênios, a Polegarzinha, suas irmãs e seus irmãos passaram a produzir um barulho de fundo que abafa o porta-voz do escrito. Por que ela tagarela tanto, em meio ao tumulto de colegas tagarelas? Porque todos têm o tal saber que se anuncia. Inteiro. À disposição. Na mão. Acessível pela internet, Wikipédia, celular, em inúmeros sites. Explicado, documentado, ilustrado, sem maior número de erros dos que nas melhores enciclopédias. Ninguém mais precisa dos porta-vozes de antigamente, a não ser que um deles, original e raro, o invente"

(SERRES, 2013, p. 44).

RESUMO

Essa pesquisa tem por finalidade propor uma cartilha de orientação aos docentes em Filosofia, a ser compartilhada na internet, como síntese de uma experiência filosófica em mediação à distância, descrita no segundo e terceiro capítulos através do método de análise qualitativa e quantitativa, e que se utilizou do aplicativo de celular *Whatsapp* para, entre os dias 30/06/2016 e 07/07/2016, construir o grupo *'Filozapeando'*, uma comunidade virtual de aprendizagem ativa em um contexto tecnológico que determina a atual sociedade global, especificamente na área educacional. Uma compreensão docente da questão, por meio do método teórico-bibliográfico, a partir do conceito de *"Polegarzinha",* criado pelo filósofo Michel Serres ao definir a juventude contemporânea na sua relação com a tecnologia móvel, especialmente o celular, permite a identificação de um novo ser e agir atuais, sugerindo a busca por uma experiência filosófica que leve mais em conta tal realidade. Assim, reafirma-se uma perspectiva que valoriza a utilização pedagógica da tecnologia móvel, através da mediação do professor de Filosofia em interação com discentes e docentes que dialogam e debatem à distância, via aparelho de celular, conceitos como Tecnologia, Tradição, Filosofia e Educação, e que provocam a busca pela construção de um conhecimento coletivo. Por fim, o texto apresenta uma contribuição específica à sociedade brasileira, com a publicação de produto didático no campo da formação de professores, pensado filosoficamente e baseado em erros e acertos no processo de mediação do grupo.

Palavras-chave: Filosofia. Tecnologia da Informação e Comunicação. Educação. Sociologia do Conhecimento.

ABSTRACT

This research aims to propose a guidance booklet for teachers in philosophy, to be shared on the Internet, as a synthesis of a philosophical experience in mediation at a distance from the mobile application use Whatsapp, which occurred in 'Filozapeando' group, among day 06.30.2016 and 07.07.2016 in a technological context that determines the current global society, specifically in education. A teacher understanding of the issue, from the concept of "Polegarzinha", created by the philosopher Michel Serres to define the contemporary youth in their relationship with mobile technology, especially mobile, allows the identification of a new being and acting today, suggesting the search for a philosophical experience that takes more account of this reality. Thus, a positive outlook is reaffirmed in the pedagogical use of mobile technology, through the mediation of philosophy professor in interaction with students and teachers that dialogue and debate at a distance, via mobile device, from issues of Ethics, Technology and education, and causing the search to build a collective knowledge. Finally, the text presents a specific contribution to the Brazilian society, the educational product of publication in the field of training of philosophy teachers.

Keywords: Philosophy. Technology of Information and Communication. Education. Sociology of Knowledge.

SUMÁRIO

Introdução **11**

Justificativa e problema 12

Objetivo geral 13

Objetivos específicos 14

Delimitação do tema 15

Estrutura do trabalho 15

1. O conceito filosófico de 'Polegarzinha' no cenário tecnológico global **17**

2. Contextualizando a 'Polegarzinha' no Brasil **47**

2.1. Um breve relato histórico pessoal 47

2.2. Filozapeando 51

2.2.1. Relação dos membros participantes por atividades diárias 53

2.2.1.1. 1º dia de atividades do grupo Filozapeando 53

2.2.1.2. 2º dia de atividades do grupo Filozapeando 54

2.2.1.3. 3º dia de atividades do grupo Filozapeando 55

2.2.1.4. 4º dia de atividades do grupo Filozapeando 56

2.2.1.5. 5º dia de atividades do grupo Filozapeando 57

2.2.1.6. 6º dia de atividades do grupo Filozapeando 58

2.2.1.7. 7º dia de atividades do grupo Filozapeando 59

2.2.1.8. 8º dia de atividades do grupo Filozapeando 60

2.2.2. Relação dos membros participantes em todo o período 61

2.2.3. Análise e discussão dos resultados 62

3. Aprendendo com erros e acertos do processo de mediação **83**

3.1. A opção pela não criação de regras 83

3.2. A importância do acolhimento que não abre mão da firmeza na mediação 86

3.3. Planejamento das discussões 87

3.4. Tirar vantagens filosófico-pedagógicas do tempo-espaço 89

3.5. Elaboração de sínteses diárias 92

3.6. Valorização de cada contribuição 93

3.7. Administrar o caos 96

3.8. A não utilização de repetições excessivas 99

3.9. Não utilizar áudios ou textos longos 102

3.10. Reavaliação 102

Produto Didático - Uma cartilha para professores de Filosofia **104**

Considerações Finais **121**
Referências **122**
ANEXO: Imagens publicadas a cada dia no “Filozapeando” **130**

Introdução

O rápido desenvolvimento tecnológico acompanha as necessidades de um mercado cada vez mais exigente no que se refere à formação continuada, demandando alto nível de qualidade em um contexto restrito de tempo e locomoção, o que acarretou em um avanço gradual da Educação à Distância (EaD), no Brasil e no mundo. Entretanto, mesmo com a mediação tecnológica, a EaD não prescindiu da função docente: elemento historicamente inserido em um contexto institucional escolar marcado de forma profunda pela disciplina, o professor, agora, por conta do novo cenário, precisará exercer com maior fundamentação o papel de mediador, atendendo, assim, a uma demanda recente da configuração subjetiva contemporânea, denominada por Michel Serres de 'Polegarzinha', em referência à habilidade dos jovens estudantes atuais com as tecnologias digitais, especialmente no uso de seus dedos polegares com os celulares.

Destaca-se, assim, a necessidade de pesquisa sobre o docente de Filosofia enquanto mediador de um processo de construção do conhecimento à distância, através das novas tecnologias da informação e comunicação, notadamente a tecnologia móvel, como o aparelho de celular.

O projeto FILOZAPEANDO, acontecido entre os dias 30/06/2016 e 07/07/2016 reuniu, em um grupo de Whatsapp - aplicativo de celular -, docentes e discentes em uma experiência filosófica, discutindo, por uma semana, a cada dia, as questões: Representação, Tradição, Tecnologia, Inovação, Ética e Moral, Educação, Ensino de Filosofia e Conhecimento, a partir de tirinhas, vídeos, áudios, imagens e fotos, com a mediação de um professor de Filosofia da Secretaria do Estado do Rio de Janeiro. A alta porcentagem de mediação, no entanto, ao longo do desenvolvimento do grupo (mais de 50% das contribuições foram feitas pelos mediadores e, em contrapartida, menos de 30% foram atividades dos estudantes) provoca um questionamento da necessidade ou não desta opção: precisa-se de mediadores?

Levando-se em conta o cenário tecnológico globalizado contemporâneo e utilizando-se do conceito de “Polegarzinha”, este trabalho afirma que sim, talvez haja a necessidade de mediadores e mediadoras fundamentados filosoficamente em suas atividades online, e investiga como se dá o processo de mediação neste grupo de aprendizagem virtual, a partir de erros e acertos cometidos pelo mediador, para publicar, ao final, uma cartilha contendo 10 dicas aos docentes em Filosofia, todas

resultantes do que faltou ou do que sobrou nesta atividade de mediação durante a existência do Filozapeando.

Justificativa e problema

Na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ), local em que este trabalho foi originalmente pesquisado, não há qualquer produto didático direcionado à formação de professores de Filosofia, muito embora exista material, disponível em site, elaborado pela secretaria de educação para a utilização docente em sala de aula a partir do currículo mínimo da disciplina.

No mesmo sentido, se há por parte da SEEDUC-RJ uma oficina de capacitação de professores para o uso pedagógico do Google Drive e do Facebook, no entanto, ainda não existe nada especificamente elaborado para a utilização didática docente do celular - especialmente a do aplicativo whatsapp, tão popular no Brasil -, incluindo aqui as escolas públicas cariocas.

A este contexto de ensino público carioca, acresça-se um cenário onde o docente em Filosofia dispõe de apenas 50 minutos semanais para o ensino da matéria, pelo menos até o final do ano de 2016, em turmas de primeiro e segundo anos do Ensino Médio quase sempre lotadas de estudantes, contando com uma infra-estrutura bastante precária.

Outro aspecto importante consiste no fato de que há uma crescente demanda, por parte dos estudantes, por uma experiência mais significativa com o espaço escolar, incluindo-se aqui a grade curricular. As recentes ocupações discentes das escolas cariocas, por ocasião da greve dos professores do Estado do Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 2016, trouxeram mais fortemente esta questão, no tocante ao questionamento do currículo tradicional, por meio de aulas e atividades construídas a partir da escolha coletiva dos estudantes, bem diferenciadas das observadas comumente em sala de aula. Este fato corrobora a demanda tanto por um maior espaço dialógico nas escolas, e que leve em conta a voz discente, relacionada aos demais atores pedagógicos, como diretores, professores, coordenadores e mediadores pedagógicos, dentre outros, em todos os seus aspectos, quanto por uma valorização do contexto sociocultural dos estudantes, como fundamento mesmo deste diálogo.

Mais: a inexistência de qualquer material formativo, para o professor de Filosofia da SEEDUC-RJ, que o capacite minimamente a utilizar, de maneira filosófico-pedagógica, a recente tecnologia móvel inserida culturalmente e de maneira freqüente no cotidiano dos jovens estudantes, como no caso do aparelho de celular e do aplicativo whatsapp, sugere a iniciativa de um professor de Filosofia que, através de um trabalho de campo, mesmo sem qualquer experiência anterior, experimente a criação de um grupo virtual que inclua discentes e docentes, derivando deste projeto uma cartilha básica direcionada para docentes em Filosofia em sua utilização do celular enquanto ferramenta estratégica.

Há uma carência real por publicação de material didático produzido a partir de um trabalho de campo que inclua as vozes diversas presentes na área educacional, como professores, estudantes, coordenadores e mediadores pedagógicos, dentre outros, incluindo a tradicional academia, representada no projeto pelos membros mestrandos e pós-graduandos, traduzindo o papel de um professor de Filosofia enquanto mediador à distância de uma experiência filosófica com usuários de telefonia móvel, utilizando-a positivamente enquanto ferramenta de educação à distância, a partir do aplicativo whatsapp, em um cenário tecnológico global onde o celular aparece como recente fenômeno técnico-cultural.

Assim, surge o problema que este trabalho buscará responder: Em um contexto tecnológico global, como os erros e os acertos de um professor-mediador em uma experiência filosófica de mediação à distância com o uso do whatsapp contribuem para a produção de um material didático específico direcionado para os docentes em Filosofia?

Objetivo geral

O atual momento tecnológico permite às pessoas de qualquer região do planeta, através das tecnologias de informação e comunicação, o acesso a arquivos e documentos, até então, disponíveis apenas em bibliotecas ou de forma presencial. Em contrapartida, pela primeira vez, o acesso à internet por celular, no Brasil, superou a acessibilidade via computador, aparecendo o whatsapp como o 4º maior aplicativo da internet móvel em uso no país, em que 80% do tráfego nacional é gerado por apenas 5 aplicativos.

Levando-se em conta, igualmente, o crescimento atual do Ensino à distância no cenário brasileiro, este trabalho tem por objetivo geral publicar um produto didático na área de ensino de Filosofia e tecnologia móvel, direcionado a professores de Filosofia de todo país, a partir da compreensão de erros e acertos observados no processo de mediação à distância dos membros do grupo *“Filozapeando”*, composto por estudantes e educadores que, através do aplicativo *'Whatsapp'*, entre os dias 30/06 e 07/07/2016, viveram uma experiência filosófica de construção de conhecimento coletivo, mediada via tecnologia móvel por um docente em Filosofia. Desta forma, a opção por uma perspectiva positiva da tecnologia da informação e comunicação indica o desejo em contribuir com a Educação do país, ao disponibilizar material didático acessível aos docentes brasileiros, na área de Ensino de Filosofia, em sua demanda por formação continuada, especificamente no uso pedagógico do whatsapp.

Objetivos específicos

- Revisar uma forma tradicional de se conceber a educação e as relações sócio-pedagógicas que dela derivam, a partir do conceito de *"Polegarzinha",* criado pelo filósofo francês Michel Serres;
- Buscar uma definição de comunidade virtual de aprendizagem;
- Discutir, a partir das quatro funções do professor-mediador apresentadas por TELES (2009), um modelo docente percebido pelos jovens contemporâneos como obsoleto, na visão de Michel Serres;
- Mostrar uma experiência de mediação vivida por membros do *“Filozapeando”,* mais mediadores, e que se utiliza do telefone celular como estratégia, tanto para o planejamento didático como para a construção coletiva de conhecimento, a partir da interação de voluntários que se propuseram a participar do grupo;
- Sintetizar diversas vozes presentes ao longo da construção deste processo de pesquisa;

Delimitação do tema

Dentro do contexto tecnológico global, o filósofo francês Michel Serres descreve a juventude atual através do conceito de *"Polegarzinha"*, enfatizando com isso a agilidade com que tanto meninas quanto meninos utilizam seus dispositivos móveis no acesso à internet e ao que ali encontram.

Neste cenário, destaca-se o telefone celular, que forja uma nova experiência de tempo e espaço tão profunda que é capaz de transformar significativamente o ser humano, especificamente na área de Educação. Desta forma, a partir do tema da Educação virtual, este trabalho limita-se a pesquisar sobre a mediação à distância em uma experiência filosófica mediada por um professor de Filosofia através do aplicativo de celular Whatsapp.

Estrutura do trabalho

A introdução procura apresentar os referenciais utilizados para a elaboração do texto e a metodologia adotada, apresentando também o objetivo geral e os objetivos específicos, justificando, por fim, a escolha do tema de pesquisa.

No primeiro capítulo, através de uma metodologia teórico-bibliográfica, será descrita a relação condicionante que a tecnologia estabelece com a sociedade global atual, identificando um novo sujeito emergente, denominado por Serres como Polegarzinha. Com isto, explica-se uma tensão própria de nosso tempo, resultado de um modelo de escola pautado em conceitos e práticas oriundos de uma sociedade disciplinar, onde a sala de aula aparece como um lugar em que tal tensão se dá. Desta forma, o celular simboliza esta questão relacional entre professor e estudante, permitindo ao docente a ampliação do entendimento sobre o seu próprio fazer, sobre os estudantes e, também, sobre si mesmo, em seu contexto escolar.

A compreensão negativa, por parte do professor, do uso do celular em sala de aula pelas polegarzinhas e polegarzinhos, aponta para certo modelo de docência, criado em uma determinada configuração escolar, e que exclui uma visão mais ampla sobre a realidade tecnológica na qual todos, inclusive estudantes e docentes, encontram-se imersos. Mesmo a compreensão negativa do aluno sobre o que venha

a ser filosofia, neste sentido, aparece influenciada por esta nova forma de ser, pensar e agir, determinados de maneira relevante pela tecnologia. Ao contrário, compreender positivamente o uso do celular pelos estudantes em sala de aula permite ao professor buscar uma experiência filosófica mais significativa para ambos.

No segundo e terceiro capítulos, a partir de análise qualitativa e quantitativa, a preocupação é narrar uma experiência filosófica específica, denominada "Filozapeando", processo de mediação à distância por um professor de Filosofia com um grupo de discentes e docentes no Whatsapp, levando-se em conta o uso do aparelho de celular enquanto ferramenta pedagógica. Foram transcritas e comentadas questões que surgiram nos debates do grupo, ligadas a temas como ética, tecnologia e Educação, principalmente a partir da perspectiva do mediador docente. Por fim, identificaremos os principais erros e acertos acontecidos neste processo de mediação online, publicando uma cartilha explicativa para docentes em Filosofia, como meio de ampliação da experiência filosófica para além da sala de aula, por meio do uso do aplicativo Whatsapp.

1 - O conceito filosófico de ‘Polegarzinha’ no cenário tecnológico global

Segundo SERRES (2013), o estudante contemporâneo vive uma experiência única na história da humanidade, pois diferente de seus antepassados, habitantes de um mundo predominantemente rural, demograficamente menor, com baixa expectativa de vida, em constante guerra e com poucos recursos, ele reside em um contexto onde não mais convive regularmente com animais criados para sua alimentação, conhecendo somente aquilo que consome das indústrias. Além disso, este jovem discente atual é um urbano morador de espaços super povoados, com uma alta expectativa de vida, em conseqüência de significativos avanços no campo da medicina.

Sendo assim, seu corpo e suas atitudes já não são os mesmos, não possuindo sequer uma moral inspirada pelos adultos a ser considerada válida, conforme pensamento de SERRES (2013). Para MORAES (2011), entretanto, o modo de ser e de pensar do ser humano é profundamente influenciado pelas transformações sociais, sendo relevante, portanto, o entendimento básico das gerações que o antecederam, para melhor compreensão de um determinado pensamento.

Ainda para MORAES (2011), o conceito de gerações, mais explorado nos EUA, faz referência a um grupo de pessoas nascido em um dado período, influenciado por fatos suficientemente grandes que moldam valores e comportamentos. Tal contexto determina de maneira relevante a história destas pessoas, diferenciando as gerações entre si e apontando, em cada uma delas, significativas mudanças atitudinais.

Assim, a geração **Baby Boomers** foi assim denominada por ter nascido entre os anos de 1945 e 1964, período de grande aumento populacional após a Segunda Guerra Mundial, principalmente em países como Irlanda, Austrália, Alemanha, França, Inglaterra e EUA, possuindo, para MORAES (2011), o desejo pela segurança, o respeito pela hierarquia e pelo dever cumprido, além da lealdade aos empregadores, como características. MORAES (2011) ainda argumenta que, nesta geração, haveria uma grande cobrança sobre as mulheres, no sentido de que cumprissem seu papel social na família, limitando seu campo de atuação ao exercício da maternidade e ao cuidado dos filhos no lar.

Já a **Geração X** nasceu entre os anos 60 e 80, experimentando a Guerra Fria. Além disto, questões como família, relacionamento, sexualidade, trabalho, educação e casamento, segundo MORAES (2011), enfrentaram transformações significativas que

proporcionaram a esta geração maior tempo de convívio em creches e escolas, conseqüentemente corroborando seu individualismo e sua autoconfiança. Também sua perspectiva de amizade e convívio social foi influenciada, tornando mais flexível o aspecto valorativo da família.

A geração X, igualmente, conheceu a popularização gradativa do computador, principalmente pelo advento da internet, tornando-se usuária desta tecnologia e disseminando exponencialmente tal forma de comunicação. Para MORAES (2011), a rapidez pela qual a informação circulava modificou os meios de comunicação, permitindo gradualmente o início de um processo de globalização, integrando a comunicação para além das fronteiras geográficas.

Uma mudança ainda mais relevante, no que diz respeito ao comportamento, aconteceu com a **Geração Y**: nascida entre os anos 80 e meados dos anos 90, tal geração é precoce no que diz respeito à independência e valorização da tecnologia, sendo considerada multitarefa e menos afeita à hierarquização, segundo MORAES (2011). Neste sentido, tal posicionamento dialoga com o pensamento de SERRES (2013), que pergunta pela possibilidade de se administrar a realidade complexa sem excluir a desordem inerente ao processo.

MORAES (2011) ainda aponta as seguintes características desta geração: maior interdependência pessoal, social e econômica em relação aos seus genitores; constituição de famílias não nucleares; rapidez no compartilhamento de informações e consumo sem limites. Também considerada como nativa digital, em relação às gerações anteriores, denominadas de imigrantes digitais, para PALFREY E GRASSER (2011) a Geração Y aprende rapidamente tanto o modo com que se utiliza um software novo quanto sobre a construção de uma realidade paralela, sendo outro traço interessante desta geração a diversificação nos modos de acessibilidade às notícias, tornando irrelevante, com tal prática, o jornal impresso.

Ainda segundo PALFREY E GRASSER (2011), não apenas pais, mas professores, igualmente, se preocupam com o descompasso existente entre os estudantes nativos digitais e uma perspectiva pedagógica desatualizada proposta por um sistema educacional que não acompanha as transformações inerentes à nova era digital. Um dos aspectos levantados pelos autores está na formação da identidade entre os Nativos Digitais, bem diferente da formação da identidade entre as gerações pré-digitais, pois naquela há mais experimentação e reinvenção das identidades.

Em contrapartida, para PRENSKY (2001), os não nascidos no mundo digital assumiram em algum momento da vida a maior parte das características desta nova

tecnologia sendo, por isso, sempre comparados aos nativos digitais e, por isso, denominados de imigrantes digitais. Este autor argumenta que o aprendizado dos imigrantes digitais se dá de maneira semelhante ao de qualquer outro imigrante: durante adaptação ao ambiente, em algum nível, permanecem, no entanto, 'sotaques' que denunciam sua pertença a gerações anteriores.

Assim, a percepção do 'sotaque do imigrante digital' é exemplificada na forma como este acessa informação através da internet: na impressão de e-mail ou de documento digitado para editá-lo à mão; mesmo na leitura de um manual sobre algum programa de computador, ao invés de considerar que o próprio programa contém o necessário sua utilização prática. Os imigrantes digitais, portanto, segundo PRENSKY (2001), pela vivência de um processo de socialização diferente do experimentado pelos nativos digitais, se encontram em processo de aquisição de uma linguagem nova, registrada posteriormente em uma área cerebral diferente.

A principal questão enfrentada pela Educação, neste sentido, segundo PRENSKY (2001), está na utilização de uma linguagem obsoleta cunhada em uma época pré-digital, por parte de imigrantes digitais que buscam ensinar jovens falantes de uma língua muito recente, tensão esta que aparece sob a forma como os nativos digitais vêem a instituição escolar, local de experiência com professores que se parecem com estrangeiros que portam uma linguagem desconhecida, acarretando na incompreensibilidade da mensagem transmitida.

No entanto, acostumados à recepção de informações de maneira rápida, os nativos digitais processam simultaneamente através da realização de múltiplas atividades, preferindo, igualmente, a imagem gráfica anterior ao texto, além do acesso a conteúdos de maneira aleatória no formato de hipertexto, o que favorece trabalho em conexão com uma rede de contatos, especialmente se envolver gratificações imediatas e recompensas constantes, em um clima parecido como em um jogo. (PRENSKI, 2001).

PALFREY E GRASSER (2011), neste contexto, compreendem a educação como a melhor forma de auxiliar estes nativos digitais, no que diz respeito à aprendizagem em lidar com a questão da qualidade da informação, a partir do desenvolvimento de habilidades como análise e cruzamento de dados, antes de se aceitar a veracidade de qualquer conteúdo.

No entanto, RODRIGUES E ZATZ (2016) destacam a **Geração Z** como a primeira alfabetizada digitalmente. Segundo MORAES (2011), tal geração é feita por pessoas que nasceram no fim do século XX e início do século XXI, sendo a geração

brasileira nascida de maneira efetiva na era digital. Moldada em seu relacionamento com a tecnologia, esta geração lida com perspectivas múltiplas frente a um mesmo problema. Mais: através do mouse, do controle remoto ou do celular, habituou-se a controlar o fluxo de informações de forma difusa, possuindo familiaridade e conexão integral às redes.

Tal contexto construiu nesta geração a característica do imediatismo que gera impaciência e do individualismo que ocasiona dificuldade no trabalho em equipe, segundo RODRIGUES E ZATZ (2016). Ainda a respeito desta geração, MORAES (2011) afirma que tais nativos brasileiros habitam um período predominantemente virtual, em que a interação constantemente acontece em tempo real, dando-se por meio de informações que circulam de maneira cada vez mais rápida e imperceptível.

Segundo PALFREY E GRASSER (2011), o adolescente de classe média atual, com a idade de 15 anos, é nascido em uma época em que a internet e o Google tornaram-se cotidianos à maioria das pessoas de sua convivência, tanto no que diz respeito às perspectivas sociais quanto educacionais. Possuidor de habilidades específicas, a Geração Z manipula com facilidade tocadores de mp3, celulares, smartphones, tablets e leitores de e-books, tendo provavelmente já ensinado seus próprios professores ou parentes sobre a utilização do controle remoto de uma SmarTV ou sobre a criação de perfil no Facebook.

Este cenário se coaduna ao pensamento de SERRES (2013), que também contrasta sua própria geração à juventude atual, enxergando nesta tensão uma perspectiva de criação e inventividade:

> Se tivesse de traçar um retrato geral dos adultos, no qual me incluo, a descrição seria ainda menos elogiosa. Gostaria de ter 18 anos, a idade da Polegarzinha e do Polegarzinho, pois tudo tem de ser refeito, tudo tem de ser inventado (SERRES, 2013, p. 30).

Desta forma, segundo SERRES (2013), tudo, incluindo interações sociais, relacionamentos, amizades e educação, dentre outras experiências, é transformado pela tecnologia digital e precisa ser repensado. Com isto, especificamente, com relação à juventude atual, afirma SERRES (2013) que esta se utiliza habilmente de seus polegares na manipulação de mídias digitais, interagindo em seus dispositivos móveis com os dedos da mão, acessando a internet e também os conhecimentos ali disponibilizados.

A partir disto, o conceito filosófico *"***Polegarzinha***"*, nome idêntico à obra traduzida de um discurso proferido na Academia Francesa em 2011 por SERRES (2013), propõe uma reflexão sobre a atual geração que estabelece, à sua maneira,

novas relações com a realidade virtual, iniciando uma etapa que, na concepção do filósofo, suplantará o conhecimento tal como ele se dá até os dias de hoje: “A Polegarzinha comemora o fim da era do saber?” (SERRES, 2013, p. 38). Tal termo também abarca, de forma criativa, tanto o gênero feminino quanto o masculino, ao sugerir uma generalização característica dessa geração e até da rede mesma, substituindo o antigo conceito de datilógrafo, datado das gerações anteriores, e levando em consideração as transformações sociais, pedagógicas, lingüísticas e profissionais da atualidade.

Neste sentido, segundo PALFREY E GRASSER (2011), é necessária uma adaptação, por parte das escolas, à nova forma de processamento das informações e aos novos hábitos da juventude atual. Desta maneira, os educadores necessitam aceitar a mudança cada vez mais veloz na forma de aprendizado, bem diverso daquele anteriormente construído no tempo dos pais e professores. O mundo encontra-se habitado por jovens estudantes contemporâneos que não mais conseguem estabelecer uma relação imediata com um modelo educacional insuficientemente atualizado frente às transformações decorrentes do novo panorama digital. Neste sentido, SERRES (2013) também argumenta:

> Enquanto as gerações anteriores assistiam às aulas em salas ou auditórios universitários homogêneos culturalmente, eles estudam em uma coletividade em que agora convivem várias religiões, línguas, origens e costumes. Para eles e para os professores, o multiculturalismo é a regra (SERRES, 2013, p. 15).

A transformação de mundo em que estes juvenis residem inclui, também, a sociedade midiática ou pedagógica, ou seja, o papel pedagógico da mídia, em detrimento aos docentes, não mais escutados como em gerações anteriores:

> Nós, adultos, transformamos nossa sociedade do espetáculo em sociedade pedagógica, cuja concorrência esmagadora, orgulhosamente inculta, ofusca a escola e a universidade. Pelo tempo de exposição de que dispõe, pelo poder de sedução e pela importância que tem, a mídia há muito tempo assumiu a função do ensino. Criticados, menosprezados, vilipendiados, já que pobres e discretos, (...) nossos professores se tornaram os menos ouvidos dentro desse sistema instituidor dominante, rico e ruidoso (SERRES, 2013, p. 18).

Se para DEBORD (2003), a sociedade do espetáculo tem como característica uma representação imagética e imediata que faz das pessoas meros telespectadores contemplativos, em TEIXEIRA (2000), no entanto, Michel Serres define a sociedade pedagógica como a capacidade da juventude atual ir à busca de informações através de meios mais recentes, fazendo com que, paradoxalmente, a geração Polegarzinha

saiba mais que as gerações anteriores. Esta transformação fundamental põe em relevo a construção do conhecimento:

> Já envelhecido, nosso mundo das comunicações está parindo, neste momento, uma sociedade pedagógica, a das nossas crianças, onde a formação contínua acompanhará, pelo resto da vida, um trabalho cada vez mais raro. As universidades à distância, em toda a parte e sempre presentes, substituirão os campi, guetos fechados para adolescentes ricos, campos de concentração do saber. Depois da humanidade agrária vem o homem econômico, industrial; avança uma era, nova, do conhecimento. Comeremos saber e relações, mais e melhor do que vivemos a transformação do solo e das coisas, que continuará automaticamente (SERRES, 1995, p. 55).

Também LÉVY (1999) corrobora tal pensamento, quando afirma que, se a transmissão oral e escrita, predominante nas sociedades agrárias e pré-industriais, condiciona uma aprendizagem fundamentada na reprodução e na repetição, pelas novas tecnologias digitais, os jovens contemporâneos possuem conhecimento, escrita e linguagem diferentes, inferidos na forma peculiar com que manipulam as mídias sociais.

Segundo Michel Serres, em TEIXEIRA (2000), a comunicação passou a ter uma relevância cada vez mais exponencial a partir dos anos de 1965 e 1970, devido ao constante desenvolvimento técnico. Assim, se a distribuição escolar tradicional é a base estrutural de meios como a televisão e o rádio, por exemplo, no entanto, em uma sociedade pedagógica e midiática, uma das características principais é a busca por informações através de novas fontes, como a internet.

Tais mudanças, portanto, transformaram este novo indivíduo global que, habitante de um cenário semelhante ao das transformações de épocas passadas - como neolítico, era cristã, fim da idade média e início do Renascimento -, ao conviver e aprender de uma forma bem diferente a do passado, desafia radicalmente o ensino. Desta forma, a relação pedagógica é modificada pela presença de uma Polegarzinha que tem facilidade na manipulação simultânea de informações, pois "por celular tem acesso a todas as pessoas, por GPS a todos os lugares, pela internet a todo saber: circulam, então, por um espaço topológico de aproximações, enquanto vivíamos um espaço métrico, referido por distâncias" (SERRES, 2013, p. 19). Com isso, os jovens parecem não mais habitar o nosso espaço e nosso mundo. Diante disto, uma questão se coloca:

> Qual literatura, qual história eles irão compreender, felizes, sem ter convivido com a rusticidade, com os animais domésticos, com as colheitas de verão, com os diversos conflitos, com cemitérios, com feridos, com famintos, com pátria, com bandeira ensangüentada, com monumento aos mortos... e sem ter experimentado, no sofrimento, a urgência vital de uma moral? (SERRES, 2013, p. 16).

Tal questionamento é pertinente, pois outro ser humano surge, agora, com a cabeça diferente daquela de seus ascendentes: "Não tem mais a mesma cabeça" (SERRES, 2013, p. 19), aludindo à antiga lenda de São Denis, bispo de Paris que, ao ser capturado e decapitado, pegou com as próprias mãos sua cabeça, seguindo, assim, a pé, até ao local de sua execução. Nesta narrativa, SERRES (2013) apresenta uma analogia com a Polegarzinha que, abrindo seu microcomputador, enxerga diante de si sua própria cabeça, bem cheia, “haja vista a quantidade de informações disponíveis, mas também bem constituída, já que os motores de busca trazem, à vontade, textos e imagens” (SERRES, 2013, p. 15).

Se o saber, afirma LÉVY (1999), antes da escrita, era cercado de ritos, praticado e vivido de forma comunitária e posteriormente encarnado em livros, além de reverenciado em seus intérpretes, - pois o conhecimento encontrava-se na biblioteca e na sabedoria daquele que o dominava -, numa cultura tecnológica, todavia, a biblioteca é desterritorializada e o conhecimento passa a pertencer à rede. Assim, há uma desterritorialização do conhecimento e uma descentralização do saber que, segundo LEVY (1999), não se limitam a espaços restritos ou a um número pequeno de pessoas, ocasionando, desta forma, reconhecimento e valorização de uma inteligência coletiva que não ignora o sujeito, diferente de uma concepção cartesiana do conhecimento, em que o objeto do saber encontrava-se à frente do sujeito.

Tal relação funda-se no sujeito e objeto do saber, rompendo assim o processo poder e saber. Isto remete, também, à imagem de uma rede que, com seus nós, produz uma multiplicidade de conhecimentos deslocados de seu ponto central e que se bifurcam de maneira contínua, em um processo constante de criação de novas redes de conhecimento, descentralizando, por conseguinte, também os saberes, de forma gradual e ampla.

A desterritorialização, pois, para LEVY (1999), é um meio de não vinculação do saber apenas a espaços pré-estabelecidos, mobilizando e encontrando novos conhecimentos menos instituídos, através de uma forma diferente de percepção da realidade, enquanto abertura para a descoberta de idéias novas, inicialmente não previstas, além de valorização de espaços novos que vão além dos tradicionais. Mais: a descentralização do conhecimento e a desterritorialização do saber permitem às pessoas, mesmo pouco favorecidas no âmbito social, maiores possibilidades de interação e construção do conhecimento, a partir de seus próprios saberes.

É justamente neste sentido que todos, de certa forma, “nos tornamos São Denis” (SERRES, 2013, p. 36), pois “nossa cabeça foi lançada à nossa frente, nesta

caixa cognitiva objetivada" (SERRES, 2013, 36). No vácuo entre a cabeça e o tronco, abre-se, pois, sobre os nossos ombros, uma intuição inovadora e inventiva.

> "Cogito: meu pensamento se distingue do saber, dos processos de conhecimento – memória, imaginação, razão dedutiva, sutileza e geometria... externados, por sinapses e neurônios, no computador. Melhor dizendo: penso e invento quando me distancio desse saber e desse conhecimento, quando me afasto" (SERRES, 2013, p. 42)

No entanto, professores, atualmente, lecionam à juventude em estruturas pensadas e construídas em um tempo não mais reconhecido pela geração contemporânea:

> prédios, pátios de recreio, salas de aula, auditórios, laboratórios, os próprios saberes... Estruturas que datam de uma época, que enquadravam-se num tempo em que seres humanos e o mundo eram algo que não são mais (SERRES, 2013, p. 24).

O início deste "tempo em que seres humanos e o mundo eram algo que não são mais" (SERRES, 2013, p. 24) pode ser inscrito entre o término do século XVII e o transcurso do XVIII. Lá, o corpo individual passou a ter relevância, enquanto estrutura de poder que, mediante técnicas, buscava trabalhá-lo minuciosamente através de estratégias, distribuindo-o e organizando-o no espaço e no tempo, de modo a vigiá-lo, aumentando, assim, sua força útil. Esta dimensão estrutural é chamada por Foucault de poder disciplinar, e busca movimentos eficientes por meio de exercícios, com organização do aspecto espaço-temporal (FOUCAULT, 2004).

Estas estratégias disciplinares, muito embora já tivessem sido utilizadas anteriormente ao longo da história, foram constituídas em fórmulas gerais de dominação apenas a partir dos séculos XVII e XVIII. Dentro deste cenário, as instituições disciplinares foram constituídas enquanto espaços de confinamento, com finalidade de vigiar e adestrar os sujeitos, acompanhando-os ao longo de toda sua vida. Assim, dentre outras, a escola se configura em espaço relevante, por produzir uma subjetividade disciplinada, mediante a disseminação desta estrutura de poder, por meio de práticas e estratégias específicas, tais como a valorização de regulamentos e a organização do espaço e do tempo com fins de maiores resultados.

Tudo isto acaba por promover uma racionalidade econômica sobre o sujeito e suas atitudes, organizando e separando o indivíduo em locais anteriormente escolhidos, com o único objetivo de evitar a diversidade e o grande número de pessoas. Com a delimitação do espaço, não só a vigilância é ressaltada, mas igualmente a disciplina, enquanto técnica de dominação.

Em contrapartida, o início do século XX vê surgir uma crise da disciplina, com o conseqüente desgaste dos ambientes institucionais de confinamento. Deleuze reflete sobre o advento de outra tecnologia de poder, que começa a ganhar força então, elaborando o conceito de sociedade de controle (DELEUZE, 1992). Este modelo de controle social tem por característica a não estruturação do poder por meio da delimitação de espaços, indicando com isso uma fluidez que o estende para qualquer parte. No entanto, isto não significa dizer que na sociedade de controle não há regulamentos e normas a serem seguidas. O que se afirma é que há mais fluidez e alternância nos mecanismos de poder, que se estendem para todo corpo social, significando dizer, igualmente, que o novo sujeito é construído a partir de experiências sociais mais fluidas.

A escola e sua lógica apareceram sob uma perspectiva disciplinar, como uma instituição relevante cujo objetivo era formar a subjetividade de acordo com a norma dominante. As práticas escolares eram objeto do poder disciplinar, promovendo o conceito de saber durável. Sujeitos dóceis e disciplinados eram formados, assim, mediante valores tais como o esforço e a espera, o que levava a escola a valorizar experiências que conduziam o aluno a reconhecimento da importância de atitudes de longo prazo.

Com o advento da sociedade de controle, aparece uma descontinuidade que traz conseqüências para tal poder disciplinar. A nova tecnologia de poder se pauta, então, na produção de subjetividades menos rígidas, o que faz com que a disciplina deixe de ser a principal forma de subjetivação, perdendo a escola sua força, enquanto forma central na produção de sujeitos.

A instituição escolar passa a conviver, enquanto espaço, com diversos outros, agora, pautados em conceitos como velocidade, obsolescência e fluidez, em contraposição ao modo disciplinar de ser, objetivo educacional maior. Assim, estruturalmente rígida, a escola de hoje enfrenta uma crise, também por conta da complexa relação que precisa estabelecer com as novas formas de subjetivação que prevalecem no século XXI. Segundo SERRES (2013), “resta, então, inventar novos laços. Prova disto, a força de atração do Facebook, quase equipolente à população do mundo” (SERRES, 2013, p. 23).

Na atualidade, a escola deve ser pensada a partir de múltiplas representações sociais construídas no contemporâneo, dentre as quais, as mídias sociais e a internet que, por exemplo, formam um sujeito distinto daquele pretendido pela ótica disciplinar.

Tal subjetividade, inserida na dinâmica escolar, sente-se deslocada em uma realidade criada em um passado onde as necessidades sociais eram diferentes das atuais.

> O espaço centrado ou focado da sala de aula ou do auditório pode também esboçar como o de um veículo: trem, automóvel, avião em que os passageiros, sentados em fileiras no vagão, no banco ou na fuselagem, se deixam dirigir por quem os pilota rumo ao saber. Olhem para o corpo do passageiro:esparramado de qualquer jeito, de barriga para cima e olhar vago e passivo. Ativo e atento, pelo contrário, o motorista arqueia as costas e estica os braço no volante. Quando a Polegarzinha usa o computador ou o celular, ambos exigem o corpo de umam motorista na tensão da atividade: demanda e não oferta. Ela arqueia as costas e não fica de barriga para cima. Empurre essa pessoinha para uma sala de aula: habituado para dirigir, seu corpo não suporta por muito tempo a poltrona do passageiro passivo. A Polegarzinha, então, se ativa, mesmo sem aparelho para dirigir. Algazarra. Ponha suas mãos um computador e ela recupera os gestos do corpo-piloto (SERRES, 2013, 49).

Não produzindo mais a escola, enquanto funcionalidade específica, uma subjetividade demandada pelo presente cenário social, esta, assim, é passível de ser percebida em momentos como no uso recorrente, pelos estudantes, do aparelho celular em sala de aula, onde o sujeito em construção pela tecnologia parece querer emergir, ao sinalizar a presença de uma subjetividade midiática. Este fato deve ser pensado filosoficamente, pois

> Diante dessas transformações, sem dúvida, é necessário inventar novidades inimagináveis, fora do âmbito habitual que ainda molda nossos comportamentos, nossa mídia, nossos projetos originados na sociedade do espetáculo. Vejo em nossas instituições o mesmo brilho das constelações que os astrônomos nos dizem ter morrido há muito tempo. Por que essas novidades não aconteceram? Eu acusaria os filósofos, entre os quais me incluo, gente que tem como função antecipar o saber e as práticas futuras e que, tenho a impressão, falhou nesse ponto (SERRES, 2013, p. 30).

Para Michel Serres, em TEIXEIRA (2000), portanto, a sociedade de controle, na perspectiva foucaultiana, é completamente preenchida pelo direito, pois para cada localidade há uma vigilante jurisdição. Em contrapartida, a ausência de controle, em espaços de não-direito, na contemporaneidade, deve ser percebida sob a perspectiva de uma maior liberdade de comunicação, o que permite a expressão de um saber o qual, não sendo oficial, todavia, é relevante para o renascimento de certas disciplinas.

Desta forma, cada vez mais, a circulação informacional funda o laço social, pelo fato de que a sociedade contemporânea fundamenta-se em uma economia virtual. Numa economia imaterial, segundo Michel Serres em TEIXEIRA (2000), o saber ganha valor, o que, em certo sentido, LÉVY (2007) corrobora, ao dizer que uma economia do humano necessariamente inclui uma economia do saber que objetiva

enriquecer o ser humano a partir da ampliação individual e coletiva de competências diversas, além da promoção da interatividade social que reconhece o saber do outro como legítimo e importante em sua própria construção, ocasionando meios de gerar autonomia e diversidade.

Se no passado havia uma crítica à biblioteca, pela falta de controle ao acesso, na época resolvida pela criação do Index, o mesmo acontece, atualmente, em relação ao controle de informações na internet. No entanto, se uma questão importante é a insuficiência no controle ao acesso de informações, o não-controle é defendido por Michel Serres em TEIXEIRA (2000), no sentido de que nos espaços de não-direito acontecem transformações sociais. Se há o risco da violência, por exemplo, nas novas tecnologias, como espaço de não direito, há também a totalidade do saber.

Esgotadas as condições que produziam sujeitos disciplinados e dóceis, a escola, com suas estratégias disciplinares, deixou igualmente de ter relevância na formação social do sujeito, que atualmente encontra outras formas de ser e conhecer, que não mais se coadunam com valores permanentes e duráveis apresentados pela instituição escolar.

Tal contexto exige um novo olhar sobre a experiência escolar, pois o sujeito discente no contemporâneo é alguém conectado que navega no fluxo de informações, fazendo-se necessário, portanto, o desenvolvimento de operações que produzam maior sentido ao estudante, em substituição à antiga lógica disciplinar, cada vez mais ultrapassada na perspectiva discente, pois, “provavelmente por não terem ainda se aposentado, os que se arrastam na transição entre as últimas etapas são quem decidem as reformas, seguindo modelos há muito tempo superados” (SERRES, 2013, p. 28).

O descompasso entre processos de subjetivação mais flexíveis que formam o sujeito nesta segunda década do século XXI e uma dinâmica que modela um sujeito pretendido pela instituição escolar, pensado e criado a partir de mecanismos disciplinares, torna ultrapassada uma atitude docente denominada de "presunção de incompetência" (SERRES, 2013, p. 63), pois já não mais é verdade que somente professores detém o saber: “Ninguém mais precisa dos porta-vozes de antigamente, a não ser que um deles, original e raro, invente." (SERRES, 2013, 45).

A partir destas transformações acontecidas na construção do conhecimento, três perguntas devem ser feitas, segundo SERRES (2013): O que, a quem e como transmitir? Com isto, ressalta-*se a relação* entre pedagogia e evolução tecnológica. No passado, o suporte do saber era o corpo do professor: "bibliotecas vivas: esse era o

corpo docente do pedagogo" (SERRES, 2013, p. 25). Posteriormente, foram criados os rolos de pergaminho, os livros e a imprensa. Mais recente, a internet, que é "a evolução da dupla, suporte-mensagem, é uma boa variável da função ensino" (SERRES, 2013, p. 25).

Neste sentido, há uma relação entre o início da impressão e o das mídias digitais, em que, de certa forma, tudo já está dado. Com isto, torna-se relevante a assimilação do saber pelo aluno, pela simples razão da nova maneira em que o conhecimento se distribui: Se a memória mudou com a chegada dos livros e da imprensa, hoje não há necessidade de armazenamento do saber, no sentido de que todas as informações encontram-se arquivadas no computador ou na nuvem. A Polegarzinha, assim, não registra os dados no interior do seu cérebro, ponto onde tanto "reside a nova genialidade (...), a autêntica subjetividade cognitiva" (SERRES, 2013, p. 37), quanto permite o tumulto das vozes que dispersam.

Desta forma, a Polegarzinha ouve cada vez menos os docentes porta-vozes e escuta mais outros barulhos, todos emitidos de cada ponto da rede, substituindo o silêncio imóvel e decaído das antigas instituições pela algazarra ruidosa sem um centro específico.

Para SERRES (2013), portanto, ao afastar-se da acumulação do conhecimento, simbolizada na antiga formatação de página, ultrapassada atualmente frente às novas tecnologias, dá-se uma inteligência inventiva na Polegarzinha. Um docente preso a uma página motriz, porta-voz de um conhecimento ultrapassado, provoca, neste sentido, na nova geração, uma reação de não escuta e de não leitura. Perceber nesta radical transformação pedagógica um tempo novo, onde a escuta dos barulhos de fundo e de ruídos das conversas interferem mesmo as práticas docentes mais tradicionais é relevante em um contexto onde encontra-se algo parecido com uma manifestação contrária à “antiga voz do livro” (SERRES, 2013, p. 44).

> Deixados em silêncio há três milênios, a Polegarzinha, suas irmãs e seus irmãos passaram a produzir um barulho de fundo que abafa o porta-voz do escrito. Por que ela tagarela tanto, em meio ao tumulto de colegas tagarelas? Porque todos têm o tal saber que se anuncia. Inteiro. À disposição. Na mão. Acessível pela internet, Wikipédia, celular, em inúmeros sites. Explicado, documentado, ilustrado, sem maior número de erros dos que nas melhores enciclopédias. Ninguém mais precisa dos porta-vozes de antigamente, a não ser que um deles, original e raro, o invente. É o fim da era do saber (SERRES, 2013, p.44).

Buscando encontrar o conhecimento em sua máquina, a Polegarzinha deixa-o de procurar na organização das bibliotecas e livros, numa formatação página a página. Instituições como a escola e a universidade, com efeito, não detém mais, de maneira

exclusiva, o poder de divulgar o saber, que já passou a circular em rede, de forma anônima, e a ser transmitido e compartilhado por inúmeras pessoas, dispensando uma submissão até então necessária aos professores ou mesmo a uma única perspectiva filosófica absoluta, disciplinadora de corpos, tanto docentes quanto discentes:

> As grandes instituições que acabo de citar, cujo volume ocupa ainda todo o palco até a cortina do que ainda chamamos nossa sociedade, mesmo se reduzindo a algo que diariamente perde um pouco de densidade plausível, sem nem querer se dar ao trabalho de renovar o espetáculo e esmagando de mediocridade a população esperta, essas grandes instituições, gosto de repetir, se parecem com as estrelas de que recebemos luz, mas que a astrofísica calcula terem morrido há muito tempo. Provavelmente, pela primeira vez na história, o público, os indivíduos, as pessoas, o passante antigamente chamado vulgar, resumindo, a Polegarzinha, podem ter à disposição, no mínimo, tanta sabedoria, ciência, informação, capacidade de decisão quanto os dinossauros em questão, de cuja voracidade por energia e cobiça por produção ainda servimos como escravos submissos (SERRES, 2013, p. 77).

Há, pois, uma mudança significativa na relação contemporânea entre a Polegarzinha e o professor. A acessibilidade informacional ampla permite, por assim dizer, à Polegarzinha, acumular saber em seu próprio bolso, mediante novas tecnologias da informação e comunicação, como é o caso do aparelho de telefonia móvel. Isto denota a característica de imediato acesso à informação, através de novas tecnologias, na contemporaneidade. Esta mudança fundamental altera realidades como escola, universidade, centros de pesquisa, transformando por completo o jogo do ensino. Segundo SERRES (2013), o que se deu, de fato, foi a morte da antiga sala de aula e, conseqüentemente, a emancipação da juventude.

Buscando com habilidade o conhecimento em sua própria máquina, a Polegarzinha desorganiza o tradicional estabelecido pela classe onde, na maioria das vezes, a criatividade e a inventividade tornam-se prisioneiras da desmotivação.

As ciências cognitivas afirmam que atualmente, zonas distintas do cérebro são atingidas, a partir de estímulos diferentes, ou seja, neurônios diferentes são tocados, na excitação por uma página de papel ou numa interação com tela, por exemplo, reorganizando por completo a pessoa, com conseqüências para o conhecimento, para a própria pessoa e para o mundo em que ela vive.

> Essas crianças, então, habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados (SERRES, 2013, p. 19).

Quando, na educação, havia apenas a palavra, era sempre possível falá-la ou cantá-la, repetindo, assim, o que era dito, se necessário fosse. A Pedagogia, no entanto, originada da palavra grega paidéia, remonta àquela inventada simultaneamente com a invenção da escrita, quando qualquer estudante podia ter frente a si um registro daquilo que lhe estava sendo ensinado. Com isto, segundo SERRES (2013), mudou-se a pedagogia e a escola, por ocasião do surgimento do livro. Similarmente, a modificação profunda da realidade humana, ocorrida com a invenção técnica da escrita e da leitura, também se dá com a era digital da Polegarzinha,

Para SERRES (2013), persiste, porém, numa constante histórica, a idéia da relação pedagógica entre aluno e mestre (professor, cantor, aedo, etc). Modificou-se definitivamente, apenas, o suporte, enquanto forma (escrito, livro ou digital). Neste sentido, LEVY (2007) aponta que a mediação relacional entre pessoas consiste na aprendizagem mútua em que todas as identidades tornam-se uma identidade baseada no saber, trazendo conseqüências importantes no campo ético, como a questão ontológica sobre o outro, em que a resposta encontra-se, igualmente, no conhecimento, construído melhor coletivamente do que de maneira individual.

Tudo isto altera a função docente, que historicamente é conhecido como porta-voz de um conhecimento durável, exigindo, portanto, uma transformação deste conceito, a partir de uma experiência que leve em conta, de forma mais significativa, uma sociedade repleta de mídias interativas, possuidora de uma lógica bem mais rápida e difusa.

Neste sentido, a função mais adequada ao professor, em um contexto tecnológico, é a de mediador, aquele que provoca o pensamento em um processo de democratização do saber, produzindo um conhecimento construído coletivamente, pois, ao insistir apenas na transmissão de conteúdos, assume o papel de quem detém o conhecimento de maneira exclusiva, o que não encontra resposta em sua relação com os discentes atuais, originando, desta forma, o fracasso da experiência pedagógica, enquanto relação professor-discente.

> O antigo espaço de concentrações – este, inclusive, em que falo e que me ouvem; o que, aliás, fazemos aqui? – se dilui, se espalha. Vivemos, acabei de dizer, em um espaço de proximidades imediatas, e, além disso, ele é distributivo. Eu poderia estar falando de casa ou de alhures e vocês me ouviriam em outro lugar ou nas suas casas. O que, então, fazemos aqui? (SERRES, 2013, p. 26).

No entanto, a teoria em si não modifica o mundo, mas contribui para sua transformação ao sair de si mesma, sendo antes de tudo assimilada pelos que vão ocasionar, em uma atitude docente, tal transformação. Entre a teoria e a atividade prática transformadora, pois, se insere um trabalho de educação das consciências, de organização de meios materiais e planos concretos de ação: tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais e efetivas. Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação (VAZQUEZ, 1977).

Há uma valorização crescente da prática cotidiana como lugar de construção dos saberes na área da formação de professores. Embora exista, inclusive no âmbito internacional, cada vez mais produção acadêmica neste sentido, no entanto, persistem ainda setores que demandam pesquisa, principalmente se levarmos em conta aspectos desafiadores da escola de massas, como a incidência, nela, da ação docente, em uma sociedade profundamente desigual, também no que diz respeito ao social e à Educação.

A pergunta sobre a função docente enquanto transmissor de conhecimentos denota, especificamente, o problema do saber escolar e do saber docente, tema este que, embora já bastante pesquisado a partir dos anos 80, surge mais recentemente, a partir de perspectivas novas, apontando antigas e mal resolvidas questões, através de políticas e práticas de formação de professores.

Neste sentido, o conteudismo aparece como uma resposta que parte de uma tradição centrada na figura do professor, como transmissor de cultura, e em que o aluno é avaliado a partir do volume de informação assimilado. Este modelo educacional cresceu a partir das escolas francesas iluministas, no século XVIII. LIBÂNEO (1985) expande este conceito, ao afirmar que

> Conteúdos são os conhecimentos sistematizados, selecionados das bases das ciências e dos modos de ação acumulados pela experiência social da humanidade e organizados para serem ensinados na escola; são habilidades e hábitos, vinculados aos conhecimentos, incluindo métodos e procedimentos de aprendizagem e de estudo; são atitudes e convicções envolvendo modos de agir, de sentir e de enfrentar o mundo (LIBANEO, 1985, p. 19).

O domínio de conteúdos, assim, aparece no exercício da profissão docente no Brasil como uma complexa questão que atinge a área de Educação. A prática do Ensino de Filosofia se insere também neste contexto. GALLO (2012) questiona a própria idéia do Ensino de Filosofia, ao perguntar:

> Há algo de específico em ensinar filosofia? Ou, para dizer de outro modo: ao praticarmos o ensino de filosofia, nós o fazemos servindo-nos de uma ‘didática geral’ (lembremos Comenius e sua proposta de uma ‘arte de se ensinar tudo a todos’...) ou de uma ‘didática específica’? (GALLO, 2012, p. 20).

Há um jeito peculiar e tradicional de Ensino de Filosofia exemplificado por SERRES (2013) para mostrar uma relação entre professor e aluno pautada apenas na transmissão de conteúdos que provoca submissão e disciplina. Com efeito, a Polegarzinha não aceita mais passivamente um silêncio imposto para a escuta de um conhecimento armazenado em formato de páginas em um livro (SERRES, 2013).

> O espaço centrado ou focado da sala de aula ou do auditório pode também esboçar como o de um veículo: trem, automóvel, avião em que os passageiros, sentados em fileiras no vagão, no banco ou na fuselagem, se deixam dirigir por quem os pilota rumo ao saber. Olhem para o corpo do passageiro:esparramado de qualquer jeito, de barriga para cima e olhar vago e passivo. Ativo e atento, pelo contrário, o motorista arqueia as costas e estica os braço no volante. Quando a Polegarzinha usa o computador ou o celular, ambos exigem o corpo de umam motorista na tensão da atividade: demanda e não oferta. Ela arqueia as costas e não fica de barriga para cima. Empurre essa pessoinha para uma sala de aula: habituado para dirigir, seu corpo não suporta por muito tempo a poltrona do passageiro passivo. A Polegarzinha, então, se ativa, mesmo sem aparelho para dirigir. Algazarra. Ponha suas mãos um computador e ela recupera os gestos do corpo-piloto (SERRES, 2013, p. 49).

Assim, como em uma relação de oferta e demanda, SERRES (2013) denuncia uma Filosofia entendida apenas como um saber anteriormente “raro e secreto” (SERRES, 2013, p. 46), porém, agora, “próximo, inclusive em objetos de pequenas dimensões, que a Polegarzinha carrega no bolso, junto ao lenço. A onda de acesso aos saberes sobe tão alto quanto a da tagarelice” (SERRES, 2013, 46). A própria formulação dos conceitos, aspecto tradicionalmente tão importante para a construção de um saber filosófico, é apresentado pelo autor como irrelevante relevante quando relacionada à própria Polegarzinha:

> O objeto da cognição acaba de mudar. Não temos obrigatória necessidade de conceito. Às vezes sim, pode ser, mas nem sempre. Podemos passar o tempo que for preciso com narrativas, exemplos e singularidades, com as próprias coisas (SERRES, 2013, p. 56).

A Polegarzinha, desta forma, aponta uma atitude pedagógica obsoleta, revelando uma relação construída através do medo inculcado, pois segundo SERRES (2013), “muitos se sentiriam inclusive aterrorizados, impedidos, com isso, de aprender. Não burros, mas apavorados” (SERRES, 2013, p. 47). Uma filosofia assim, transmitida

enquanto Saber Absoluto, “exigia inclinação submissa, como a dos ancestrais, curvados diante do poder absoluto dos reis por direito divino” (SERRES, 2013, p. 47).

> Jamais existiu democracia do saber. Não que alguns, detendo saber, detivessem poder, mas sim porque o saber propriamente exigia corpos humilhados, inclusive dos que o detinham. O mais apagado dos corpos, o corpo letivo, dava aula fazendo sinais para aquele absoluto ausente, para aquela totalidade inacessível. Fascinados, os corpos nem se mexiam (SERRES, 2013, p. 47).

No entanto, em uma sociedade em que todos podem ser ouvidos, para SERRES (2013), vislumbra-se um novo tempo de democratização do saber, em detrimento ao antigo modelo um/múltiplos, em que as relações de poder encontravam-se mais verticalizadas, como por exemplo, na comunicação através da televisão, permitindo, tal perspectiva da multiplicidade, uma nova concepção de educação.

A revolução digital, assim, segundo SERRES (2013), é a terceira revolução conhecida, a saber: invenção da escrita (primeira revolução), invenção da imprensa (segunda revolução) e revolução digital (digital). A primeira permitiu grandes transformações, por exemplo, na política, na sociedade, no comércio, nas finanças, na religião e, também, na filosofia e na pedagogia, como no exemplo da paideia grega, nascida da escritura, enquanto o tema da escrita já aparece em Platão. Quando à invenção da imprensa, ocorreram igualmente profundas transformações, seja no aspecto social, seja no filosófico, como, por exemplo, com a filosofia dos livros de Montaigne.

Na revolução provocada pela Polegarzinha, portanto, a própria idéia abstrata é colocada em questão:

> E o que pensar dos conceitos, em geral tão dificilmente formulados? Diga-me o que foi feito da Beleza. (...) Ainda precisamos dela? Nossas máquinas correm tão rápidas que podem contar indefinidamente o particular e parar na originalidade. Se a imagem da luz servir ainda para ilustrar, por assim dizer, o conhecimento, nossos antepassados ficavam com a claridade, enquanto optamos pela velocidade. O motor de busca pode, eventualmente, substituir a abstração (SERRES, 2013, p. 55).

Esta nova forma de pensar e agir, pela cibercultura (LÉVY, 1999), todavia, ao produzir uma nova subjetivação, oriunda de contextos informacionais, em detrimento à lógica disciplinar da instituição escolar, com a crise do livro e da cultura, vê o surgimento da Polegarzinha, que pode não ser compreendida pelos mais velhos, habitando como uma nova pessoa vivendo em um mundo marcadamente digital.

LÉVY (2007) corrobora esta argumentação através do conceito de ciberespaço como lugar em que acontecem contínuas transformações. Desta forma, o projeto de

inteligência coletiva é pautado na construção de relações entre indivíduos que, mesmo isolados, se conectam mutuamente.

> O problema da inteligência coletiva é descobrir ou inventar um além da escrita, um além da linguagem tal que o tratamento da informação seja distribuído e coordenado por toda parte, que não seja mais apanágio de órgãos sociais separados, mas se integre naturalmente, pelo contrário, a todas as atividades humanas, volte às mãos de cada um (LÉVY, 2007, p. 17).

É neste contexto que se insere o Ensino a Distância, que teve no livro impresso a primeira geração de EaD de massa e, a partir de uma tecnologia tipográfica, ampliou-se o alcance desta modalidade de educação. Historicamente, a Educação a Distância foi consolidada no mundo, a partir do século XVIII, possuindo como momentos principais, segundo VASCONCELOS (2005) e GOUVÊA & OLIVEIRA (2006):

• 1728 – Anúncio publicado na edição de 20 de março de um curso pela Gazeta de Boston, ofertando material para ensino e tutoria por correspondência com o Prof. Caleb Philipps, de Short Hand,

• 1829 – Inauguração do Instituto suíço Líber Hermondes, onde mais de 150.000 pessoas fizeram cursos por meio da Educação a Distância;

• 1840 – Inauguração da primeira escola por correspondência européia, na Faculdade Sir Isaac Pitman, Reino Unido;

• 1856 – Patrocínio, em Berlim, pela Sociedade de Línguas Modernas, dos docentes Charles Toussaine e Gustav Laugenschied para o ensino de Francês por correspondência;

• 1892 – Criação da Divisão de Ensino por Correspondência para preparação de docentes no Departamento de Extensão da Universidade de Chicago, nos EUA.

• 1922 – Começo de cursos por correspondência na URSS;

• 1935 – Início de programas escolares por meio de rádio pelo Japanese National Public Broadcasting Service, como ensino complementar da escola oficial;

• 1947 – Início na França da transmissão das aulas de quase todas as matérias literárias da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris, através da Rádio Sorbonne;

• 1948 – Criação da primeira legislação norueguesa para escolas por correspondência;

• 1951 – Surgimento da Universidade de Sudáfrica, única universidade a distância da África com foco exclusivo no desenvolvimento de cursos nesta modalidade;

• 1956 – Início da transmissão da programação educacional televisiva nos EUA, através da Chicago TV College, com gradual influência em outras universidades

americanas criaram em curto espaço de tempo unidades de ensino a distância, baseadas fundamentalmente na televisão;

• 1960 – Inauguração da Tele Escola Primária argentina do Ministério da Cultura e Educação, integrando os materiais impressos à televisão e à tutoria;

• 1968 – Inauguração da Universidade do Pacífico Sul, uma universidade regional pertencente a 12 países-ilhas da Oceania;

• 1969 – Criação da Fundação da Universidade Aberta no Reino Unido;

• 1971 – Fundação da Universidade Aberta Britânica;

• 1972 – Criação da Universidade Nacional de Educação a Distância espanhola;

• 1977 – Início da Fundação da Universidade Nacional Aberta venezuelana;

• 1978 – Inauguração da Universidade Estadual a Distância costarriquenha;

• 1984 – Implantação da Universidade Aberta holandesa;

• 1985 – Criação da Fundação da Associação Europeia das Escolas por Correspondência;

• 1985 – Implantação da Universidade Nacional Aberta Indira Gandhi, na Índia;

• 1987 – Divulgação da resolução do Parlamento Europeu sobre Universidades Abertas na Comunidade Européia;

• 1987 – Criação da Fundação da Associação Européia de Universidades de Ensino a Distância;

• 1988 – Criação da Fundação da Universidade Aberta portuguesa;

• 1990 – Implantação da rede Européia de Educação a Distância, fundamentada na declaração de Budapeste, e do relatório da Comissão sobre educação aberta e à distância na Comunidade Européia;

Tais fatos e instituições foram relevantes para consolidar a Educação à Distância, disponibilizada atualmente em mais de 80 países, nos cinco continentes, que utilizam a Educação a Distância em todos os níveis de ensino, em programas formais e não formais (GOUVÊA & OLIVEIRA, 2006). Além disso, em nosso país, segundo ALVES (2011), os acontecimentos mais relevantes na história da Educação à Distância no Brasil foram:

• 1904 – Registro na 1a edição dos classificados do Jornal do Brasil registra de um anúncio oferecendo curso profissionalizante por correspondência para datilógrafo;

• 1923 –Henrique Morize e Edgard Roquette-Pinto, mais um grupo de empresários, criam a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, oferecendo cursos de Português, Francês, Silvicultura, Literatura Francesa, Esperanto, Radiotelegrafia e Telefonia. Começa, desta forma, a Educação à Distância através do rádio em nosso país;

• 1934 – Instalação da Rádio–Escola Municipal no Rio de Janeiro, um projeto de Edgard Roquette-Pinto para a então Secretaria Municipal de Educação do Distrito Federal. Os estudantes acessavam previamente folhetos e esquemas de aulas, sendo também a correspondência utilizada como forma de contato com os cursistas;

• 1939 – Criação do Instituto Monitor em São Paulo, o primeiro instituto do Brasil a oferecer de maneira sistemática cursos profissionalizantes a distância por correspondência, na época ainda com o nome Instituto Rádio Técnico Monitor;

• 1941 – Criação do Instituto Universal Brasileiro, segundo instituto brasileiro a disponibilizar cursos profissionalizantes de forma sistemática. Ainda no ano de 1941, aparece a primeira Universidade do Ar, extinta em 1944.

• 1947 – A nova Universidade do Ar reaparece com o patrocínio do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social do Comércio (SESC) e emissoras associadas, oferecendo cursos comerciais radiofônicos que disponibilizavam apostilas, como posterior correção de exercícios por monitores. Tal experiência foi extinta em 1961, prosseguindo, no entanto, o SENAC a oferecer Educação a Distância continua até hoje;

• 1959 – Origem do Movimento de Educação de Base (MEB), na diocese de Natal, Rio Grande do Norte, com a criação de escolas radiofônicas, o que originou a Educação a Distância não formal no Brasil, a partir de uma parceria entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Governo Federal, que se serviu de um sistema rádio-educativo para a democratização do acesso à educação, incentivando o letramento de jovens e adultos;

• 1962 – Criação da filial paulista da Ocidental School, de origem americada, com foco na área de eletrônica;

• 1967 – Começo das atividades do Instituto Brasileiro de Administração Municipal no setor de educação pública, mediante metodologia de ensino por correspondência. Também em 1967, a Fundação Padre Landell de Moura cria seu núcleo de Educação a Distância, com utilização de metodologia de ensino por correspondência e através de rádio;

• 1970 – Início do Projeto Minerva, através de um convênio envolvendo o Ministério da Educação, a Fundação Padre Landell de Moura e Fundação Padre Anchieta, com o objetivo de utilizar o rádio para a educação e a inclusão social de adultos;

• 1974 – Início do Instituto Padre Reus, começando também, na TV Ceará, cursos das antigas 5ª à 8ª séries (atuais 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental), incluindo material televisivo, impresso e suporte de monitoria;

• 1976 – Criação do Sistema Nacional de Teleducação, com cursos mediante material instrucional;

• 1979 – Criação, na Universidade de Brasília, de cursos mediados por jornais e revistas, através da Educação a Distância

• 1981 – Fundação do Centro Internacional de Estudos Regulares (CIER) do Colégio Anglo Americano, oferecendo Ensino Fundamental e Médio a distância e permitindo que crianças de famílias que temporariamente mudaram-se para o exterior, prossigam seus estudos através do sistema educacional brasileiro;

• 1983 – Desenvolvimento pelo SENAC de uma série de programas radiofônicos sobre orientação profissional no setor de comércio e serviços, com o nome de “Abrindo Caminhos”;

• 1991 – Criação e produção do programa “Jornal da Educação – Edição do Professor” pela Fundação Roquete-Pinto, incorporado, em 1995, à TV Escola (canal educativo da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação) com o nome “Um salto para o Futuro", como um programa de formação continuada para docentes, em especial os do Ensino Fundamental e estudantes dos cursos de magistério, com alcance anual de 250 mil docentes em todo território nacional;

• 1992 – Criação da Universidade Aberta de Brasília;

• 1995 – Criação do Centro Nacional de Educação à Distância e da MultiRio, pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, com disponibilização de cursos do 6º ao 9º ano, mediante programas televisivos e material impresso. Também neste ano acontece a criação do Programa TV Escola da Secretaria de Educação a Distância do MEC;

• 1996 – Criação da Secretaria de Educação a Distância (SEED), pelo Ministério da Educação, a partir de uma política de democratização e qualidade da educação brasileira, inaugurando oficialmente a Educação a Distância no país;

• 2000 – Formação da UniRede, Rede de Educação Superior a Distância, reunindo 70 instituições públicas brasileiras que, por meio da Educação a Distância, oferece cursos de graduação, pós-graduação e extensão, e do Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), inaugurando uma parceria entre o Governo do Estado do Rio de Janeiro, através da Secretaria de Ciência e Tecnologia, as universidades públicas e as prefeituras do Estado do Rio de Janeiro.

• 2002 – Incorporação do CEDERJ à Fundação Centro de Ciências de Educação Superior à Distância do Rio de Janeiro (Fundação CECIERJ).

• 2004 – Implantação pelo MEC de programas de formação inicial e continuada de professores da rede pública, por meio da EAD, dentre os quais, o Proletramento e o Mídias na Educação, ações que posteriormente acarretaram na criação do Sistema Universidade Aberta do Brasil.

• 2005 – Criação da Universidade Aberta do Brasil, parceria entre o MEC, estados e municípios, com integração de cursos, pesquisas e programas de educação superior a distância.

• 2006 – Disposição sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, incluindo os da modalidade a distância, através do Decreto n° 5.773, de 09 de maio de 2006;

• 2007 – entrada em vigor do Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007, alterando dispositivos do Decreto n° 5.622 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

• 2008 – Lei paulista permitindo o ensino médio a distância, onde até 20% da carga horária poderá ser não presencial.

• 2009 – Passa a vigorar a Portaria nº 10, de 02 julho de 2009, fixando critérios de dispensa de avaliação in loco, dando outras providências para a Educação a Distância no Ensino Superior no Brasil;

• 2011 – Extinção da Secretaria de Educação a Distância.

Assim, a Educação à Distância trabalha com o conceito de comunidade virtual de aprendizagem, que coexiste ao ambiente escolar, o que permite criar um espaço educacional profundamente distinto do tradicional. Este novo espaço permite interações síncronas e assíncronas, de modo constante, entre usuários, e atua com o conceito de hipertextualidade (textos em articulação seqüencial, conectados até mesmo com áudios, fotos, imagens, vídeos, etc.), promovendo a cooperação coletiva que objetiva a construção do conhecimento.

A comunidade virtual de aprendizagem, portanto, realiza uma comunicação interativa, em que regras, valores e comportamentos são construídos coletivamente. A cooperação surge como elemento fundamental na aprendizagem, onde todos os membros possuem, igualmente, o mesmo direito de contribuir, denotando, assim, uma atitude ativa na construção subjetiva do conhecimento, conforme o tema definido da comunidade virtual, com a orientação do educador enquanto mediador do processo. Neste sentido,

> As comunidades virtuais de aprendizagem têm seu funcionamento ligado, num primeiro momento, às redes de conexões proporcionadas

> pelas tecnologias de informação e comunicação; num segundo momento, pela possibilidade de, neste espaço, pessoas com objetivos comuns, se encontrarem e estabelecerem relações. Através da ação a distância é possível o desenvolvimento de novas socialidades e subjetividades, tornando-se um espaço que materializa a comunicação, a cultura e a educação. (SARTORE & ROESLER, 2003, p. 1)

PASSARELLI (2003) afirma que a comunidade virtual de aprendizagem foi criada na internet, representando uma nova possibilidade para a educação formal e não formal. Assim, considera-se como comunidade virtual de aprendizagem uma rede eletrônica de comunicação interativa, estruturada a partir de um projeto coletivo, constituída a partir de interesses comuns de saberes que se estabelecem através de cooperação.

Segundo PALLOFF E PRATT (2004), a comunidade virtual de aprendizagem é constituída por pessoas, objetivo, políticas comuns e em sistemas computacionais, com a interação social ocorrendo a partir da busca de satisfação de necessidades pessoais ou por meio do desempenho de papéis específicos, como o do professor-mediador.

Para FREIRE (1987), apenas existe uma possibilidade de se praticar uma educação através do diálogo se os próprios educadores assumirem uma perspectiva dialógica enquanto fenomenologia antropológica que movimenta indivíduos à reflexão e à ação. Neste sentido,

> "diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não se pode reduzir a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes." (FREIRE, 1987, p. 79).

Desta forma, mais que consumir idéias, a comunicação interpessoal e a acessibilidade informacional, por meio da conectividade, trabalham com outra perspectiva de tempo-espaço, abrindo uma nova perspectiva no tocante ao desenvolvimento de projeto colaborativo, o que demanda uma co-ordenação das atividades, na figura do mediador.

Ao priorizar a interação social, o aprendizado colaborativo e o trabalho coletivo, a comunidade virtual de aprendizagem se constitui a partir de interesses comuns, saberes, projetos mútuos e valores de troca, construídos ao longo do processo cooperativo.

A Interação, o hipertexto e a conexão são meios que permitem uma construção individual e coletiva do conhecimento, além de uma troca constante entre os membros

do grupo, através de caminhos definidos pelas próprias pessoas envolvidas no processo, acessando conteúdos conforme seu interesse, distanciando-se, neste sentido, da perspectiva de um ensino massificado e permitindo um aprendizado individual. Segundo SERRES (2013):

> É uma demanda geral de palavra, análoga à demanda singular que os Polegarzinhos exprimem nas escolas e universidades e igual àquela da espera dos doentes nos hospitais e dos empregados no trabalho. Todo mundo quer falar, todo mundo comunica com todo mundo, por redes inumeráveis. Esse tecido de vozes se combina com o da internet; os dois soam em fase. À nova democracia do saber, já presente nos locais em que se esgota a velha pedagogia e se busca a nova, com tanta sinceridade quanta dificuldade, corresponde, pela política geral, uma democracia em formação que, amanhã, haverá de se impor (SERRES, 2013, p. 70).

Através das dimensões síncronas e assíncronas da comunicação, articulam-se conhecimentos formais e não formais, por meio de uma navegação flexível que oportuniza, diversifica e personaliza caminhos mais flexíveis no que se refere à navegação em ambiente virtual.

Assim, de qualquer ponto da rede, um membro de uma comunidade virtual de aprendizagem pode interagir, reconstruindo significados, rearticulando conceitos individuais e coletivos e compartilhando sentidos diversos com os demais membros do grupo.

> Nesse ponto preciso, a Polegarzinha reclama dos pais: criticam meu egoísmo, mas quem mostrou o caminho? Criticam meu individualismo, mas quem o ensinou? E vocês mesmos souberam estar juntos? (...) Debocham das nossas redes sociais e do novo uso que fazemos da palavra ‘amigo’. Alguma vez conseguiram juntar grupos tão consideráveis, em quantidade que se avizinha a número total de seres humanos? Não acham prudente se aproximar dos outros de maneira virtual para, já de início, machucá-los menos? Provavelmente temem que, a partir dessas tentativas, surjam novas formas políticas que afastem as anteriores, obsoletas (SERRES, 2013, p. 70).

Tal cenário permitiu a criação de uma nova posição social para o professor, que é a de docente online, com acompanhamento de estudantes e grupos de aprendizagem em ambientes virtuais. No ambiente à distância, o docente encontra situações não experimentadas em ambiente presencial, como a configuração diferente de espaço-tempo, que o leva a uma relação com os membros do grupo virtual não pautada no gestual ou no retorno imediato daquilo que foi proposto. Disto deriva um conjunto de habilidades didático-pedagógicas novas, que em muitos casos confrontam práticas tradicionais arraigadas de sala de aula.

Segundo KENSKI (2003), embora haja semelhanças, no entanto, há distinções na ação docente em ambientes virtuais e na sala de aula:

> Tenho a compreensão de que não somos profissionalmente diferentes apenas porque estamos em um novo ambiente, seja ele presencial ou não. Em princípio, somos sempre os mesmos profissionais, professores. Mas o paradoxo básico é de que 'o novo professor', que os autores listam com uma multiplicidade de papéis, precisa agir e se diferente no ambiente virtual. Essa necessidade se dá pela própria especificidade de ciberespaço, que possibilita novas formas, novos espaços e novos tempos para o ensino, a interação e a comunicação entre todos (KENSKI, 2003, p. 143).

Nos ambientes de aprendizagem à distância, o professor-mediador se coloca numa atitude de facilitador da aprendizagem, destacando o diálogo, a troca de experiências, o debate e a proposição de situações-problemas (MASETTO, 2000) Além disso, prepara o campo para a ocorrência da interação, colocando o pensamento do grupo em movimento. Assim, cria uma espécie de ponte entre aquele que aprende e o saber que se constrói, de maneira que o grupo exerça sua autonomia, tornando-se sujeito do processo de aprendizagem, colaborando ativamente.

Nesta nova forma de se relacionar,

> papéis são constantemente reconfigurados, inclusive o papel do professor; a educação transmissora transforma-se em dialógica; o aluno passivo transforma-se em co-autor no processo de construção do conhecimento. Assim sendo, entende-se por mediação pedagógica as estratégias utilizadas pelos docentes a fim de contribuir para o desenvolvimento do aprendiz, de direcionar a uma aprendizagem mais autônoma, independente (ESTANISLAU, 2014, p. 2463).

É neste sentido que, segundo PRETTI (2000), existe uma relação entre a aprendizagem cooperativa e a auto-aprendizagem, pois esta é igualmente um processo de inter aprendizagem, no sentido de que se aprende sempre com o outro e com o grupo. Assim, a auto-aprendizagem é facilitada quando há atividades em equipe, onde todos vivenciam uma participação e uma contribuição coletivas, em que objetivos individuais e comuns ao grupo são atingidos.

Tais aspectos denotam a importância adquirida no papel do professor-mediador no processo de construção do conhecimento coletivo, através de um sistema de formação à distância que se utilize de uma diversidade de recursos da tecnologia da informação e comunicação, favorecendo uma reconstrução de cada membro do grupo virtual enquanto sujeito, a partir de uma aprendizagem colaborativa.

Neste sentido, segundo TELES (2009), as funções do professor-mediador à distância são subdivididas especificamente da seguinte forma:

Função Pedagógica: Fornecer orientações diretas; perguntar diretamente; estabelecer referências a modelos ou exemplos; Oferecer sugestões; estimular a auto-reflexão; conduzir processo de encontrar outras fontes de informação; Solicitar melhor explicação ou elaboração de idéias; dar retorno e felicitações pelas participações dos debates online; estabelecer conexões entre os diversos comentários.

Função de Gerenciamento: Administrar as atitudes dos membros, estimulando postagens e participações no prazo; gerenciar discussões e atividades de grupos; esclarecer regras e expectativas do curso; começar, finalizar e sintetizar as discussões.

Função de Suporte Social: Estabelecer relações empáticas; linguagem compreensiva relacionada às exposições de cada membro do grupo; Construir atos impessoais regulares, como boas vindas ao grupo; abrir espaço para discutir sobre a experiência individual no ambiente virtual; Criar momentos de humor, com piadas e brincadeiras, adequando-as ao contexto;

Função de suporte técnico: Abrange desde a escolha apropriada do aplicativo ou software pertinente para dar conta dos objetivos específicos do grupo até auxiliar os membros do grupo, para que utilizem de maneira competente e confortável o software ou aplicativo usado.

Dentre os ambientes virtuais que permitem a mediação online pelo professor-mediador, atualmente, destaca-se o celular, tecnologia móvel culturalmente difundida na sociedade contemporânea, em diversos espaços, como a instituição escolar, onde seu uso, no entanto, como recurso pedagógico, nem sempre é livre de contradição, o que não nega uma perspectiva docente positiva, mesmo com a existência de leis municipais e estaduais restritivas à utilização de aparelhos eletrônicos, segundo GOUVEIA E PEREIRA (2015).

RIBEIRO, LEITE E SOUZA (2009) argumentam que o uso de celular entre adolescentes ocupa um papel relevante na construção da identidade e das relações sociais juvenis, pois a tecnologia móvel, mais que um simples telefone, atua como um mecanismo de acesso à internet, na busca por preencher uma demanda de comunicação imediata e complexa, o que sinaliza, assim, o aparelho celular enquanto aparelho sociocultural.

Uma perspectiva mais filosófica, entretanto, é utilizada por FERRARIS (2005) ao apresentar o celular menos como um instrumento de comunicação oral e cada vez mais como um meio de leitura e escrita, que se converte também em um aparelho de **registro** de imagens, vídeos, músicas, textos, fotos, cartão de crédito, contatos, dentre

outros elementos construtores da realidade social, o que permite uma ontologia do celular, pela seguinte pergunta: que tipo de objeto é este?

RIBEIRO, LEITE E SOUZA (2009) pensam o telefone celular a partir do acúmulo funcional, mediante **convergência** de múltiplos recursos em um único aparelho, o que atrai um maior número de pessoas usuárias desta tecnologia móvel, cada vez por mais tempo, todos os dias. Com isto, mais que comunicar por meio da fala, há uma mudança na lógica de mobilidade, favorecendo a troca de comunicação e interação, em qualquer ponto da rede, independente do espaço e do tempo dos usuários.

Por tudo isso, segundo a UNESCO (2014), os governos devem desenvolver políticas públicas educacionais que valorizem o uso de celular como ferramenta pedagógica em sala de aula, através de:

- Criação ou atualização de políticas relacionadas ao aprendizado móvel;
- Conscientização sobre sua relevância;
- Expansão e melhora das possibilidades de conexão;
- Igualdade no acesso;
- Garantia de equidade de gênero
- Criação e otimização de conteúdo específico na área da Educação;
- Treinamento docente;
- Capacitação de educadores utilizando-se de tecnologias móveis;
- Promover o uso seguro, saudável e responsável de tecnologias móveis;
- Utilização da tecnologia para aperfeiçoamento da comunicação e da gestão educacional.

Também segundo a UNESCO (2014), existem treze bons motivos para tornar a tecnologia móvel uma ferramenta pedagógica:

- Aumento de alcance e da igualdade em educação;
- Melhoria educacional em regiões de conflito ou que vivenciaram desastres naturais;
- Acompanhamento de estudantes com deficiência;
- Otimização do tempo na sala de aula;
- Possibilita o aprendizado independente de tempo e espaço;
- Construção de novas comunidades de aprendizagem virtuais;
- Permite suporte à aprendizagem in loco;
- Torna mais próximo o aprendizado formal do informal;
- Possibilita avaliação e retorno imediatos;

Tais pontos se coadunam com o conceito de M-Learning, um tipo de ensino em que a tecnologia móvel é usada dentro e fora do espaço escolar: discentes e docentes usufruem em comum de recursos instrucionais, a partir da unidade dos conceitos de mobilidade e aprendizagem. Segundo SACCOL, SCHLEMMER E BARBOSA (2011), Mobile Learning ou M-Learning utiliza-se de processos onde o aprendizado se fundamenta na utilização de tecnologias móveis de comunicação e informação, priorizando a característica da mobilidade, seja através do distanciamento físico entre os usuários, seja através do uso em ambientes tradicionais pedagógicos, como a sala de aula e espaços formativos ou de capacitação e treinamento.

Já a conceituação de M-learning para PESSOLI E LOYOLLA (2004) prioriza a junção de diversas mídias tecnológicas comunicativas, que processam informações e permitem a discentes e docentes uma interatividade efetiva, por meio de aparelhos de celular e smartphones, com a utilização de recursos, como transmissão de sons, fotografias e vídeos. Diante disto, M-Learning permite as seguintes vantagens pedagógicas:

- Autonomia: organização do estudo, dinamizando o tempopela busca através da internet, com complementação de proposta sobre qualquer tema.
- Portabilidade/Mobilidade: Prescinde dos espaços formais educativos, como a sala de aula, por exemplo, para o aprendizado, com professores e estudantes enviando e recebendo informações de qualquer lugar.

Flexibilidade: Permite aos docentes maior proximidade com os estudantes, através da interação ou monitoração individual e coletiva das atividades propostas.

Os aspectos negativos do M-Learning se relacionam diretamente às limitações dos dispositivos móveis, como no caso do tamanho da tela, o espaço de armazenamento reduzido, poder de processamento mínimo, a bateria com pouca durabilidade e o acesso restrito à Internet Móvel.

No entanto, o total de usuários da internet foi maior, em 2014, pela primeira vez, do que a metade da população brasileira: 51% das pessoas maiores de 10 anos de idade, ou 85,9 milhões de indivíduos, com 31% dos usuários da rede via celular.

No último biênio, a proporção de internautas em conexão por meio de smartphones ultrapassou a casa de 15%, em 2011, para 31% em 2013. Mais: 85% dos brasileiros maiores de 10 anos são usuários de celular, ou seja, 143 milhões de pessoas, dentre os quais, 52,5 milhões utilizam conexão móvel paga. Destes, 77% afirmam que fazem acesso às redes sociais através do telefone e 74% enviam

mensagens instantâneas por meio de serviços. Nas duas situações, a conexão é realizada por meio de aplicativos.

Já no âmbito pedagógico, há um acréscimo no que se refere à tendência de mobilidade em salas de aula: 71% dos estabelecimentos públicos investigados acessam a internet sem fio (Wi-Fi), 14% a mais em relação a 2012. Entre os professores de escolas públicas, 99% acessam internet e, destes, 36% afirmam acessar a rede através de telefone celular, sendo que no ano anterior a porcentagem era de 22%.

Desta forma, dentre os aplicativos de tecnologia móvel, o aplicativo Whatsapp surge como um dos símbolos mais importantes das transformações socioculturais vivenciadas no contemporâneo, inclusive em relação à comunicação em ambientes educacionais, sendo o mais popular em, no mínimo, 140 países, inclusive como a plataforma de telefonia móvel de maior crescimento entre os usuários do Brasil.

Sendo um dispositivo multiplataforma, o WhatsApp possibilita a troca de mensagens através de dispositivos móveis como o celular, com grupos de até 50 membros que interagem por meio de textos, imagens, vídeos, áudio, localização, backup do conteúdo postado em grupos, dentre outros recursos. A transmissão de mensagens quando o aplicativo em área não coberta ou desligada é salvo automaticamente, sendo o conteúdo recuperado a partir da restauração da rede ou ao ligar o dispositivo. Como o funcionamento do aplicativo se dá por meio de números telefônicos integrados à agenda de endereços do usuário, dispensa-se a recordação de senhas, o que facilita ainda mais sua utilização.

Esta perspectiva abre espaço para que o docente proponha um questionamento a ser deliberado, colocando o conteúdo em investigação coletiva, de maneira criativa e dinâmica, mediando tal experiência por meio do Whatsapp:

> Espaço de circulação, oralidade difusa, movimentos livres, fim das salas classificadas, distribuições disparatadas, serendipidade da invenção, velocidade da luz, novidade dos temas tanto quanto dos objetos, busca de outra razão...: a difusão do saber não pode mais ocorrer em campus nenhum do mundo, eles próprios ordenados, formatados página a página, racionais à maneira antiga, imitando os acampamentos do exército romano. É esse o espaço de pensamento em que habita, de corpo e alma, desde a manhã de hoje, a juventude da Polegarzinha (SERRES, 2013, p. 56).

À disposição no mercado tecnológico global desde o ano de 2009, mais de 700 milhões de usuários do Whatsapp encontram-se atualmente em atividade em todo o planeta, sendo 38 milhões de usuários brasileiros e 30 bilhões de mensagens no tráfego cotidiano global.

Portanto, mostra-se relevante ao docente o reconhecimento da não oposição entre cultura e cibercultura, compreendendo a complexidade atual por meio de uma aplicação didática das novas mídias, inclusive com o domínio de sua linguagem que é, na verdade, a linguagem da Polegarzinha:

> Utilizando a velha presunção de incompetência, grandes máquinas públicas ou privadas, a burocracia, a mídia, a publicidade, a tecnocracia, as empresas, a política, as universidades, as estruturas administrativas, às vezes até a ciência... impõem seu poderio gigantesco, se dirigindo a supostos imbecis, denominados grande público e desprezados pelos meios de comunicação de massa. Na companhia de semelhantes que eles supõem competentes, mas nem tão seguros, Polegarzinhos, anônimos, anunciam, com sua voz difusa, que aqueles dinossauros, que crescem quando em vias de extinção, ignoram a emergência de novas competências. E as apresentam. (SERRES, 2013, p. 75).

LACERDA SANTOS (2014) argumenta que promover a inclusão digital docente difere, enquanto processo, da inclusão digital de modo geral, visto que o professor necessita, em primeiro lugar, aprender sobre o potencial educativo das novas tecnologias. Assim, aproximar a prática docente das novas mídias e das emergentes manifestações culturais no âmbito escolar requer a criação de um contato intensivo e específico com as tecnologias de informação e comunicação recentes, em seu aspecto didático.

Desta maneira, segundo LACERDA SANTOS (2011), com a urgência da sociedade da informação, cresce a responsabilidade por uma aprendizagem com maior significado, além de pertinência e contexto, em relação a um grupo de pessoas cada vez mais dinâmico, demandando atualização constante, com meios pedagógicos adaptados para responder à necessidade constante por novas formas de se organizar a lida educacional.

2. Contextualizando a ‘Polegarzinha’ no Brasil

2.1. Um breve relato histórico pessoal

No final do ano de 2003, prestei vestibular para Licenciatura em Filosofia, no Instituto Bagozzi, que fica no bairro do Portão, localizado em Curitiba, Paraná. Ao obter a aprovação em quarto lugar, no início do ano letivo de 2004 iniciei meus estudos filosóficos, tendo contato inicial com as disciplinas específicas desta área do saber, o que aos poucos levou-me a um gosto cada vez maior pelo pensamento crítico sistemático intrínseco à Filosofia.

No entanto, por questões familiares, precisei regressar ao Rio de Janeiro ao final deste mesmo ano, o que me fez abandonar o curso ao término do segundo período, sem que com isto eu deixasse de lado a idéia de um posterior regresso, mesmo noutra faculdade.

Já inserido na realidade profissional carioca, agora na área de atendimento ao cliente de uma grande empresa, na metade do ano de 2007, realizei o vestibular de inverno da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), desta vez, buscando vaga no curso de bacharelado em Teologia, no qual igualmente obtive êxito, sendo aprovado em primeiro lugar pra esta graduação, além de segundo lugar geral na área de Ciências Humanas.

Ao longo do bacharelado em teologia, com duração mínima de 05 anos, pude cursar disciplinas eletivas, nas áreas de empreendedorismo, línguas e educação. Além disto, o curso de teologia da PUC-Rio conta em sua grade curricular com, no mínimo, 02 anos de disciplinas filosóficas, uma parceria entre os Departamentos de Teologia e Filosofia da instituição, o que me permitiu uma reaproximação com a Filosofia.

Desta forma, após concluir o bacharelado na área de Teologia, em janeiro de 2014, solicitei reingresso como portador de diploma, agora com o objetivo de obter uma segunda graduação na instituição, agora, em Licenciatura em Filosofia.

Simultaneamente ao início desta licenciatura, já diplomado como teólogo, fui informado por um amigo, naquela altura, já professor de Filosofia, que o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-Rio) estaria publicando um edital para selecionar candidatos às vagas de especialização em Filosofia e Ensino. Ao final deste processo seletivo, fui convocado e iniciei esta pós-graduação, que já estava em sua segunda turma. Assim, simultaneamente, no início de 2014, como bacharel em

teologia, iniciava uma especialização em nível de pós-graduação em Filosofia e Ensino, no CEFET-Rio, e também a licenciatura em Filosofia, na PUC-Rio.

Durante o período inicial da licenciatura, o departamento de Filosofia publicou um edital convocatório, informando aos interessados que poderiam participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma parceria da PUC-Rio e as escolas públicas cariocas. Tal projeto é um programa vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e procura incentivar e valorizar o magistério, através do aprimoramento do processo formativo dos professores para a educação básica.

Assim, vinculei-me ao PIBID, através do sub-projeto de Licenciatura em Filosofia da PUC-Rio, e pude compor uma equipe de licenciandos que atuou em construção de projetos de Ensino de Filosofia em uma escola pública estadual da Zona Norte do Rio de Janeiro, o Colégio Estadual (C.E.) Visconde de Cairu, localizado no bairro do Méier.

Lá, pude ser acompanhado, juntamente com demais colegas ‘pibidianos’, por dois professores supervisores que, vinculados ao PIBID, nos permitiam o acompanhamento das aulas, seis horas semanais, em turmas de primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio, tanto no período da tarde, quanto no da manhã.

Assim, ainda cursando a licenciatura, pude ter contato inicial com a realidade do Ensino Médio público do Rio de Janeiro, a partir de uma experiência de sala de aula supervisionada. Presenciei as práticas discentes e docentes e, gradualmente, fui percebendo que a construção de um professor não se faz tão somente na discussão de aspectos teóricos, mas efetivamente na atividade prática de sala de aula, em interação construtiva com os estudantes e demais figuras do universo escolar.

Durante a construção de uma atividade daquele ano, sobre Filosofia e Política, três colegas do PIBID fizeram uso do aplicativo whatsapp para assessorar os estudantes do C.E. Visconde de Cairu na elaboração de seus trabalhos, o que despertou a minha curiosidade inicial sobre o potencial pedagógico deste dispositivo já popular entre os jovens. A tarefa, delegada aos estudantes do terceiro ano, consistia em cada turma escolher um filósofo ou filósofa de sua preferência, elegendo um representante por turma para, aos moldes de um debate político típico dos programas televisivos, em um dia específico, defender o pensando do autor sobre temas como Educação, emprego e saúde, tudo isto contando com platéia e um conselho de apoio, feito com estudantes interessados de cada turma. Cada representante deveria aparecer no auditório da escola, no dia combinado, caracterizado com trajes típicos e

roupas que tornasse o mais visível possível qual filósofo ou filósofa estava sendo defendido. O grupo de licenciandos do PIBID, então, contribui com as turmas, enviando textos, áudios e imagens, através do whatsapp, o que trouxe agilidade e maior interatividade entre a equipe.

Em 2014, por conta da licenciatura, pude cursar duas disciplinas de estágio obrigatório, em que pude escolher o CEFET-Rio como unidade escolar em que eu iria estagiar. Durante todo ano de 2014, então, estagiei dois dias semanais na Unidade Maracanã, em turmas do ensino médio técnico, dos primeiro, segundo e terceiro anos, com discentes que estudavam com professores da especialização noturna de Filosofia e Ensino, na mesma instituição.

Naquela ocasião, percebi que os intervalos entre as aulas eram utilizados pelos estudantes de uma forma peculiar, o que me chamou bastante a atenção: ao invés do aproveitamento do tempo, entre os discentes, para trocas e conversas presenciais, mesmo brincadeiras comuns à sua idade, eles optavam por permanecerem sentados ao chão, nos corredores, em grupos grandes, porém, cada um individualmente e em silêncio utilizando seu próprio celular.

As duas experiências, embora em cenários distintos, no entanto, levaram-me a pensar o uso do celular e do aplicativo whatsapp de uma forma que até então eu não havia considerado. Como estudante em formação, em uma trajetória que me levaria em curto espaço de tempo ao regimento de turmas similares àquelas, uma questão passou a me acompanhar em pensamento: Como o professor de Filosofia poderia agregar o dado cultural dos estudantes, no que se refere ao uso constante do aparelho de celular, ao próprio Ensino de Filosofia, a partir de uma perspectiva filosófica?

Ao término da licenciatura, em julho de 2015, foi concluída também tanto a experiência do PIBID/PUC-Rio, no Colégio Estadual Visconde de Cairu, quanto do estágio supervisionado no CEFET-Rio. No início de 2015, porém, fui aprovado no mesmo CEFET-Rio, agora como mestrando em Filosofia e Ensino, o que me levou a não concluir a especialização na mesma instituição, pois simultaneamente fui convocado como professor de Filosofia para assumir duas matrículas no Estado do Rio de Janeiro, em escolas distantes, o que resultou numa diminuição de tempo para o desenvolvimento de todas as atividades assumidas até então.

Porém, na licenciatura, assumi como monitor online uma turma de Introdução à Filosofia, em que os estudantes eram discentes virtuais conectados através da plataforma PUC-Online, oriundos de diversas graduações como administração, engenharias, psicologia, licenciaturas, dentre outras. Esta experiência me permitiu

interagir de forma mais sistemática e constante com aquele grupo específico, no acompanhamento de postagens e comentários feitos, sendo mais um aprendizado relevante em minha trajetória de formação docente.

Uma interação, em especial, num dos fóruns do grupo, fez-me pensar na possibilidade de estruturar toda minha dissertação de mestrado na questão do uso das tecnologias móveis no Ensino de Filosofia. Nesta postagem, um dos membros postou sua percepção sobre a presença dos mitos no cotidiano, ilustrando com uma foto apenas um dos lados da questão, como se mito apenas fosse religião oriental. Na ocasião, pude interagir com ele e, em diálogo, mostrar que, na verdade, cada um de nós atua também a partir da perspectiva do mito, como são o progresso e o trabalho, no Ocidente.

Esta troca dialógica, entre monitor e estudante, através de uma plataforma virtual de cunho educativo, ganhou, num primeiro momento, certo formato acadêmico, ao fazer parte de um dos artigos científicos produzidos por mim, ao longo do mestrado profissional em Filosofia e Ensino, para a disciplina “Introdução à Análise do Discurso I”.

Tal intuição foi corroborada quando, aos poucos, no cotidiano das salas de aula, como professor concursado de Filosofia, em escolas públicas do Rio de Janeiro, constatei a veracidade das experiências que havia construído anteriormente, durante minha trajetória formativa. Independente da região, turno e escola, uma das constantes que mais observei foi a utilização freqüente, pelos estudantes, do aparelho celular, seja para tirar selfies, ouvir músicas enquanto copiam ou, simplesmente, para navegarem em seus grupos de whatsapp.

Enquanto professor, esta constatação visual veio acompanhada da escuta dos jovens, em sua agitação, tagarelice e, por vezes, insatisfação com a atual estrutura da Educação. Percebi, enquanto docente em Filosofia, que as discussões teóricas fortemente construídas ao longo da graduação não seriam suficientes, no universo do Ensino Médio, para mobilizar o interesse dos estudantes. Mesmo técnicas e dinâmicas pedagógicas não se mostraram suficientes, sinalizando que um cenário completamente novo estava à minha frente, apenas esperando por minha investigação científica, através de um trabalho de pesquisa que seria alimentado pela prática docente concreta.

Todas as turmas de Ensino Médio nas escolas em que trabalhei criaram, elas mesmas, um grupo do whatsapp, cujos membros eram os estudantes daquela turma. Com o tempo, solicitei que me incluíssem em seus grupos virtuais, ou que criassem

outros grupos, não apenas de estudantes, mas de discentes e docentes, com o objetivo de otimizar o tempo e o aprendizado.

De maneira gradual, identifiquei aqueles estudantes que mais me pareceram participativos, seja em sala de aula, seja nestes grupos de whatsapp, quando provocados por um debate ou questão filosófica. Desta forma, criei dois projetos-piloto, ou seja, dois grupos de whatsapp, cada qual contendo, separadamente, estudantes de primeiro e de segundo graus do ensino médio, com os quais interagia, a partir dos conteúdos presenciais discutidos em sala de aula. Através dos grupos do aplicativo de celular, os debates poderiam ser retomados, agora através de músicas, vídeos, imagens e áudios, tornando mais atrativa a relação discente com o saber filosófico.

Durante as aulas de mestrado, no processo de coleta bibliográfica, deparei-me com a obra “Polegarzinha”, do filósofo Michel Serres. Após leitura deste livro, percebi que o conceito criado pelo autor traduzia filosoficamente minha experiência docente.

2.2. Filozapeando

A partir das experiências anteriores, foi criado o grupo do Whatsapp “Filozapeando”, com a inclusão de 45 membros, entre discentes, docentes e outros profissionais de educação, objetivando uma experiência filosófica mediada à distância por um professor de Filosofia. As interações tiveram a duração de uma semana, entre 30/06 e 07/07/2016, e permitiram uma construção coletiva do conhecimento, a partir dos temas: Ética, tecnologia e Educação. Com a utilização de tirinhas, vídeos, áudios, imagens, fotos e mensagens de texto, cada membro se dispôs a contribuir coletivamente com o grupo, através do compartilhamento de saberes, pesquisados própria na internet ou em registros de celular.

Como apresentado na justificativa desta pesquisa, não há na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro qualquer material didático direcionado à formação específica dos professores de Filosofia, especialmente no uso pedagógico das tecnologias móveis. Assim sendo, este trabalho foi construído a partir da iniciativa do pesquisador, sem contar com qualquer formação específica no uso pedagógico do aplicativo de celular whatsapp.

Longe de ser um limitador, tal fato, ao contrário, agrega a este trabalho uma experiência singular, pois a situação enfrentada pelo pesquisador, na verdade,

representa a condição oficial dos professores de Filosofia da SEEDUC, ou seja, em qualquer orientação profissional para a utilização pedagógica de tecnologias móveis.

Inicialmente, os primeiros membros receberam um convite pessoal do criador e mediador do grupo, a partir de critérios subjetivos como: engajamento profissional, criatividade, participação, interesse filosófico, capacidade argumentativa e diversidade ideológica. Também foi relevante na composição do grupo a escolha de membros representantes de diversos setores da área educacional, como professores, estudantes, diretores, coordenadores e mediadores pedagógicos, além de pós-graduandos, mestrandos e doutores, na busca de construir conhecimento coletivo a partir de uma identidade forjada pelo saber, na perspectiva de SERRES (2013) e LEVY (2007).

Outro ponto a ser destacado é que as discussões e interatividades ocorridas no grupo tiveram seu início planejado pelo pesquisador, com o auxílio do orientador da pesquisa, a partir de tirinhas coletadas na internet. Este recurso foi pensado principalmente com o objetivo de aproveitar a provocação que uma imagem bem escolhida poderia gerar entre os membros do grupo, sensibilizando-os, a partir da perspectiva de GALLO (2012). No entanto, embora diversas tirinhas tivessem sido arquivadas para serem utilizadas ao longo do projeto, as discussões, a partir da imprevisibilidade dos debates, foram enriquecidos com outros materiais, como áudios, textos, links e músicas, compartilhados pelos próprios membros.

Por fim, o pesquisador optou por colocar todos os membros do Filozapeando como administradores, o que permitiu que literalmente cada um pudesse incluir no grupo uma quantidade ilimitada e não controlada de outras pessoas, desde que preenchesse seguissem os mesmos critérios adotados inicialmente pelo criador do grupo ao escolher os primeiros membros. Como o foco da pesquisa é o papel do mediador, não se levou em conta, para fins deste trabalho, maiores detalhes sobre cada participante do grupo, optando-se por considerar apenas as interações ocorridas de fato, compreendidas pelo pesquisador sob a perspectiva do mediador Miguel e da co-mediadora Lourdes.

Neste sentido, este trabalho é direcionado ao professor de Filosofia, enquanto mediador de uma experiência filosófica online, com a contribuição da co-mediadora, e busca perceber erros e acertos no processo de mediação estabelecido com grupo em vistas de um conhecimento coletivo a ser construído, principalmente a partir da função de gerenciamento do grupo, na perspectiva de TELES (2009).

2.2.1. Relação dos membros participantes por atividades diárias

2.2.1.1. 1º dia de atividades do grupo Filozapeando

Tabela 2.1: Dia 30/06/2016

Membro	*Atividades*	*%*
Miguel (mediador)	*071*	*31,3*
Rodrigo (coord)	056	24,6
Aluna I	045	19,8
Lourdes (co-mediadora)	*033*	*14,5*
EJA1T_Aluna	011	4,8
Aluna BC	003	1,3
EJA1Th_Aluno	002	0,9
Cida (pedagoga)	002	0,9
Entraram no grupo	002	0,9
Saíram do grupo	001	0,5
Aluno F2C	001	0,5
TOTAL	***227***	***100***

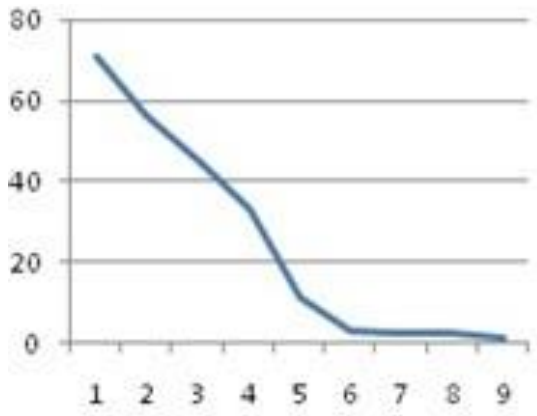


Gráfico 2.1: Dia 30/06/2016

2.2.1.2. 2º dia de atividades do grupo Filozapeando

Tabela 2.2: Dia 01/07/2016

Membro	*Atividades*	*%*
Miguel (mediador)	254	43,3
Lourdes(co-mediadora)	61	10,4
Rodrigo (coord)	43	7,3
Entraram no grupo	38	6,5
Aluno Y	34	6,0
Aluno F2I	20	3,6
Professora B	17	2,9
Pedagoga C	12	2,0
Aluno I	10	1,8
Saíram do grupo	9	1,5
EJA1Th_Aluno	9	1,5
Aluno G2C	9	1,5
Mediadora CB	5	0,8
Mestrando W	4	0,7
Aluna R2C	3	0,5
Professor F	2	0,4
Aluna A2C	2	0,4
Professora R	2	0,4
Professor 3	2	0,4
TOTAL	**586**	**100**

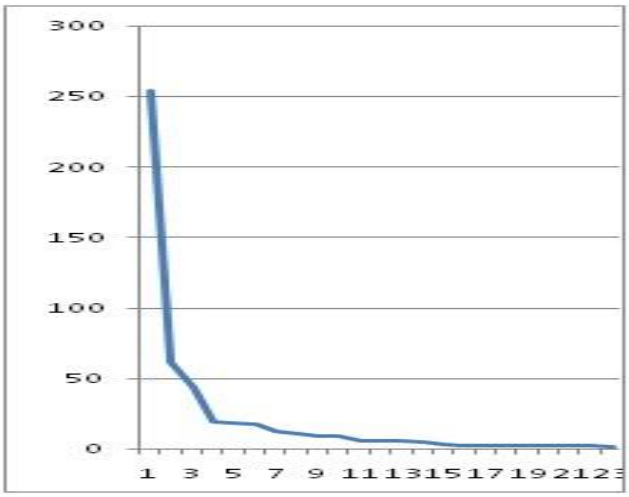


Gráfico 2.2: Dia 01/07/2016

2.2.1.3. 3º dia de atividades do grupo Filozapeando

Tabela 2.3: Dia 02/07/2016

Membro	*Atividades*	*%*
Miguel (mediador)	149	75,8
Lourdes (co-mediad.)	8	4,2
Professora 4	7	3,7
Aluno F2C	6	3,2
Pedagoga C	5	2,6
Doutor EL	4	2,1
Aluno M2C	3	1,6
Entraram no grupo	3	1,6
Aluno I	2	1,2
Professor 5	2	1,2
Professor 3	1	0,7
Professor FC	1	0,7
Aluna I2C	1	0,7
Saíram do grupo	1	0,7
TOTAL	**197**	**100**

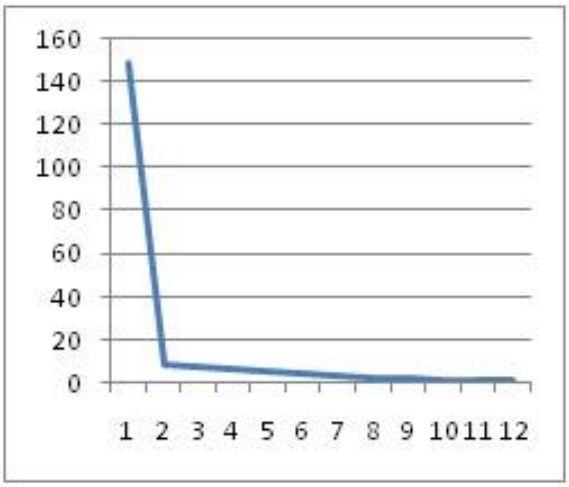


Gráfico 2.3: Dia 02/07/2016

2.2.1.4. 4º dia de atividades do grupo Filozapeando

Tabela 2.4: Dia 03/07/2016

Membro	***Atividades***	***%***
Miguel (mediador)	39	48,4
Professora 05	13	17,5
Professora 01	04	6,7
Professor L	03	4,6
Professor B	03	4,6
Aluna 01	03	4,6
Aluna I	02	2,4
Lourdes (co-mediadora)	*02*	*2,4*
Aluno M2	02	2,4
Aluno W2	01	1,2
Mestrando W	01	1,2
TOTAL	***84***	***100***

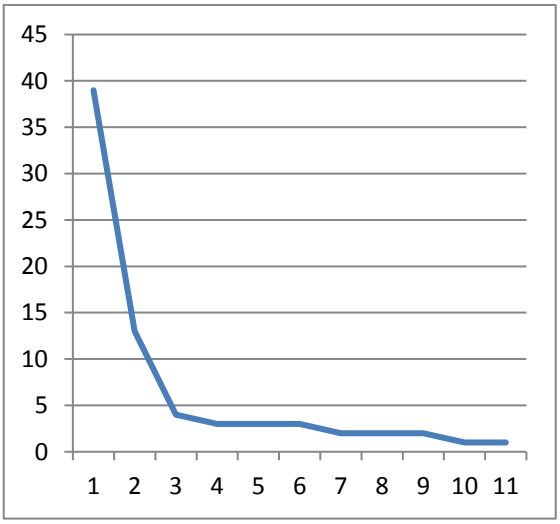


Gráfico 2.4: Dia 03/07/2016

2.2.1.5. 5º dia de atividades do grupo Filozapeando

Tabela 2.5: Dia 04/07/2016

Membro	Atividades	%
Miguel (mediador)	137	*39,9*
Rodrigo (coord.)	84	24,8
Lourdes (co-mediad.)	22	*7,1*
Aluno W2C	19	6,1
EJA1Th	15	4,1
Y Teólogo	12	3,4
Aluno F2C	12	3,4
EJA1T	8	2,1
AlunoTh2C	7	2,0
Aluna	7	2,0
Mestrando W	5	1,4
AlunoM2C	3	0,8
Entraram no grupo	3	0,8
Professora	2	0,5
Saíram do grupo	2	0,5
TOTAL	**352**	**100**

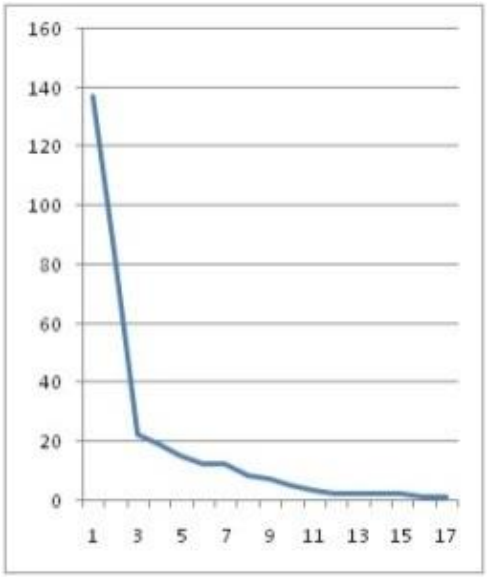


Gráfico 2.5: Dia 04/07/2016

2.2.1.6. 6º dia de atividades do grupo Filozapeando

Tabela 2.6: Dia 05/07/2016

Membro	Atividades	%
Rodrigo (coord.)	169	38,7
EJA1Th	76	18,0
Lourdes (co-mediad.)	*68*	*16,2*
Miguel (mediador)	*54*	*12,0*
Mestrando W	22	4,9
Aluno I	17	3,8
Aluno F2C	10	2,2
Pedagoga C	5	1,1
AlunoM2C	3	0,6
Aluna I	3	0,6
Professora B	2	0,5
Saíram do grupo	2	0,5
Entraram no grupo	1	0,3
AlunaLR2C	1	0,3
AlunoVP2C	1	0,3
TOTAL	**448**	**100**

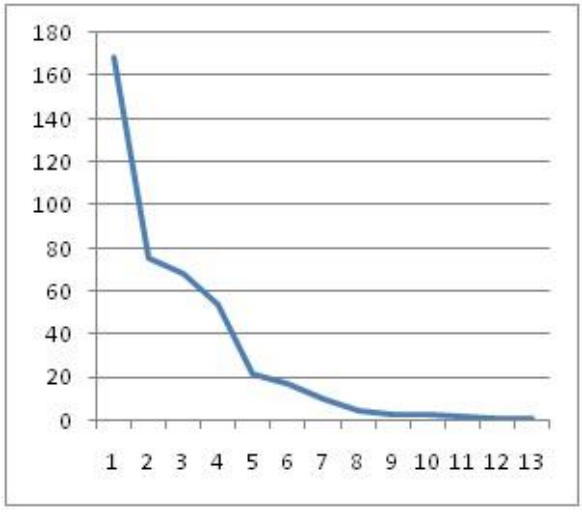


Gráfico 2.6: Dia 05/07/2016

2.2.1.7. 7º dia de atividades do grupo Filozapeando

Tabela 2.7: Dia 06/07/2016

Membro	Atividades	%
Miguel (mediador)	82	74
Mestrando W	9	9
Professora B	5	6
Lourdes (co-mediad.)	4	5
Professora R	3	3
AlunoM2C	2	2
AlunoFa2C	1	1
TOTAL	**113**	**100**

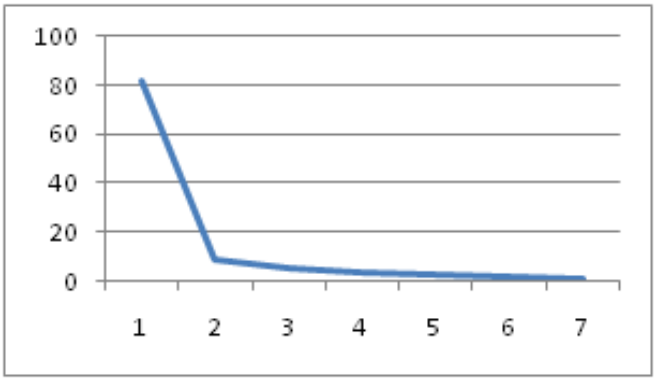


Gráfico 2.7: Dia 06/07/2016

2.2.1.8. 8º dia de atividades do grupo Filozapeando

Tabela 2.8: Dia 07/07/2016

Membro	Atividades	%
Miguel (mediador)	*9*	40
EJA1T	3	13
AlunoW2C	3	13
EJA1Th	*2*	9,5
Lourdes (co-mediad.)	2	9,5
AlunoM2C	1	5
Saíram do grupo	1	5
YTeologo	1	5
TOTAL	**22**	**100**

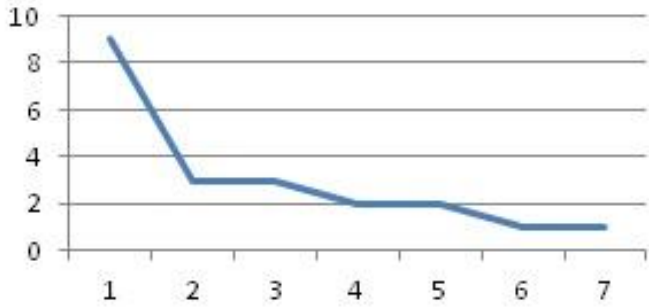


Gráfico 2.8: Dia 07/07/2016

2.2.2. Relação das interações dos membros em todo o período

Tabela 2.9: Interações em todo o período

Membro	Atividades	Porcentagem
Miguel (mediador)	*795*	*42,6*
Rodrigo (coordenador)	352	18,9
Lourdes (co-mediadora)	*196*	*11,7*
EJA1Th	91	4,9
Aluna I	64	3,5
EJA1T	31	1,7
Aluno I	29	1,6
AlunoF2C	28	1,5
Professora B	27	1,4
Aluno W2C	25	1,3
AlunoF2C	24	1,3
Pedagoga C	24	1,3
AlunoY2C	19	1,0
Mestrando W	19	1,0
Professora 5	19	1,0
AlunoM2C	17	0,9
Teólogo Y	13	0,7
AlunoGC	12	0,7
Professora 4	07	0,4
Aluno2ThC	07	0,4
MediadoraCB	05	0,3
Professora R	05	0,3
DoutorEL	04	0,2
Professora	04	0,2
AlunaR2C	03	0,2
Professor L	03	0,2
Aluna	03	0,2
Professor 3	03	0,2
AlunoL2C	03	0,2
Aluno2VPC	03	0,2
TOTAL		**1835**

2.2.3. Análise e discussão dos resultados

No primeiro dia, a participação dos estudantes pode ser representada pelas atividades da Aluna I, que contribuiu significativamente com o debate, apresentando comentários interessantes para o grupo:

1. 30/06/16, 13h19 – Mestrando W: E vocês acham, levando a discussão um pouco além, que podemos agir igual a este homem, visto que hoje nos relacionamos muitas horas por meio de mídias sociais?
2. 30/06/16, 13h19 – Mestrando W: Ou redes sociais
3. 30/06/16, 13h20 – Aluna I: Esse comportamento está muito presente, é difícil não agir assim pelo menos uma vez
4. 30/06/16, 13h22 – Aluna I: To tentando achar uma forma melhor de dizer isso kkkkkkkkkkkk
5. 30/06/16, 13h23 – Mestrando W: Sei como é
6. 30/06/16, 13h23 - LOURDES: É... Acho que as vezes queremos possuir coisas ou pessoas só para "tranca-las em uma gaveta"
7. 30/06/16, 13h24 - Aluna I: Então, nas redes sociais é muito comum querer status, "likes". As pessoas fazem de tudo pra conseguir uma certa fama. O conceito de perder o valor como pessoa é o mesmo
8. 30/06/16, 13h25 - Aluna I: Sobre trancar numa gaveta, isso reflete nossa ideia de possuir algo
9. 30/06/16, 13h26 - Aluna I: O que temos muitas vezes é apenas uma representação
10. 30/06/16, 13h26 - Aluna I: Acho que terra é um bom exemplo
11. 30/06/16, 13h26 - Aluna I: Nós "possuímos" por existir um documento afirmando isso
12. 30/06/16, 13h27 - Aluna I: O que é só um papel

No trecho acima é relatada a ótima interação entre o mestrando Wagner e a aluna I, fato que dificilmente teria ocorrido presencialmente, sem o uso de suporte tecnológico. A desenvoltura argumentativa da Aluna I aparece também no diálogo com a co-mediadora Lourdes, na discussão sobre o conceito de representação. Neste caso, a co-mediadora concorda com a argumentação da Aluna I, apresentando uma imagem simples, agindo corretamente, na tentativa de prosseguir o diálogo de maneira mais acessível à estudante, sendo que esta surpreende e contra-argumenta, a partir de conceito sociológico.

Já no trecho abaixo, o mediador Miguel faz uma correta mediação impessoal, sugerindo

que os membros participantes compartilhem conteúdo a partir do acesso à internet, utilizando-se para isto do aplicativo Whatsapp. Esta facilidade de acesso e rapidez de reposta permite maior dinamicidade às interações, retirando do mediador o papel de único transmissor de verdades em forma de conteúdos, função do professor tradicional. Os compartilhamentos praticamente imediatos da Aluna I e mestrando W alimentam o debate, fornecendo novo elemento para o prosseguimento das discussões:

13. 30/06/16, 13h27 - MIGUEL: Conseguem exemplos em links de notícias na Internet?
14. 30/06/16, 13h27 - MIGUEL: De notícias que ilustrem este debate?
15. 30/06/16, 13h28 – Aluna I: Vou ver se acho algo
16. 30/06/16, 13h28 - LOURDES: Hummm. Gostei do desafio! Vou procurar também!
17. 30/06/16, 13h34 – Aluna I: http://www.beevoz.net/2015/10/16/como-comprar-uma-estrela-barata-e-colocar-um-nome/
18. 30/06/16, 13h35 - Mestrando W: http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2014/05/tudo-por-um.html
19. 30/06/16, 13h36 – Mestrando W: http://m.brasilescola.uol.com.br/historiag/relacoes-sociais-no-seculo-xxi.htm
20. 30/06/16, 13h40 – Aluna I: http://www.recantodasletras.com.br/artigos/4790884
21. 30/06/16, 13h41 - MIGUEL: Professores, que filósofos poderiam enriquecer nossos debate sobre a imagem postada, a partir do pensamento deles?
22. 30/06/16, 13h41 - MIGUEL: Otimos links
23. 30/06/16, 13h42 - MIGUEL: Comentem um pouquinho sobre eles!
24. 30/06/16, 13h42 - MIGUEL: Os demais gostariam de contribuir também?
25. 30/06/16, 13h43 - MIGUEL: Aluna I, interessante esta questão da desvalorização do indivíduo
26. 30/06/16, 13h43 - MIGUEL: Como percebe isto?
27. 30/06/16, 13h43 - MIGUEL: Legal, Wagner!
28. 30/06/16, 13h44 - MIGUEL: Conhece algum exemplo próximo a nós?
29. 30/06/16, 13h45 – Aluna I: Miguel, eu preciso fazer umas coisas aqui em casa, já já continuo
30. 30/06/16, 13h46 - MIGUEL: Blz
31. 30/06/16, 13h46 - MIGUEL: No problem rs
32. 30/06/16, 13h47 - MIGUEL: O bom deste ambiente é que lidamos de forma diferente com o espaço e com o tempo
33. 30/06/16, 13h47 - MIGUEL: Contribuam quando e como puder.

34. 30/06/16, 13h49 – AlunaB2C: Ooi pessoas
35. 30/06/16, 13h49 – AlunaB2C: Boa tarde
36. 30/06/16, 13h49 – Mestrando W: Boa tarde
37. 30/06/16, 13h50 – AlunaB2C: Eu sou a Brenda, aluna do professor Miguel no C.E Amazonas, 2 ano
38. 30/06/16, 13h51 – RODRIGO (coordenador): https://googleweblight.com/?lite_url=https://m.vagalume.com.br/caetano-veloso/um-indio.html&ei=G_o8pCO_&lc=pt-BR&s=1&m=994&host=www.google.com.br&ts=1467305490&sig=AKOVD65oD3gcC2J--0tkGeLP9-2jwJBGuQ
39. 30/06/16, 13h52 – RODRIGO (coordenador): Alguém saberia interpretar essa musica
40. 30/06/16, 13h52 - LOURDES: Boa tarde Brenda.
41. 30/06/16, 13h52 – RODRIGO (coordenador): Do que ele está falando ????
42. 30/06/16, 13h54 - LOURDES: As idéias estão saltando do celular. Comecei com o link da Inara. Jamais imaginei que se poderia comprar uma estrela
43. 30/06/16, 13h54 - Aluna I: Então, falando aqui rápido. O pós moderno é individualista, o que é meio contraditório pelo fato de valorizar o "se sentir bem" e o "fazer o que quiser" sem pensar que as ações individuais são diretamente influenciadas pela sociedade, então "o pessoal é político". O que acontece é que as pessoas ao fazerem "o que querem" fazem na verdade o que a norma diz pra fazer
44. 30/06/16, 13h54 - Aluna I: (to respondendo a pergunta do Miguel aqui huahuahua)
45. 30/06/16, 13h55 - Aluna I: Pra você, Lourdes. Conseguiram transformar corpos celestes em lucro
46. 30/06/16, 13h55 – RODRIGO (coordenador): Conseguiram mercantilista tudo
47. 30/06/16, 13h56 - Aluna I: Ih, nem dei Oi pra Bre Santos
48. 30/06/16, 13h56 – RODRIGO (coordenador): https://youtu.be/C6sqY1oTzAg
49. 30/06/16, 13h56 – Aluna I: Vou ver a música agora, depois vejo o vídeo
50. 30/06/16, 13h56 – RODRIGO (coordenador): O futuro do contador de estrelas

A Aluna I interage com bastante desenvoltura nas interações com a co-mediadora Lourdes, o mestrando W e o coordenador pedagógico Rodrigo, até o momento em que o mediador Miguel sugere a participação dos professores presentes. No entanto, a AlunaB2C se apresenta ao grupo, sendo acolhida pela co-mediadora Lourdes, e imediatamente a fala do coordenador ganha mais espaço na discussão,inclusive com diversas citações do universo acadêmico, distante da realidade dos estudantes . Não houve, desta forma, por parte dos

mediadores, uma interação mais efetiva com a AlunaB2C, com abertura maior de espaço para as contribuições dela:

51. 30/06/16, 13h56 – LOURDES: De cara, pensei no Marx, o filósofo mais famoso quando se pensa sobre capitalismo. Outros filósofos mais atuais também afirmam que o capitalismo transforma tudo em mercadoria. Outro desafio. Vocês conseguem descobrir o nome de outro filósofo?
52. 30/06/16, 13h57 – RODRIGO (coordenador): Gramsci
53. 30/06/16, 13h58 – RODRIGO (coordenador): Noam Chomsky
54. 30/06/16, 13h58 – RODRIGO (coordenador): Pronto
55. 30/06/16, 13h58 – RODRIGO (coordenador): Um marxista e um anarquista
56. 30/06/16, 13h58 – RODRIGO (coordenador): Que analisam a estrutura capitalista
57. 30/06/16, 13h59 – RODRIGO (coordenador): Noberto bobio
58. 30/06/16, 13h59 – RODRIGO (coordenador): Só que esse é social democrata
59. 30/06/16, 14h00 - RODRIGO: Althusser com os seus aparelhos ideológicos
60. 30/06/16, 14h00 - LOURDES: Essas análises do capitalismo estão presentes em muitas disciplinas e ajudam os alunos a organizar muitos debates.
61. 30/06/16, 14h01 – RODRIGO (coordenador): Poulantzas com o bloco no poder
62. 30/06/16, 14h01 - RODRIGO: Pronto
63. 30/06/16, 14h01 - RODRIGO: Mas acho que no caso do contador de histórias
64. 30/06/16, 14h01 - RODRIGO: Quem teve a oportunidade de ler livr o
65. 30/06/16, 14h02 - RODRIGO: Sabe que esse personagem está ligado aos outros . Dos outros planetas
66. 30/06/16, 14h02 - RODRIGO: Como o rei
67. 30/06/16, 14h02 - RODRIGO: O bebado
68. 30/06/16, 14h02 - RODRIGO: O acendedor de lampiao
69. 30/06/16, 14h02 - RODRIGO: O homem está sendo discutido
70. 30/06/16, 14h03 - RODRIGO: Cada personagem desse pra mim
71. 30/06/16, 14h03 - RODRIGO: É um comportamento do ser humano
72. 30/06/16, 14h03 - RODRIGO: O autor divide esses comportamentos em personagens
73. 30/06/16, 14h04 - RODRIGO: Todos nós podemos ser egoístas . Autoritários . Tristes. Ter raiva. Alegria. Ganancioso . Isso é ser humano
74. 30/06/16, 14h04 - RODRIGO: Mas ele desseca cada um desses comportamentos em personagem para melhor analisarmos
75. 30/06/16, 14h07 - EJA1T_Aluna: Boa tarde.Na opinião do patrão , o funcionário também é

uma propriedade dele, não diferença entre ele e os objetos.

76. 30/06/16, 14h08 - LOURDES: Olá Thati. Benvinda! As idéias estão aceleradas aqui!
77. 30/06/16, 14h09 - MIGUEL: Bem vindos! !!
78. 30/06/16, 14h10 - LOURDES: Grupinho bom esse, heim Miguel!!!
79. 30/06/16, 14h10 - MIGUEL: Acho a discussão bastante atual com o momento presente do Brasil, inclusive
80. 30/06/16, 14h10 - MIGUEL: Pois é, Lourdes
81. 30/06/16, 14h11 - MIGUEL: Provocando:
82. 30/06/16, 14h12 - MIGUEL: Como a tecnologia entraria nesta discussão?
83. 30/06/16, 14h15 - LOURDES: Ah!! Então vamos começar do começo. O que é tecnologia? Só as máquinas super especializadas?
84. 30/06/16, 14h15 – EJA1T_Aluna: Percebi Lourdes kkkk o assunto já tinha mudado para estrelas
85. 30/06/16, 14h16 – EJA1T_Aluna: E já mudou de novo

Como todas estas interações se deram no primeiro dia de existência do grupo, a maioria dos estudantes interpretou a discussão como distante da realidade delas, o que foi percebido, inclusive, pelo coordenador Rodrigo, que sinalizou isto em sua fala:

86. 30/06/16, 14h16 - RODRIGO: Tá muito intelectualizado osso
87. 30/06/16, 14h16 - RODRIGO: Isso

Desta forma, as contribuições anteriores da Aluna I, embora extremamente consistentes, não apresentaram um embasamento teórico acadêmico aprofundado, se comparadas às interações do coordenador Rodrigo. Com isto, não foram mais tão frequentes no decorrer do dia, simbolizando a pouca participação dos estudantes, registrada no primeiro e nos demais dias de atividades do grupo, se comparadas às mediações efetuadas. O gráfico, assim, apresenta uma gradual queda geral nas participações, especialmente entre os estudantes, corroborando a interpretação feita anteriormente.

Tal situação prossegue no início do segundo dia: logo na primeira interação, o mediador faz considerações sobre pontos discutidos do dia anterior, porém, com uso de linguagem acadêmica, se comparada ao modo de se expressar dos estudantes:

01/07/16, 6h51 - Miguel: Este espaço, justamente, pelo diálogo, escuta e interação, pretende construir conhecimento a partir da visão e conhecimento de cada um, num Espaço do Conhecimento, que se torna interessante justamente pela pluralidade

01/07/16, 6h53 - +5521967043784: Verdade Miguel, pois senão haveria uma única

perspectiva, como a questão da universalidade!

O importante é que mesmo que haja dissenso possamos ir amadurecendo a própria argumentação.

Viva a diferença!

01/07/16, 6h53 - Miguel: Rodrigo, a perspectiva filosófica tem certas diferenças com a histórica.

01/07/16, 6h54 - Miguel: Um conceito qualquer permite múltiplas definições.

01/07/16, 6h56 - Miguel: Assim, não só o conceito de tradição, mas outros, como matéria, homem, alma, história, filosofia, etc possuem distintas compreensões

01/07/16, 6h56 - Miguel: Obrigado pela contribuição

01/07/16, 6h56 - Miguel: Inara, Felipe e demais estudantes, vocês são ótimos!

01/07/16, 6h56 - Lourdes: Bom dia! Está ficando interessante. Creio que Maria coloca a quebra da tradição como uma lacuna que provoca a crise do mundo contemporâneo. Essa é a visão de Hannah Arendt.

01/07/16, 6h57 - Miguel: Contribuam sempre e como puderem.

01/07/16, 6h57 - Miguel: Ao longo do dia passo mais orientações sobre este espaço

01/07/16, 6h58 - Miguel: E posto algo sobre a perspectiva positiva de tecnologia.

01/07/16, 6h58 - Miguel: E algo sobre um exemplo de outra perspectiva de tradição

01/07/16, 6h58 - Miguel: Perfeito, Lourdes

01/07/16, 7h00 - Miguel: Cida, sem problemas!

01/07/16, 7h00 - Miguel: Este espaço permite o pensamento compartilhado mesmo andando em direção ao ônibus

01/07/16, 7h01 - Miguel: Isto é que é legal

01/07/16, 7h01 - Lourdes: Já o Rodrigo adota a posição de Marx e Nietzche que combatem os valores transcendentais, que deram origem aos valores "funcionais" , da sociedade burguesa.

01/07/16, 7h01 - Miguel: Exato!

01/07/16, 7h02 - Miguel: Rodrigo, quando puder, posta um link de algum site educacional de Ensino Médio ou video ou imagens, que ilustrem sua argumentação?

01/07/16, 7h02 - Miguel: Lourdes também?

01/07/16, 7h03 - Lourdes: Como disse o Felipe, a família tradicional não é nada tradicional. Nietzsche combateu a moral burguesa, que ele chama vá de moral do rebanho.

01/07/16, 7h04 - +5521967043784: Lourdes, isso mesmo Hanna nesta fundamentação, mas o próprio Nietzsche

01/07/16, 7h05 - +5521967043784: Como Heidegger.

01/07/16, 7h06 - Lourdes: Voltando ao nosso tema, a tecnologia, ela tem um gostinho de

inovação... ok. Mas também se propõe a consagrar, manter uma forma melhor de executar uma tarefa. Isso não é uma forma de tradição???
01/07/16, 7h06 - +5521967043784: Por isso fujamos da família tradicional! Mas, repensemos na questão da desvaloração de tudo!
01/07/16, 7h06 - Lourdes: Calma Maria. É muito filósofo junto.

Durante um bom tempo, as interações se resumiram em esclarecimentos e pontuações feitas apenas por três membros, sendo que, destes, dois eram mediadores e, uma, pedagoga. A forma como as discussões foram construídas nos primeiro e segundo dias foram determinantes, assim, para a percepção, por parte dos estudantes, de que se tratava de um debate fora do alcance da maioria deles, mesmo tendo sido adicionados como membros, a partir de critérios como interesse e participação. Embora o ambiente tivesse uma roupagem virtual, no entanto, o método utilizado era similar ao utilizado em um espaço presencial como a sala de aula, em que um professor com conteúdos tenta por diversas vezes animar uma turma desinteressada.

A discussão segue na mesma perspectiva:

01/07/16, 7h11 - +5521967043784: Heidegger faz uma crítica a técnica moderna. E sua tese de que a poesia faz com que o homem habite o mundo acredito que possa ser a perspectiva que nos leve a um tratamento com a linguagem de forma que ele defende, e com isso este suporte só vem a acrescentar.
01/07/16, 7h12 - +5521967043784: Vai ser difícil acompanhar vcs! Indo dar aula e ñ sei quando poderei voltar! □ tomara que antes da noite!
01/07/16, 7h14 - Lourdes: Não tem problema, Maria. Vai ser assim mesmo. Vamos e voltamos!
01/07/16, 7h15 - +5521967043784: Adorei Lourdes!
01/07/16, 7h20 - Cristina Bueno: Bom dia! Não consigo ler nem um terço das msgs mas achei interessante o questionamento da tecnologia para manter uma forma melhor de executar uma tarefa
01/07/16, 7h21 - Cristina Bueno: Vemos muito isso no campo educacional. Ao invés de ser utilizada para promover mudanças nos paradigmas educacionais é utilizada apenas para enfeitar o q já era feito
01/07/16, 7h22 - Cristina Bueno: A caminho de uma reunião
01/07/16, 7h22 - Miguel: Tem um livro, o homem na idade da técnica, depois posto trechos aqui,

01/07/16, 7h23 - Miguel: Que diz algo neste sentido, Cristina
01/07/16, 7h24 - Miguel: Que talvez não estejamos preparados para viver as consequências desta 'idade da técnica'.
01/07/16, 7h24 - Miguel: Ótima reunião pra vc! Um abraço!
01/07/16, 7h25 - Cristina Bueno: Vou aguardar sua postagem. Obre
01/07/16, 7h25 - Cristina Bueno: Abçs
01/07/16, 9h17 - Lourdes: Bom dia Cristina. Que bom encontrá-lo aqui. Bem diz uma amiga que o mundo acadêmico é uma ervilha!
01/07/16, 9h18 - Lourdes: *encontrá-la
01/07/16, 9h18 - Lourdes: Ai esse corretor!!!
01/07/16, 9h19 - Rodrigo: Outro amigo já me diz
01/07/16, 9h19 - Rodrigo: O mundo acadêmico é podre
01/07/16, 9h23 - Miguel: Pois é, Rodrigo. De novo, a questão das perspectivas múltiplas
01/07/16, 9h24 - Rodrigo: E eu até concordo com ele
01/07/16, 9h24 - Rodrigo: Em alguns aspectos
01/07/16, 9h24 - Rodrigo: Depois que vi a mãe do meu filho
01/07/16, 9h24 - Rodrigo: Defendendo o mestrado
01/07/16, 9h24 - Lourdes: Sim Rodrigo. É a velha história do copo meio cheio ou o copo meio vazio.
01/07/16, 9h25 - Rodrigo: Reforçou ainda mais essa percepção
01/07/16, 9h25 - Rodrigo: É quase um mundo paralelo
01/07/16, 9h26 - Lourdes: Voltamos lá na quebra da tradição. A prática e a teoria se divorciaram.
01/07/16, 9h26 - Rodrigo: Pessoas começam a vomitar autores. Livros. Pra mostrar que sabem muito
01/07/16, 9h26 - Rodrigo: É capital cultural
01/07/16, 9h26 - Rodrigo: E usam como capital mesmo
01/07/16, 9h26 - Rodrigo: Kkkk
01/07/16, 9h27 - Lourdes: O que restou? Pessoas brigando por um lugar ao sol.
01/07/16, 9h28 - Lourdes: Quanto a vomitar autores, de certa forma fazemos o mesmo na educação básica com nossos alunos

Neste momento, os mediadores procuram trazer à discussão os estudantes, a partir do conceito filosófico de Tradição, surgido nas interações entre os professores:

01/07/16, 9h33 - Lourdes: Pois é... Vamos provocando esse povo. Tradição ou Inovação?
01/07/16, 9h36 - Miguel: Vamos ouvir os estudantes?
01/07/16, 9h36 - Miguel: Felipe, Inara, Thais, Thiago...
01/07/16, 9h36 - Miguel: Que pensam?
01/07/16, 9h37 - Miguel: Agradeço a preciosa contribuição dos professores e educadores até o momento, mas gostaria que ouvissemos agora os estudantes.
01/07/16, 9h38 - Miguel: Peço até os professores que incluam aqui aqueles estudantes que conhecem e sabem que enriquecerão ainda mais a reflexão.
01/07/16, 9h51 - Miguel: Esta é uma perspectiva do conceito 'Tradicao'. No entanto, como bem pontuou Lourdes e Cida, há na filosofia outras abordagens do conceito.
01/07/16, 9h51 - Miguel: Trazendo o tema mais pro 'chão'
01/07/16, 9h51 - Miguel: Rs
01/07/16, 9h52 - Miguel: Como os estudantes percebem as formas 'tradicionais' de ensino?
01/07/16, 9h52 - Miguel: E as formas 'inovadoras'?
01/07/16, 9h52 - Rodrigo: Como os alunos gostariam que a tecnologia fosse usada na escola?
01/07/16, 9h53 - Rodrigo: Como vcs acham que deveria ser a participação de vcs em sala de aula?
01/07/16, 9h53 - Rodrigo: E mais. . Algo que é muito maior que a tecnologia
01/07/16, 9h53 - Miguel: Isso. Vamos ouvir os estudantes e demais participantes? Ótima provocação do Rodrigo. Que pensam?
01/07/16, 9h53 - Rodrigo: Como vcs acham que deveria ser a avaliação na escola?
01/07/16, 9h54 - Rodrigo: Só com provas e testes?
01/07/16, 9h54 - Rodrigo: Vamos discutir isso
01/07/16, 9h54 - Miguel: Os participantes podem incluir aqui mais outros estudantes
01/07/16, 9h54 - Rodrigo: Aqui não existe coordenador e professor
01/07/16, 9h54 - Miguel: Pra discussão ficar mais plural e rica.
01/07/16, 9h54 - Rodrigo: Aqui somos todos iguais
01/07/16, 9h54 - Miguel: Com certeza, Rodrigo
01/07/16, 9h55 - Miguel: O objetivo justamente aqui é esse

A insistência dos mediadores e do coordenador Rodrigo demonstra que houve a percepção, por parte dos professores, de que o rumo dos debates havia sido direcionado para um nível de complexidade tamanha que terminou por provocar o afastamento da maioria dos estudantes nas interações posteriores, como no terceiro dia, em que a pouquíssima participação dos membros levou os mediadores, em seu processo de gestão das atividades

do grupo, a fazer resumos dos debates dos dias anteriores.

No entanto, após certo tempo, as conversas, desta vez, foram retomadas pelos próprios estudantes, que se puseram a propor questões ainda não levantadas até o momento:

02/07/16, 14h29 - Faria 2 Ano: Boa tarde , é possível ver filosofia em algo que não se pode enxergar ?
02/07/16, 14h30 - Faria 2 Ano: A filosofia está baseada apenas no que se pode ver ou também no que se pode imaginar ?
02/07/16, 14h13 - +55 21 98895-6490: Boa tarde! Obrigada por me incluir, querida amiga!
02/07/16, 14h34 - Inara 2003: Acho que a filosofia é justamente o que faz ir além do que se pode ver.

Aqui, um estudante lança uma pergunta, respondida por outra estudante. Em seguida, a comediadora ensaia uma tentativa de resposta, para provocar, depois, novas participações por meio de novas perguntas, assumindo um traço característico da filosofia, que é a constante atitude crítica frente à realidade:

02/07/16, 14h50 - Lourdes: Então...A filosofia é, entre outras coisas, uma disciplina do pensamento, com a arte e a ciência. Na verdade seria mais fácil dizermos as filosofias, porque a filosofia aparece em muitas versões. Alguns filósofos pensaram justamente sobre isso: O que vejo e sinto existe no mundo real? E o que é o mundo real?
02/07/16, 18h23 - Faria 2 Ano: Uma vez me disseram que sem filosofia não existe teologia. Por que ??
02/07/16, 18h40 - Matheus 2 Ano: Na minha opinião , filosofia é abrir a imaginação , teologia é ir além do quesito dogma , se estamos indo buscar além daquilo que achamos verdadeiro é sinal que estamos indo ao conhecimento de novas coisas e isso se chama Filosofia.
02/07/16, 18h42 - Lourdes: Humm... Ok. Desafio aceito. Como eu tinha dito, tem muitas vertentes na filosofia. Entre os filósofos que estudam o conhecimento, por exemplo, uma dúvida é a sua origem. O conhecimento vem da experiência ou da razão? Por outro lado, alguns religiosos acreditam que podemos provar a existência de Deus. Então, no período medieval na Europa, a filosofia era utilizada para explicar a existência de Deus. Essa é uma hipótese, mas essa história tem muitos caminhos.
02/07/16, 18h43 - Lourdes: Boa Matheus. A teologia busca ir além dos dogmas! Gostei!

A mediadora busca valorizar a contribuição do estudante, a partir da contribuição dele

mesmo, muito embora a questão em discussão tenha maior amplitude que a argumentação apresentada então. Com a valorização da voz discente, o outro estudante sente-se à vontade para se expressar, formulando outra questão, o que denota o acerto no processo de mediação neste diálogo:

02/07/16, 18h54 - Faria 2 Ano: É correto afirmar que tudo é uma filosofia dependendo da sua visão sobre aquilo ?
02/07/16, 19h03 - Lourdes: Aha. Brincando de inverter o jogo. Depende se sua visão de filosofia. Se você acredita que a filosofia está comprometida com o rigor, a verdade é os métodos, não. Será filosofia apenas o pensamento crítico como investigação sobre os valores, os objetivos, os princípios e as razões. Parece meio chato, não é? Uma coisa de filósofos barbudos!
02/07/16, 19h05 - Lourdes: Mas... A filosofia pode ser também uma busca pelas origens, uma inquietação, estar sempre procurando uma primeira causa... Coisa de gente bem curiosa.
02/07/16, 19h07 - Lourdes: Ou ainda(o que mais gosto) uma prática do pensamento, um exercício que ocorre entre amigos, onde todos são convidado a pensar e compartilhar experiências.
02/07/16, 19h08 - Lourdes: De qual você mais gosta?
02/07/16, 19h11 - Faria 2 Ano: Gosto bastante da segunda opção, busca pelas origens , está sempre a procura de uma primeira causa
02/07/16, 19h16 - Lourdes: Este jogo é bom! Mapa filosófico. Você seguiria o caminho de Aristóteles!

A mediação, sem perder a clareza argumentativa, conta com bom humor, construindo, desta maneira, novas e constantes perguntas, o que faz com que a participação aconteça de maneira efetiva por parte do estudante.

O gráfico e a tabela do 4º dia seguem na direção já delineada anteriormente, ou seja, pouca participação discente e muita mediação. Além dos motivos discutidos, outra causa é a não valorização imediata com acolhimento das contribuições, quando estas se apresentam simultaneamente à atividade de momento desempenhada pela mediação, como no exemplo abaixo:

03/07/16, 9h12 - +55 21 98895-6490: Bom dia! Para mim a Filosofia simboliza a busca pela verdade... pelo sentido, pela essência, pelo que nos inquieta o pensamento; uma investigação.

03/07/16, 9h41 - Miguel: Então, podemos fazer um tribunal. Quem acha que a filosofia contribui para "coisificar" o homem, quem acha que a tecnologia ajuda a libertar o homem!
03/07/16, 9h41 - Miguel: Eu defendo a tecnologia. A tecnologia permite que os homens recuperem o Ócio.
03/07/16, 9h41 - Miguel: * tribunal sobre a tecnologia.
03/07/16, 9h43 - +55 21 98895-6490: Eu acho que a tecnologia só prejudica quando seu uso substitui as relações humanas e as interações reais com o mundo
03/07/16, 9h45 - +55 21 99269-5435 saiu
03/07/16, 9h45 - Miguel: Claudia, posta uma imagem aqui que ilustra sua visão
03/07/16, 9h45 - Miguel: Bom domingo a tds
03/07/16, 10h10 - +55 21 98895-6490: Sobre a tecnologia? Procurarei
03/07/16, 10h13 - +55 21 98895-6490: Um dos maiores usos que faço dela é justamente o de fortalecer e manter vivas relações
03/07/16, 10h58 - Miguel: Bom dia! Não consigo ler nem um terço das msgs mas achei interessante o questionamento da tecnologia para manter uma forma melhor de executar uma tarefa
03/07/16, 10h58 - Miguel: Vemos muito isso no campo educacional. Ao invés de ser utilizada para promover mudanças nos paradigmas educacionais é utilizada apenas para enfeitar o q já era feito
03/07/16, 10h59 - Miguel: (Cristina Bueno)

No caso acima, apenas após trinta minutos o mediador interagiu com o membro do grupo, após ela se apresentar. A opção no processo de mediação foi seguir formulando resumos dos debates ocorridos na data anterior, mesmo diante da sinalização de que outra discussão poderia ser estabelecida naquele mesmo instante. Assim, a função de gerência do grupo aponta para um perfil, neste instante, mais autoritário que dialógico.

No quinto dia de atividades do grupo, uma questão surge:

04/07/16, 12h40 - Miguel: E os estudantes? Como gostariam que fosse a Escola?
04/07/16, 12h40 - Miguel: Como gostariam de ser avaliados?
04/07/16, 12h46 - WI: Acho q deveria ter várias formas de avaliação
04/07/16, 12h47 - Miguel: Como assim, Jonathan? □
04/07/16, 12h47 - Miguel: Dá alguns exemplos pra gente □
04/07/16, 12h47 - WI: Sou o Wallace mais tudo bem kkk
04/07/16, 12h48 - Miguel: Ops desculpe ahaha

04/07/16, 12h48 - Wl: Poderiam fazer gincana para as aulas não ficarem só dentro da sala
04/07/16, 12h49 - Wl: Podíamos fazer brincadeira entre as turmas
04/07/16, 12h50 - Miguel: Valorizar mais as brincadeiras na construção do conhecimento né?
04/07/16, 12h51 - Wl: Acho q sim

Aproveitando a discussão sobre o conceito de Educação, o mediador provoca a participação, sugerindo a questão da avaliação para os estudantes, com o objetivo de gerar maior interação deles. O tema parece interessar a alguns, que expressam a necessidade da escola integrar o lúdico em sua perspectiva avaliativa, retirando das provas e testes o caráter meramente classificatório:

04/07/16, 12h52 - Thiago EJA1: Olá,Boa Tarde!
04/07/16, 12h52 - Thiago EJA1: Muito bom o debate.
04/07/16, 12h52 - Wl: Pq na minha opinião não tem forma melhor de se aprender do que brincando
04/07/16, 12h53 - Miguel: Ótimo! Tiago, que pensa?
04/07/16, 12h56 - Thiago EJA1: Acho que a avaliação não deveria ficar somente no papel ou a nível teórico!
04/07/16, 12h57 - Miguel: Fale mais. Vai ser importante
04/07/16, 12h57 - Miguel: Creio que você tem razão
04/07/16, 12h58 - Miguel: Vcs dois tocaram em pontos muito importantes
04/07/16, 12h58 - Miguel: Prossigam
04/07/16, 12h58 - Miguel: Vou dar aulas agora. Mas todos podem interagir com tds
04/07/16, 12h59 - Miguel: Como avaliar sem papel, Thiago?
04/07/16, 12h59 - Wl: Avaliar sem papel poderia ser com participação
04/07/16, 12h59 - Wl: Ou até então
04/07/16, 12h59 - Miguel: Wallace, dê mais exemplos de aprendizagem c jogos e brincadeiras
04/07/16, 12h59 - Wl: Con brincadeiras
04/07/16, 12h59 - Wl: Com *
04/07/16, 13h00 - Wl: Pode ser com.jogos de tabuleiro a cada jogada fazer uma pergunta quem responder mais rápido ganha
04/07/16, 13h00 - Lorrhano: Show!!!
04/07/16, 13h00 - Wl: Tipo em um jogo de xadrez cada jogada uma pergunta
04/07/16, 13h01 - Wl: Ou até então formando grupos
04/07/16, 13h01 - Thiago Escola: Boa tarde!

04/07/16, 13h01 - Thiago EJA1: Lembro-me bem que estava ainda no primário e estudei geometria, e muito me perguntava o porque daquela matéria que pra mim era tão difícil e pra que serviria no decorrer da minha vida..ou seja o professor poderia dar exemplos de como isso ajuda um profissional que hj trabalha por exemplo na construção civil, um engenheiro pra fazer calculos em terrenos acidentados ou fora de esquadro, escadas e enfim..axho que a aula deve ser dinâmica com a possibilidade de todos estarem interagindo e conhecendo o segredo das coisas,o porque que foram criados etc... e não somente introduzir o conteúdo na cabeça do aluno somente para obter o diploma,acho que deveria investir muito mais em diálogos nas salas de aula, dialogos sobre a matéria que está sendo aplicada, eu particularmente acho que se cresceria muito mais.
04/07/16, 13h01 - WI: E fazendo disputa
04/07/16, 13h04 - Thiago Escola: Concordo com o Wallace. Hoje, alguns professores só chegam na aula, dão um Bom dia ou Boa tarde por educação, dão matéria, passam provas e testes e não conversam, não tem o modo de interagir com seus alunos. Ao contrário de outros, que preferem o modo de conversar e interagir com seus alunos. Eu acho isso super legal. (Um professor aluno) esse seria o nome ideal. E quanto as gincanas, brincadeiras fora do papel, poucos são assim e poucos fazem. Sou super a favor também desse modo de aula, na prática.

04/07/16, 13h11 - Miguel: Maravilhosa a contribuição de vc

De fato, a abertura à exposição do pensamento dos estudantes se revela mais rica do que se imaginava de início. Espontaneamente, sugestões e lembranças da própria experiência são compartilhadas para o grupo inteiro, trazendo questões aos conceitos de educação tradicional, bem como sobre o papel docente no atual contexto. Todavia, o coordenador pedagógico Rodrigo, inadvertidamente, leva a questão para a posição social de quem está falando, no caso, polarizando a discussão, mesmo implicitamente, entre professor e aluno:

04/07/16, 13h17 - Rodrigo: Tiago é professor?
04/07/16, 13h17 - Rodrigo: Sobre brincadeiras
04/07/16, 13h17 - Rodrigo: A psicomotricidade
04/07/16, 13h17 - Rodrigo: Já estuda a relação entre aprender e brincar
04/07/16, 13h17 - Rodrigo: Na história alem
04/07/16, 13h17 - Rodrigo: Do homosapiens
04/07/16, 13h18 - Rodrigo: Já temos o homo

04/07/16, 13h18 - Rodrigo: Ludens
04/07/16, 13h18 - Rodrigo: De ludico
04/07/16, 13h18 - Rodrigo: Mas o thiago Gomes é professor?
04/07/16, 13h18 - Rodrigo: Ou aluno?
04/07/16, 13h22 - Thiago Escola: Aluno ☺

Assim, uma contribuição surgida da interação dos estudantes, a partir de seu conhecimento de mundo e experiências pessoais, fundamentada na identidade do saber, é contraposta à valorização do lugar de fala dentro do universo escolar, mesmo que não diretamente. Entretanto, quando a fala parte do próprio estudante, que propõe questões de seu interesse, o debate torna-se participativo:

04/07/16, 19h19 - Matheus 2 Ano: O que podemos dizer sobre os dogmas , onde surgiu , de que forma pensaram a respeito do dogma naquela época , podemos criar uma religião através do dogma , será que era apenas acredita naquilo que por falta de conhecimento diziam verdade?
04/07/16, 19h29 - Lourdes: Um dogma é uma verdade absoluta que geralmente é defendida por doutrinas religiosas.
04/07/16, 19h33 - Lourdes: As religiões defendem seus dogmas e muitos deles foram construídos conforme a religião se constituía. Para conhecer os dogmas de uma religião, precisamos nos aprofundar em sua doutrina.
04/07/16, 19h35 - Lourdes: Podemos tentar entender esses dogmas, mas não podemos esquecer, que no sistema religioso os dogmas são inquestionáveis. Trata-se de uma questão de fé, e não de razão.

A mediadora exerce bem sua função de gestora, trazendo aspectos importantes da questão levantada, adaptada ao contexto. Além disto, a função de gerenciamento do grupo surge mais uma vez, quando pergunta diretamente:

04/07/16, 19h38 - Lourdes: Mas para voltar ao tema de antes, se pensamos em dogma, podemos pensar em ideologia? Cada um tem a sua? Depende da sociedade em que vivemos? Pode ser alterada?
04/07/16, 19h45 - Felipe 2 Ano: Mas a questão é, se a fé é algo individual, então porque ela interfere tanto na vida dos demais?
04/07/16, 19h46 - Matheus 2 Ano: Aparada tá ficando boa rs

04/07/16, 19h47 - Matheus 2 Ano: Boa respostas e boa pergunta
04/07/16, 19h48 - Tathi EJA1: Boa noite
04/07/16, 19h49 - Tathi EJA1: Falou em religião gostei kkk já vi que o debate vai pegar fogo.
04/07/16, 19h50 - Felipe 2 Ano: Religião é algo bem abrangente, pois existem várias religiões e assuntos que envolvem elas.
04/07/16, 19h54 - Tathi EJA1: Voltando um pouco o assunto, eu concordo com a figura acima. Realmente a tecnologia em questão, é uma caverna.
04/07/16, 19h56 - Tathi EJA1: Eu de uns tempos pra cá, tenho vivido assim e até digo isso, minhas amigas me chamam pra algo e falam "sai da caverna hoje".Mas eu gosto de me " isolar ", tv, internet
04/07/16, 19h57 - Tathi EJA1: Mas sei que tudo tem um limite, pq não posso romper com a sociedade e viver trancada, num mundo paralelo (que é a tecnologia).
04/07/16, 19h57 - Lourdes: Bem abrangente mesmo. Começa com essa questão de fé. O ser humano não é só racional. Ele deseja, age sente medo... A fé é a capacidade de acreditar, confiar... Alguns dizem também que o ser humano é gregário, gosta de andar em grupos...
04/07/16, 20h01 - Tathi EJA1: Concordo que o ser humano seja gregário (conheci essa palavra agora kkkk), mas algumas vezes temos a necessidade de entrar na caverna. Vou juntar os 2 temas □
04/07/16, 20h02 - Felipe 2 Ano: Mas a facilidade que a tecnologia nos proporciona, nós fazer isolar e quando temos uma vida "sem tecnologia" passamos a ser antiquados e desinformados, pois as informações são passadas em segundos.
04/07/16, 20h04 - Felipe 2 Ano: A fé pode nos aprisionar, se vivemos apenas uma realidade, acreditando em uma única verdade, nossos olhos se fecham as diferenças e os outros pontos de vista.
04/07/16, 20h05 - Tathi EJA1: Estar em grupo é bom, conhecemos outras pessoas, novas maneiras de pensar, algumas diferentes da nossa e isso às vezes nos incomoda e pode fazer que alguns que não concordam saiam do grupo e voltem pra caverna.
04/07/16, 20h07 - Felipe 2 Ano: Estar em grupo é realmente bom, contato pessoal é muito importante e o mal da tecnologia é esse, diminuir à distância para quem está longe e aumentar para quem está perto.
04/07/16, 20h08 - Tathi EJA1: É onde eu ia chegar Felipe,e com isso acaba entrando o comodismo e até a fé ficando de lado
04/07/16, 20h14 - Felipe 2 Ano: Exatamente, e com o comodismo, acabando entrando em uma zona que quando encontramos ideia que nos retiram do comodismo, nos tornamos contra.

04/07/16, 20h15 - Felipe 2 Ano: A religião poderia ser comparada com um tipo de comodismo? Pois se formos sempre nas reuniões religiosas e termos uma boa conduta, seguido o que a religião diz, acabando negando qualquer outro tipo de forma de vida.
04/07/16, 20h32 - +55 22 99251-1098 saiu
04/07/16, 21h29 - Lourdes: Humm. Mas depende. Há pessoas que são religiosas e não condenam as escolhas de outras pessoas.
04/07/16, 21h30 - Felipe 2 Ano: Sim, assim como existem pessoas que não têm religião e condenam aquelas que têm.
04/07/16, 21h32 - Lourdes: Isso. Eu fico sempre com essa dúvida. Qual é o limite entre defender as nossas crenças e aceitar as novas ideias?
04/07/16, 21h33 - Felipe 2 Ano: Minha eterna dúvida.
04/07/16, 21h35 - Felipe 2 Ano: A melhor forma de resolver isso seria, ouvir.
04/07/16, 21h36 - Felipe 2 Ano: Exemplo, mesmo que eu não mude meu pensamento 100% mas eu ainda posso ouvir e criar uma opinião sobre aquilo.

No quinto dia, a questão da pouca participação dos estudantes nas interações até então ganha destaque nos debates:

05/07/16, 8h51 - Lourdes: Bom dia... E a as ideias continuam em plena circulação! Nosso tema rodeia a tecnologia e a educação. Ontem falamos sobre religião e julgamento e Miguel observou que a educação pode ser usada para condenar.
05/07/16, 8h55 - Lourdes: Pior ainda, me provocou, pediu para que eu diga o que Rancière tem a dizer sobre isso!Jacques Rancière é um filósofo que venho estudando, vou tentar explicar e depois, por favor, alguém me defenda sobre essa ideia da educação que condena. Miguel não vale!!!
05/07/16, 9h00 - Lourdes: Rancière escreveu vários livros, sobre política, ética e estética. Dentre eles, obque mais me interessa é"O Mestre Ignorante" onde ele traz a experiência de um pedagogo do século XVIII para pensar sobre a educação nos dias atuais.
05/07/16, 10h20 - Rodrigo: Se o grupo ficar intelectualizado .
05/07/16, 10h20 - Rodrigo: O comentário do aluno some .
05/07/16, 10h20 - Rodrigo: Rsrsrs
05/07/16, 10h21 - Rodrigo: Vamos comentar sobre o jornal nacional
05/07/16, 10h21 - Rodrigo: Suas notícias
05/07/16, 10h22 - Rodrigo: São os principais pedagogos e filósofos que chegam nas casas das classes trabalhadoras

05/07/16, 10h22 - Rodrigo: Discutir suas notícias é um grande serviço para trazer nossos alunos pra discussão .
05/07/16, 10h22 - Rodrigo: Rsrsrs
05/07/16, 10h26 - Thiago EJA1: Bom dia!!!
05/07/16, 10h26 - Thiago EJA1: To de □
05/07/16, 10h27 - Thiago EJA1: As vezes não falo pq ainda estou formando um conhecimento sobre filosofia, meu primeiro contato com a matéria foi agora no eja, gostei muito.
05/07/16, 10h29 - Lourdes: Pois é Rodrigo e Tiago. Esse filósofo, o Rancière propõe justamente isso. Não existe diferença das inteligências.
05/07/16, 10h29 - Rodrigo: Me preocupa
05/07/16, 10h30 - Rodrigo: Quando usamos um palavriado
05/07/16, 10h30 - Rodrigo: Um modo de falar
05/07/16, 10h30 - Rodrigo: Academicista
05/07/16, 10h30 - Thiago EJA1: Hummm, interessante!!!
05/07/16, 10h30 - Thiago EJA1: Justamente Rodrigo!

No trecho anterior, o coordenador Rodrigo explicita a questão: o uso de uma linguagem excessivamente acadêmica, por parte dos docentes participantes do grupo, acarreta o distanciamento dos membros estudantes, fato que se pode inferir, também, na tabela e no gráfico do 6º dia de atividades do Filozapeando, que apresentam uma percentagem de mediação bastante superior a das contribuições dos estudantes, característica, por sinal, de todos os dias de atividades do grupo:

05/07/16, 10h30 - Lourdes: "Tudo está em tudo" diz ele. A partir do que sabe qualquer um pode falar de qualquer coisa.
05/07/16, 10h30 - Rodrigo: A academia.
05/07/16, 10h31 - Thiago EJA1: Pode falar de qualquer coisa? ??
05/07/16, 10h31 - Rodrigo: Sempre foi instrumento de afastar as pessoas
05/07/16, 10h31 - Rodrigo: Ela já nasceu injusta no brasil
05/07/16, 10h31 - Rodrigo: Entao
05/07/16, 10h31 - Rodrigo: Acho que poderíamos trazer a discussão mais pro chao
05/07/16, 10h31 - Rodrigo: Simmm
05/07/16, 10h31 - Rodrigo: Qualquer coisa
05/07/16, 10h31 - Rodrigo: Tá vendo
05/07/16, 10h32 - Thiago EJA1: Aprendi no curso teológico que devemos adequar o nosso

vocabulário ao público que nos está ouvindo.
05/07/16, 10h32 - Rodrigo: O aluno estava com medo de falar

Assim, sétimo e oitavos dias apenas ratificam a tendência dos gráficos e tabelas dos dias anteriores, explicitado no trecho do quinto dia selecionado acima. Para suprir este espaço gerado pela não participação mais intensa, especialmente dos estudantes, a função de gerenciamento, por parte dos mediadores, foi a mais utilizada, ao longo de todo projeto, inclusive nestes dois últimos dias, seja objetivando estimular as postagens e participações, seja gerenciando as discussões e atividades do grupo ou começando, finalizando e sintetizando as discussões:

06/07/16, 15h31 - Miguel: Que atividades pedagógicas no Ensino de Filosofia poderão ser propostas aos estudantes, de modo que a partir do celular, mesmo fora da escola, a integração em sala de aula seja mais dinamizada?
06/07/16, 15h33 - Wagner: Jogos de celular. Pesquisa. Blogs. Canais. Vlogs
06/07/16, 15h33 - Wagner: Inúmeras possibilidades
06/07/16, 15h34 - Wagner: Esses daí não sabem usar a tecnologia a favor do homem
06/07/16, 15h34 - Wagner: Vocês conhecem o "sexto sentindo"?
06/07/16, 15h35 - Wagner: Invenção de um cientista indiano
06/07/16, 15h35 - Miguel: Ótimas sugestões gerais! Vamos pensar juntos num exemplo mais específico? Se tivessemos que construir juntos um material didático, o que gostariam de encontrar nele?
06/07/16, 15h35 - Miguel: Hummmm
06/07/16, 15h35 - Miguel: Não conheço, Wagner

Aqui, o mediador relaciona ao conceito de Educação questões do Ensino de Filosofia, e surge o assunto do lúdico e do jogo. A mediação, então, incentiva a novas contribuições, mas estas são apresentadas por um mestrando:

06/07/16, 15h36 - Miguel: Pode compartilhar aqui sobre? Algum link, áudio ou vídeo?
06/07/16, 15h37 - Wagner: Coisas que integrassem as pessoas para pensarem juntas, interagissem, e não as separassem... muitas vezes no mundo virtual, sinto que as relações são frágeis e não contam de verdade
06/07/16, 15h37 - Wagner: Vou mandar... pera
06/07/16, 15h37 - Miguel:

06/07/16, 15h37 - Miguel: Tá
06/07/16, 15h38 - Miguel: Gostaria de ouvir sugestões de todos aqui em vistas de construção de material pedagógico que refletisse tudo que discutimos até agora
06/07/16, 15h40 - Wagner: https://youtu.be/nYEivSqvQ98
06/07/16, 15h42 - Miguel: Gostaria muito que este material didático ecoasse a voz de todos vocês
06/07/16, 15h43 - Miguel: Obrigado, Wagner!
06/07/16, 15h45 - Wagner: Estou aqui para participar
06/07/16, 15h48 - Miguel: Conseguimos pensar num tema, atividade ou aula de Filosofia, utilizando como material didático alguns dos exemplos dados por Wagner?
06/07/16, 15h48 - Miguel: Como seria este material?
06/07/16, 16h04 - Miguel: Alguma contribuição dos estudantes?

Mesmo estimulando a participação dos estudantes, esta não surge de forma incisiva. Assim, a comediadora interage, conduzindo o debate ao aspecto da experiência pessoal da mesma:

06/07/16, 17h56 - Lourdes: Boa noite! Muita coisa interessante hoje, heim???
06/07/16, 17h57 - Miguel: Demais
06/07/16, 17h58 - Lourdes: Estava pela manhã aproveitando um curso de produção de vídeo no CEFET. Filmamos umas entrevistas sobre Ética com os alunos e depois fomos para o laboratório editar. Foi muito boa a experiência.
06/07/16, 17h59 - Lourdes: Vou precisar praticar muito, mas produzir vídeos é uam excelente ferramenta para as aulas de filosofia.

Por fim, no último dia, a mediação persiste na técnica da síntese das discussões dos dias anteriores e do estímulo a participações por meio de questões, sendo que, desta vez, como marcando o término do projeto, é solicitada aos membros uma contribuição que externe uma síntese pessoal individual da própria experiência como membro do Filozapeando:

07/07/16, 12h29 - Miguel: Qual avaliação vcs fazem deste grupo?
07/07/16, 12h49 - Matheus 2 Ano: Obg professor Miguel
07/07/16, 12h52 - Tathi EJA1: Boa tarde grupo. Professor Miguel , o grupo é show, tem uns temas bem interessante, pena que não estou conseguindo acompanhar todos
07/07/16, 13h08 - Miguel: Este espaço serviu na construção do conhecimento de vocês?

07/07/16, 13h13 - Thiago EJA1: Com certeza professor!!!

07/07/16, 13h14 - Thiago EJA1: Meu desejo é ser um eterno aluno, conhecendo sempre mais e mais.

07/07/16, 14h42 - Yan: http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/07/deputado-eduardo-cunha-renuncia-presidencia-da-camara.html

07/07/16, 14h43 - Tathi EJA1: Com certeza, ,conheci até palavras novas

07/07/16, 16h11 - Miguel: Já tive o retorno de alguns

07/07/16, 16h13 - Miguel: Gostaria na medida do possível que cads um aqui disse o que gostou neste espaço, quais contribuições obteve aqui em sua trajetória pessoal e que possíveis sugestões apresenta para a melhora desta experiência virtual.

07/07/16, 16h19 - WI: acho q deveria haver perguntas para cada um professor aí cada um poderia falar um pouco porque muitas pessoas não falam pq o assunto já começou

07/07/16, 16h19 - WI: Minha opinião

07/07/16, 16h20 - WI: Os debates q eu já participei eu gostei muito

07/07/16, 17h40 - Ana Escola saiu

07/07/16, 18h15 - Lourdes: Boa noite. Gostei muito da interação entre todos. Temos uma vida corrida, e na medida do possível, as pessoas que participaram buscaram ouvir outras opiniões e descobrir coisas novas. Penso que para melhorar podemos escolher um assunto principal e comentar as sugestões recebidas.

07/07/16, 18h18 - Lourdes: No meu caso, por exemplo, o que mais gostei foram as sugestões para diversificar o trabalho em sala de aula. Os jogos, as polêmicas nos corredores ou nas peças de teatro. Contribuições bem importantes.

3. Aprendendo com erros e acertos do processo de mediação

"Filozapeando" foi uma iniciativa pessoal de um professor de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro que, a partir de questões muito concretas de sala de aula, como limite de tempo para a construção significativa de uma experiência filosófica entre discentes e docentes, turmas cheias e agitação dos estudantes que, geralmente, utilizam o aparelho de celular dentro do espaço de sala de aula, mesmo com restrições legais, falta de recursos na escola, dentre outras, decidiu criar um grupo de whatsapp, ativo entre os dias 30/06 e 07/07/2016, sem qualquer formação mais específica para isto, refletindo a situação atual de todos os professores de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro, a saber, sem qualquer material didático formativo na orientação quanto ao uso de tecnologias móveis para fins pedagógicos.

Neste sentido, compreende-se o objetivo deste trabalho, que é a publicação de um material didático voltado para o uso docente em Filosofia, especificamente no uso do aplicativo whatsapp, a partir de uma interpretação sobre os erros e os acertos cometidos no processo de mediação do grupo. Tais comentários irão gerar, ao final da pesquisa, uma cartilha didática contendo 10 dicas para professores de Filosofia em sua mediação com a Geração Polegarzinha.

3.1. A opção pela não criação de regras

O professor-mediador, ao iniciar o grupo, optou por não criar regras, adicionando docentes e discentes de tal modo que todos foram feitos administradores do grupo e puderam incluir outras pessoas, desde que estes novos membros também tivessem alguma relação com o contexto educacional. Ao longo do projeto, se esta opção, por um lado, permitiu um espaço sempre aberto a novas conexões à rede, compartilhando o poder de uma forma mais equilibrada entre os membros e o criador do grupo, por outro lado, na prática, inibiu a participação dos estudantes.

Outro ponto é a velocidade das discussões. Não houve qualquer regra que cerceasse o pensamento dos membros, por parte dos mediadores. A partir das provocações iniciais, postadas pelo mediador Miguel, os membros interagiam, compartilhando suas contribuições livremente. A partir disso, de maneira dialógica, o mediador Miguel e a co-mediadora atuavam, numa construção gradual e coletiva do

conhecimento, respeitando-se as trocas existentes no grupo. Esta rapidez do pensamento aparece sinalizada na fala da aluna EJA1T. Um exemplo da opção inicial em não se impor regras de forma vertical, aparece na contribuição reproduzida abaixo, ocorrida no dia 06/07/2016:

06/07/16, 19h16 - Aluno M2C: IMG-20160706-WA0055.jpg (arquivo anexado)
Sei que aqui não é lugar para essas coisas mais venho a este grupo pedi a ajudar de vocês , pois quem me conhecer sabe que sou atleta e sabe que sou dedicado ao esporte que eu prático , é infelizmente não conseguir a minha vaga neste jogos olímpicos de 2016 , mais ganhei oportunidades grandes de treinar com técnicos de seleção olímpica em Presidente Prudente , tenho que está lá semana que vem para fazer testes e outras coisas estava com toda confiança que era só ir e fazer os testes sendo que Brasil esta realizando os jogos olímpicos mais por trás da máscara não passa ser uma grande faça de que tudo esta sobre controle nosso bolsa atleta não vemos desde de janeiro , então venho pedir a sua ajudar para que eu possa fazer esses testes para o sul americano 2017 semana que vem , conseguir a metade do dinheiro através de ajudar de familiares e amigos , mais as coisas estão se apertando então venho com esta mensagem pedi qualquer ajudar para que eu possa arrecadar está continha não , melhor pedi do que roubar
06/07/16, 19h19 – Aluno M2C: Estive também competindo em Paraná novembro do ano passado pela escola Amazonas e graças a Deus garantir nossa parte no pódio rs , se Algo tocar ao seu coração entre em contato.

Em sua própria postagem, o Aluno M2C percebe o deslocamento do assunto do seu texto em relação às discussões construídas até aquele momento. No entanto, tal contribuição permitiria uma interação por parte do mediador, o que não aconteceu naquele momento. Houve abertura tanto para uma aproximação mais personalizada, a partir do interesse individual do estudante pelo esporte, o que poderia ser desdobrado em pesquisas e atividades em sala, vinculando questões pertinentes ao esporte e às olimpíadas com a reflexão filosófica, ou mesmo no próprio debate virtual, quanto uma interação impessoal, solicitando ao grupo que compartilhasse links e imagens, por exemplo, ligados ao tema debatido e a prática esportiva.
Outro exemplo, seguindo a mesma perspectiva, é apresentado abaixo, retirado do primeiro dia de interações:

30/06/16, 18h30 - EJA1Th_Aluno: *NOVO GOLPE*
Vejam a criatividade dos marginais:
Uma senhora estava num café, com várias amigas , quando se aproxima dela uma mulher de boa aparência, bem vestida e nervosa. Chegou dizendo que tinha acabado de ser assaltada, que tinham levado o carro e seu telefone celular, e perguntou se alguém poderia emprestar um, para ligar para o marido para vir buscá–la.
Ela emprestou o seu e a mulher se afastou da mesa para fazer a chamada.
Depois de um tempo, voltou agradecida, devolveu o celular e atravessou a calçada para esperar o marido. Passados vários minutos, a mulher voltou para o café e pediu o telefone de volta, dizendo que o marido não chegava, que era capaz de ter anotado o lugar errado e novamente se afastou para fazer a ligação. Ela voltou, devolveu o telefone e foi embora... até ai tudo normal.
Quando a senhora que emprestou o telefone chegou em casa, todo mundo estava muito angustiado e chorando por ela. Ela não sabia por que!!! ... É que tinham ligado em casa dizendo que a haviam sequestrado e que a prova era que eles estavam chamando de seu telefone celular. A seguir, tinham feito uma descrição de como ela era e como estava vestida... Então, na primeira chamada concordaram em transacionar e fizeram uma transferência para conta indicada e o segundo telefonema foi para confirmar que tudo foi feito direito.
Fácil e rápido.
Não deixe acontecer!!
NÃO emprestar o seu telefone para qualquer desconhecido em nenhum lugar e por qualquer motivo, e se você o perder ou for roubado, avise imediatamente a sua operadora, porque se deixar passar o tempo muitas coisas podem acontecer.
REPASSANDO!!!
30/06/16, 18h30 - EJA1Th_Aluno: Leiam só isso!!!
30/06/16, 18h47 - Val saiu

Neste caso, outra postagem ocorre também aparentemente desconexa com a finalidade do grupo, o que leva o membro Val, diretora de escola, a sair. No entanto, a garantia do espaço livre para o pensamento, se inclui a possibilidade de dispersão, por outro lado, reforça a auto-estima do estudante, que se sente à vontade para compartilhar com o grupo. Caberá ao mediador, a partir da sua reflexão filosófica e de sua função dentro do grupo, criar condições para que o texto, aparentemente desconexo, ganhe conexão com a questão proposta no momento.

Desta forma, como não havia controle excessivo sobre o conteúdo das interações, mas uma opção por se construir o conhecimento de forma coletiva e gradual, embora mediada, a postagem não foi questionada, nem tão pouco melhor aproveitada, permitindo através desta pesquisa, no entanto, ser refletida enquanto potencialmente aberta à criatividade do mediador, que deverá estabelecer novas conexões de pensamento com o material disponibilizado por cada membro.

3.2. A importância do acolhimento que não abre mão da firmeza na mediação

Todo ambiente virtual, por prescindir de elementos característicos do encontro presencial, como entonação de voz, agrupamento de todos em um único espaço físico, diversidade de tempos, por exemplo, precisa mobilizar outros recursos que garantam a efetividade da comunicação. Assim, o mediador se utiliza de uma linguagem o mais próxima do coloquial possível, incluindo ai palavras que denotem acolhimento, simpatia, compreensão, interesse, tudo isto sem perder a firmeza em situações necessárias. Como no exemplo abaixo, retirado do primeiro dia de interações:

30/06/16, 17h29 - Miguel: Assuntos diversos: durante três semanas vou alimentar este zap com tirinhas. A idéia é discutir Filosofia, Ética e tecnologia, mas sem fechar discussão pra qualquer assunto ou perspectiva que possa surgir ao longo das interações
30/06/16, 17h31 - Miguel: Para tanto, utilizem de exemplos pessoais, imagens, audios, links e vídeos, ou seja, todos os recursos que o whatts disponibilizar
30/06/16, 17h35 - Miguel: Um aspecto positivo daqui é que construímos novoS perspectivas de espaço e tempo
30/06/16, 17h36 - Miguel: Segundas, quartas e sextas posto as tirinhas.
30/06/16, 17h37 - Lourdes: Estou gostando bastante das postagens. Muitos argumentos interessantes!!!
30/06/16, 17h38 - Miguel: Podem incluir novos membros
30/06/16, 17h39 - Miguel: Profs
30/06/16, 17h39 - Miguel: E estudantes

30/06/16, 17h39 - Miguel: Coloquei tds como administradores
30/06/16, 17h40 - Miguel: Pra descentralizar o máximo possível. Incluam porém aqueles que de algum modo enriquecerão os debates ativamente
30/06/16, 18h05 - EJA1T_Aluna adicionou +55 21 98532-2700
30/06/16, 18h05 - EJA1T_Alunaadicionou +55 21 99269-5435
30/06/16, 18h06 - EJA1T_Aluna: Essa é a minha tia e nosso amigo.Eles são professores
30/06/16, 18h07 - EJA1T_Aluna: Vou deixar eles mesmo se apresentarem kkkkk
30/06/16, 18h08 - +55 21 98532-2700: Boa tarde!
30/06/16, 18h26 - Miguel: Bem vindosss

Neste trecho, o mediador Miguel disponibiliza ao grupo algumas informações consideradas por ele importantes para o bom andamento das discussões, disponibilização efetuada após sugestão privada de um dos membros. Logo em seguida, a aluna EJA1T aplica a orientação recebida, incluindo dois amigos dela que são professores, prontamente acolhidos pelo mediador. Esta atitude é fundamental para a construção de um espaço virtual em que seus membros se sintam de fato incluídos e aceitos pelo grupo, através de seu mediador.

Tanto o acolhimento quanto a firmeza, por parte do mediador, são atitudes necessárias e que humanizam o espaço virtual, garantindo o bom andamento dos trabalhos. A opção por um ou por outro modo de agir variará conforme a necessidade e o momento, percebidos pelo mediador no exercício de sua prática.

3.3. Planejamento das discussões

Os debates do grupo Filozapeando, na fase de planejamento do projeto, foram pensados para terem início, diariamente, a partir da postagem de tirinhas selecionadas pelo mediador, com o objetivo de sensibilizar e estimular discussões de temas ligados à educação, filosofia e tecnologia. Tais imagens foram coletas na internet e também a partir do arquivo pessoal do orientador da pesquisa, sendo arquivadas pelo mediador.

No entanto, a partir das interações, o mediador percebeu que a velocidade das discussões permitia outras imagens e recursos, pesquisados e utilizados tanto por ele quanto pelos membros. Neste sentido, a característica principal do projeto, na perspectiva da mediação, foi o exercício do pensamento criativo, na busca por

conectar as contribuições entre si, levando-se em conta os temas originais, na medida do possível. Abaixo, alguns exemplos:

04/07/16, 6h49 - Miguel: Como vocês percebem as relações entre Ética e Mídias Sociais, por exemplo?

04/07/16, 6h49 - Miguel: E que ligações podemos pensar desta questão com a Educação?

04/07/16, 6h51 - Miguel: Sua contribuição é super bem vinda!

04/07/16, 7h02 - Lourdes: Dúvidas, dúvidas!!! Jogos eletrônicos e esportes. Como estimulam a mente? Como se relacionam com o conhecimento lógico/formal?

04/07/16, 7h06 - Miguel: Mais: como valorizamos o corpo, os sentimentos, as emoções e gostos individuais num espaço como a sala de aula, especialmente no Ensino de Filosofia?

04/07/16, 7h07 - Cida (pedagoga): Bom dia!

Relação ética, educação e tecnologia:

Penso no anel de Giges, na República de Platão. O anel uma "tecnologia" de invisibilidade como a internet (por dar a sensação de anonimato) é a melhor maneira de se pensar a ética, pois não basta aparentar estar na ação do certo. Precisamos fazer o "certo" e não somente termos a aparência de agirmos corretamente.

04/07/16, 7h08 - Miguel: Bom dia, Cida. Sua contribuição como sempre é pertinente □

04/07/16, 7h09 - Miguel: Alguém pode pesquisar e compartilhar algo do Anel de Giges aqui?

04/07/16, 7h10 - Miguel: Cida, pode apresentar algum exemplo prático e específico que ilustre sua argumentação?

04/07/16, 7h11 - Miguel: Ou alguém? Rs

04/07/16, 7h14 - Lourdes: http://marcosfilosofia50.blogspot.com.br/2013/02/o-anel-de-giges.html?m=1

04/07/16, 7h16 - Cida (pedagoga): Sua própria tirinha Miguel da possibilidade de troca de notas pode ilustrar, pois a questão da aprendizagem não é coloca pelo aluno em questão como fundamental, apenas o resultado na planilha. Nisto somos levados a pensar o quanto a avaliação nos moldes que não valoriza o processo está colaborando para atitudes antiéticas.

Na interação acima, a partir da pergunta proposta pelo mediador, a pedagoga contribuiu com uma resposta fundamentada num referencial filosófico. Logo em

seguida, atendendo à solicitação do mediador, a co-mediadora compartilha com o grupo um link explicativo, aprofundando o conceito contido na resposta da pedagoga.

Neste sentido, o planejamento permitiu espaços para a construção criativa e coletiva do conhecimento, a partir das necessidades identificadas naquele momento do grupo pelo mediador.

3.4. Tirar vantagens filosófico-pedagógicas do tempo-espaço

A Educação à distância trabalha com as categorias de tempo e espaço bem diferentes das concebidas na modalidade presencial. Mais que uma simples transposição metodológica e didática de sala de aula para o ambiente online, a mediação online demanda compreender melhor alguns aspectos do contexto virtual, como a conectividade que permite interações em tempos diversos, a partir de distintos espaços.

O grupo Filozapeando, por ter tido a duração de uma semana, e possuir como membros profissionais de Educação e estudantes, teve uma alternância de participação muito grande, como demonstram os gráficos e tabelas do capítulo anterior. Estudantes e profissionais de educação tiveram que interagir em momentos adequados às suas agendas pessoais, o que nem sempre permitiu participações imediatas, mesmo do mediador e da co-mediadora.

Este aspecto precisa estar bastante claro na fase de planejamento do grupo, minimizando seus impactos através da formação de uma equipe de mediadores que, em horários diferentes, possam cobrir a maior parte de tempo possível as postagens feitas, interagindo o quanto antes com os membros que assim solicitarem. Isto reforçará a sensação de escuta e de interatividade do grupo, em constante conexão.

Todavia, a utilização desta diferença na experiência com o tempo e com o espaço virtuais, por parte dos membros, como um diferencial positivo, permite também uma maior participação em um dado horário ou dia da semana, o que demandará do mediador a criação de pausas estratégicas, seja para a retomada das idéias principais que estão sendo discutidas, a fim de que não se as mesmas percam, seja para permitir ao grupo um descanso no pensamento, para que não se sintam desestimulados.

O trecho abaixo ilustra este aspecto levantado:

01/07/16, 19h46 - Miguel: Também entendo o espaço físico da sala de aula como uma oportunidade de experimentarmos outras dinâmicas não possíveis somente no mundo virtual
01/07/16, 20h29 – Professora R adicionou +55 79 9903-3534
01/07/16, 20h29 - Miguel: Olho no olho pedagogicamente falando faz ainda todo sentido.
01/07/16, 20h32 – Aluno I: Ola galera ..meu nome e iran ..feliz em esta participando do seu grupo..
01/07/16, 20h53 - Miguel: Bem vindo iran
01/07/16, 21h58 – Aluno I: Oi miguel..como falar contemplando tal expressao que nos remete a filosofar profundamente.
01/07/16, 22h20 - Aluno I: Ro isso q ele colocou e reflexivo..esteticamente vendo as expressoes..eu vejo sabedoria do conhecimento ..o homem como ser pensante..a materia como parte das nossas vidas no dia a dia..o q emerge e o pensamento meditativo..as coisas vem tao rapidas que nos como pensantes ainda nao conseguimos digerir ..
01/07/16, 22h20 - Aluno I: O q vc acha..me ajude a pensar ro
01/07/16, 22h21 - Yuri 2 Ano saiu
01/07/16, 22h22 - Aluno I: Kkkkk....
01/07/16, 22h28 - Aluno I: Acho q as duas ultimas figuras me repete a calcular um ponto a outra ..mas raciocinio logico..diferente de meditar..sinplesmente vou la e ligo os pontos..
01/07/16, 22h28 - Aluno I: Meu teclado ta ruim viu kk
01/07/16, 22h33 - Aluno I: A primeira imagem me remete a sabedoria e conhecimento..abertura para ouvir ..meditar e depois por em pratica .
01/07/16, 22h34 - Aluno I: Me ajudem a arrumar esse trem□□
01/07/16, 22h52 - Miguel: Vamos dar uma pausa pra respirar. Em breve retomamos. Bom fds a tds.

Este trecho mostra uma interação acontecida em horário noturno no segundo dia de funcionamento do grupo. A partir de acolhimento e estimulo às participações, um aluno interage enquanto dois outros saem. Após aguardar por maiores participações, estas não acontecendo, o mediador opta por indicar uma pausa nas interações durante o final de semana, a partir daquele momento. Um exemplo

semelhante aparece no caso abaixo, em que tanto o mediador quanto um dos membros, que é uma professora, sinalizam a necessidade de pausa, com o objetivo de permitir aos estudantes acompanharem a discussão:

01/07/16, 17h11 - Miguel: Se os estudantes aqui pudessem escolher disciplinas eletivas em sua escola, quais escolheriam?
01/07/16, 17h11 - Miguel: Felipe, Inara, Tiago, Jonathan e outros
01/07/16, 17h12 - Lourdes: Queria muito saber a opinião deles!
01/07/16, 17h12 - Miguel: Ana, Bianca, Daniel
01/07/16, 17h12 - Miguel: Emily
01/07/16, 17h13 - Miguel: Vamos dar um respiro pra eles sintonizarem RS

Após a pausa, a participação de estudantes e professores surge. Este procedimento pode ser efetivado, por outro lado, em um contexto de multiplicidade de idéias e participações em curto espaço de tempo, como no caso abaixo:

30/06/16, 14h10 - Lourdes: Grupinho bom esse, heim Miguel!!!
30/06/16, 14h10 - Miguel: Acho a discussão bastante atual com o momento presente do Brasil, inclusive
30/06/16, 14h10 - Miguel: Pois é, Lourdes
30/06/16, 14h11 - Miguel: Provocando:
30/06/16, 14h12 - Miguel: Como a tecnologia entraria nesta discussão?
30/06/16, 14h15 - Lourdes: Ah!! Então vamos começar do começo. O que é tecnologia? Só as máquinas super especializadas?
30/06/16, 14h15 - EJA1T_Aluna: Percebi Lourdes kkkk o assunto já tinha mudado para estrelas
30/06/16, 14h16 - EJA1T_Aluna: E já mudou de novo
30/06/16, 14h16 - Rodrigo: Tá muito intelectualizado osso
30/06/16, 14h16 - Rodrigo: Isso
30/06/16, 14h17 - Miguel: Vamos modular o debate então Rodrigo
30/06/16, 14h17 - EJA1T_Aluna: Professor Miguel só pode convidar professor de filosofia pro grupo ? Ou pode de outras matérias ?
30/06/16, 14h17 - Miguel: Contribui
30/06/16, 14h18 - Lourdes: Sei que falar sobre tecnologia a Inara vai gostar!!!

30/06/16, 14h18 - Miguel: Olha, a perspectiva é filosófica mas creio que interdisciplinaridade é bem vinda
30/06/16, 14h19 - EJA1T_Aluna: Ok
30/06/16, 14h19 - Miguel: Quer convidar de outras matérias?
30/06/16, 14h20 - EJA1T_Aluna: Sim pensei em um amigo porém é prof de português
30/06/16, 14h20 - Miguel: Se puderem contribuir será interessante
30/06/16, 14h21 - EJA1T_Aluna:
30/06/16, 14h21 - Miguel: No problem
30/06/16, 14h21 - EJA1T_Aluna: Vou falar com ele
30/06/16, 14h21 - Miguel: Acredito que o dia a dia tá cheio de exemplos
30/06/16, 14h21 - Miguel: Da coisificaçao do ser humano
30/06/16, 14h22 - Miguel: Quando pego o trem ou metro vejo muito isso
30/06/16, 14h23 – Mestrando W: Acredito que sobre a tecnologia tem a ver com o texto que enviei
30/06/16, 14h24 – Mestrando W: E do que a Inara já falou
30/06/16, 14h24 - Miguel: Verdade, Wagner. No entanto, podemos explorar novas perspectivas
30/06/16, 14h24 – Aluna I: Gente, me perdi aqui kkkkkkkkkkkk
30/06/16, 14h24 - Miguel: Vamos lá RS

O trecho mostra a multiplicidade de idéias contidas nas diferentes discussões estabelecidas até aquele momento, confundindo a Aluna I, que afirma sentir-se perdida, e mesmo o mediador, que posta uma pergunta que já havia sido respondida anteriormente por duas pessoas, como interage o mestrando W. A co-mediadora Lourdes, entretanto, de maneira correta, procura situar as idéias a partir do tema principal, a tecnologia, relacionando-o com o interesse da aluna que apresentava maior participação até então.

3.5. Elaboração de sínteses diárias

Uma tentativa adotada pelo mediador, frente à multiplicidade de idéias compartilhadas pelos membros do grupo diariamente, foi disponibilizar, também nos momentos de pausa, resumos das principais contribuições feitas até aquele momento.

O objetivo era valorizar o pensamento individual e coletivo construído até então, permitindo a retomada de pontos que por ventura ainda não tivessem sido debatidos, conforme trecho abaixo:

02/07/16, 10h34 - Miguel: Vou fazer um apanhado geral desde o início
02/07/16, 10h35 - Miguel: E recompartilhar
02/07/16, 10h35 - Miguel: Temas mais interessantes
02/07/16, 10h35 - Miguel: Pros que entraram depois tenham acesso às discussões
02/07/16, 11h22 - Miguel: E vocês acham, levando a discussão um pouco além, que podemos agir igual a este homem, visto que hoje nos relacionamos muitas horas por meio de mídias sociais?
02/07/16, 11h22 - Miguel: Ou redes sociais
02/07/16, 11h22 - Miguel: (Wagner, mestrando e professor de Filosofia)
02/07/16, 11h25 - Miguel: http://www.beevoz.net/2015/10/16/como-comprar-uma-estrela-barata-e-colocar-um-nome/
02/07/16, 11h25 - Miguel: http://www.recantodasletras.com.br/artigos/4790884
02/07/16, 11h25 - Miguel: Inara
02/07/16, 11h54 - Miguel: http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2014/05/tudo-por-um.html
02/07/16, 11h54 - Miguel: http://m.brasilescola.uol.com.br/historiag/relacoes-sociais-no-seculo-xxi.htm
02/07/16, 11h55 - Miguel: (Contribuição do Wagner)

A síntese de participações reforça a memória coletiva, relembrando as interações dos membros e reiterando a identidade do saber.

3.6. Valorização de cada contribuição

A síntese das contribuições, indicada no ponto anterior, sinaliza a importância da ampla valorização de cada contribuição, por parte do mediador. Esta valorização, no entanto, pode ser expressa também de outros modos, como no trecho abaixo:

04/07/16, 11h55 - Rodrigo: Achava que como coordenador poderia ajudar a mudar um pouquinho isso
04/07/16, 11h56 - Rodrigo: Mas já perdi as esperanças
04/07/16, 11h56 - Miguel: Olá, Rodrigo
04/07/16, 11h57 - Miguel: Sua fala é muito importante. Com qual cenário prático você se deparou?
04/07/16, 11h58 - Miguel: O que julgaria importante que ocorresse pra concretamente como coordenador pedagógico você percebesse mesmo que mínimas mudanças positivas de cenário?
04/07/16, 12h02 - Rodrigo: Fui coordenador na redes da maré
04/07/16, 12h02 - Rodrigo: Uma ong
04/07/16, 12h02 - Rodrigo: E lá iniciei um trabalho que ficou conhecido como ujm
04/07/16, 12h02 - Rodrigo: União da juventude na maré
04/07/16, 12h04 - Rodrigo: As lideranças e autoridades públicas estavam discutindo um projeto chamado "a maré que queremos" . O projeto citava pelo menos a palavra juventude umas 35 vezes
04/07/16, 12h04 - Rodrigo: Propondo espaços para que a juventude pudesse crescer. Desenvolver. Com segurança e direitos
04/07/16, 12h04 - Rodrigo: O mais absurdo. Foi descobrir que nessas reuniões
04/07/16, 12h05 - Rodrigo: Não existia a presença da juventude
04/07/16, 12h05 - Rodrigo: O projeto era principalmente para garantir direitos para crianças e jovens
04/07/16, 12h05 - Rodrigo: E os jovens não estavam sendo ouvifos
04/07/16, 12h05 - Rodrigo: Ouvidos
04/07/16, 12h06 - Rodrigo: Começamos a fazer formação com alunos. Moradores. Etc
04/07/16, 12h06 - Rodrigo: Estudamos o projeto
04/07/16, 12h06 - Rodrigo: Estudamos sobre política pública. Plano diretor da cidade. O eca . Etc
04/07/16, 12h06 - Rodrigo: O grupo se transformou em ujm
04/07/16, 12h07 - Rodrigo: E reivindicava a participação direta dos jovens nas escolhas do projeto
04/07/16, 12h07 - Rodrigo: Tem como procurar sobre eles no google
04/07/16, 12h07 - Rodrigo: União da juventude na maré
04/07/16, 12h07 - Miguel: Excelente!

04/07/16, 12h07 - Rodrigo: Ali . Comecei a perceber
04/07/16, 12h08 - Rodrigo: Que não adiantava ensinar o aluno PARA a cidadania
04/07/16, 12h08 - Rodrigo: Cidadania não se ensina no quadro
04/07/16, 12h08 - Rodrigo: Trancado numa sala de aula
04/07/16, 12h08 - Rodrigo: Cidadania se VIVE. SE PRATICA
04/07/16, 12h08 - Rodrigo: Então o melhor seria.
04/07/16, 12h09 - Rodrigo: Ensinar NA CIDADANIA
04/07/16, 12h10 - Rodrigo: Quando entrei no estado. Tentei aprofundar isso na escola que entrei em São Pedro da aldeia
04/07/16, 12h10 - Rodrigo: E criamos um movimento estudantil chamado sou rascao e tenho voz.
04/07/16, 12h10 - Rodrigo: O nome da escola era José rascao .
04/07/16, 12h10 - Rodrigo: A idéia era fazer o contrário da sala de aula
04/07/16, 12h11 - Rodrigo: Práticavamos primeiro e depois discutíamos
04/07/16, 12h11 - Rodrigo: Quase não dava aula em sala de aula
04/07/16, 12h11 - Rodrigo: Por exemplo .
04/07/16, 12h11 - Rodrigo: Se a matéria era sobre meio ambiente .
04/07/16, 12h12 - Rodrigo: Fazíamos uma passeata em São Pedro convidando outras escolas
04/07/16, 12h12 - Rodrigo: Pra promover essa passeata era preciso estudar
04/07/16, 12h12 - Rodrigo: Pesquisar
04/07/16, 12h12 - Rodrigo: Sobre o meio ambiente
04/07/16, 12h12 - Rodrigo: Sobre agrotóxicos e etc
04/07/16, 12h12 - Miguel: Ops. Msg errada. Desculpe rs
04/07/16, 12h13 - Rodrigo: Mas quando eu virei
04/07/16, 12h13 - Rodrigo: Coordenador
04/07/16, 12h13 - Miguel: Que experiência interessante!
04/07/16, 12h13 - Rodrigo: E percebo que em muitas escolas
04/07/16, 12h13 - Rodrigo: Não se trabalha na cidadania
04/07/16, 12h13 - Miguel: Vc fazia estas experiências como professor?
04/07/16, 12h13 - Rodrigo: Me deixa muito triste
04/07/16, 12h13 - Rodrigo: Ensinam cidadania no quadro
04/07/16, 12h13 - Rodrigo: Mas não tem eleição de representan te
04/07/16, 12h14 - Rodrigo: Não tem eleição de grêmio
04/07/16, 12h14 - Rodrigo: Os ppp's

04/07/16, 12h14 - Rodrigo: Não são criados coletivamente
04/07/16, 12h14 - Rodrigo: Não se ensina democracia
04/07/16, 12h14 - Rodrigo: Pratica-se
04/07/16, 12h15 - Rodrigo: O sistema já está viciado
04/07/16, 12h15 - Rodrigo: A maioria dos professores ou não acreditam mais
04/07/16, 12h15 - Rodrigo: Ou tem medo

No trecho acima, o coordenador pedagógico compartilhou uma experiência pessoal de coordenação na própria escola em que o mediador do grupo leciona. Desta forma, além de utilizar a contribuição do coordenador Rodrigo como tema para a interação dos demais membros, o mediador pôde abrir um canal de comunicação presencial com o mesmo, a partir da disciplina filosófica, na própria escola em que ambos atuam.

3.7. Administrar o caos

O ambiente virtual online não é por si mesmo um ambiente organizado. Pelo contrário. Neste sentido, uma das tarefas da Educação atual no contexto tecnológico global é construir habilidades tais como permitir selecionar, da multiplicidade de informações, um conteúdo relevante a ser processado e transformado em conhecimento. O mediador deve cultivar, desta forma, uma atitude aberta diante das surpresas que cada contribuição agrega na construção coletiva do saber pelo grupo.

O trecho abaixo ilustra este aspecto:

01/07/16, 11h08 - Lourdes: Vamos pensando juntos. Tem muitas formas de aprender então. Habitualmente o conhecimento é transmitido di mais velho para o mais novo.
01/07/16, 11h08 - Lourdes: Mas tem muitas formas de aprender também □
01/07/16, 11h09 - Lourdes: E a avaliação, para que serve?
01/07/16, 11h12 – AlunoY2C: a avaliaçao serve para testar o nosso conhecimento
01/07/16, 11h12 – AlunoY2C: e oque eu acho
01/07/16, 11h13 – Professora B: Yago, e como vc gostaria que a escola avaliasse seu conhecimento? de que forma?
01/07/16, 11h14 – AlunoY2C: eu gostaria

01/07/16, 11h14 – Aluna I: Gente, voltei da escola agora
01/07/16, 11h14 - Aluna I: Enfim
01/07/16, 11h14 – AlunoY2C: em forma oral
01/07/16, 11h14 - Aluna I: A avaliação no colégio depende muito da disciplina, não acham?
01/07/16, 11h14 – AlunoY2C: eu pudesse expressar meu conhecimento falando
01/07/16, 11h14 – Aluna I: Uma prova teórica cai super bem em matemática
01/07/16, 11h15 – Aluna I: Mas em história, por exemplo, uma pesquisa parece ser melhor
01/07/16, 11h15 – AlunoY2C: na minha opiniao nao
01/07/16, 11h19 – Mestrando W: Há mais envolvido, acredito, do que a capacidade de assimilar conteúdo. Tolkien tem uma frase que bate com o que a Barbara falou :onde está a sabedoria que perdemos com o conhecimento e onde está o conhecimento que perdemos com a informação?
01/07/16, 11h19 - Lourdes: Nossa Thati. Você parece uma faca afiada. Tocou em dois pontos que estão rolando aqui. Nosso tempo atualmente é acelerado. A tecnologia pode criar novas alternativas. Isso é bom! Mas tem problemas?
01/07/16, 11h39 – AlunoF2I: Estava conversando com um amigo meu , a mãe dele é professora de filosofia no estado e ele também gosta muito , e fiquei um bom tempo conversando sobre teologia e filosofia com ele , e ele me falou pra eu ver matrix novamente mas ao mesmo tempo comparando com o mito da caverna de Platão
01/07/16, 11h41 – AlunoF2I: Eu estou impossibilitado de pesquisar um resumo curto para colocar aqui no grupo
01/07/16, 11h41 - Lourdes: Eu gosto muito disso, Jonathan. Olha o que a Thati falou ainda agora. Estou gostando muito de conhecer vocês aqui no grupo, mas dá vontade de encontrar vocês pessoalmente.l
01/07/16, 11h41 – AlunoF2I: Daqui a pouco quando a minha internet melhorar eu coloco um pequeno resumo dos dois e falo um pouco a respeito
01/07/16, 11h42 - Lourdes: Vou tentar pesquisar. Tem uns resumos do matrix bem legais no YouTube.
01/07/16, 11h42 - Lourdes: O virtual pode ser real?
01/07/16, 11h43 – AlunoY2C: pode
01/07/16, 11h43 – AlunoY2C: basta agente querer trazer o virtual para o real
01/07/16, 11h43 – AlunoY2C: a nossa imaginaçao
01/07/16, 11h43 - Rodrigo: Óbvio. Xvideos comprova isso

01/07/16, 11h44 – AlunoY2C: se colocarmos na mente que aquilo virtual pode ser real, sim isso sera real

01/07/16, 11h44 - Lourdes: Hummm Então podemos dizer que o que imaginamos é verdadeiro também?

01/07/16, 11h44 – AlunoF2I: Já viram um novo vídeo game onde você pode estar dentro do jogo ?

01/07/16, 11h45 – AlunoF2I: Coloca um óculos e um fone e uma roupa cheia de sensores , onde o personagem faz o mesmo que você faz ?

01/07/16, 11h45 – AlunoY2C: sim, porque se imaginarmos e acredita no que imaginamos sera verdadeiro

01/07/16, 11h45 - Lourdes: Não. Adoro games! Deve ser muito bom.

01/07/16, 11h46 - Lourdes: Mas deve ser caro também ☹

01/07/16, 11h46 - EJA1T_Aluna: Tipo o kinect que a gente dança ??é disso que vc tá falando ?? Kkk não entendo nada de jogo kkk

01/07/16, 11h46 – AlunoF2I: Eu vi um vídeo onde um garoto estava jogando um jogo desse e era de terror , as reações dele é como se fosse real e ele estivesse sentindo tudo que acontece

01/07/16, 11h46 – AlunoY2c: acreditarmos'

01/07/16, 11h46 – AlunoF2I: Com o personagem *

01/07/16, 11h47 - Lourdes: É o máximo que eu conheço é um ué você faz os movimentos, sem o controle.

01/07/16, 11h47 – AlunoF2C: deve ser maneiro

01/07/16, 11h47 - Lourdes: Bem no estilo do filme matrix

01/07/16, 11h48 - Lourdes: Mas se com a tecnologia tudo pode ser experimentado, como sabemos se tudo que nos cerca não é ilusão? Como avaliamos o que sentimos ou conhecemos?

01/07/16, 11h49 – AlunoY2C: boa pergunta

01/07/16, 11h50 – AlunoF2I: Com certeza você já viu matrix bastante vezes

01/07/16, 11h51 - Lourdes: Adoro Matrix. Já ouviu dizer que os autores se basearam em várias histórias?

01/07/16, 11h51 – AlunoF2I: Não

01/07/16, 11h53 - Lourdes: Então, eles se inspiraram no mito da caverna na história da Alice e outras que não me lembro agora.

01/07/16, 12h06 - +55 21 99535-1822 saiu

01/07/16, 12h10 – AlunoF2I: Ahhh sim então está explicado

01/07/16, 12h19 - Lourdes: É...essa questão de como estudamos e aprendemos tem muita coisa envolvida.
01/07/16, 12h23 – AlunoY2I: Que Grp é. Esse ??
01/07/16, 12h26 - Lourdes: Boa tarde Iury. É um grupo de alunos e professores tentando pensar juntos. Se prepara que está bem animado.
01/07/16, 12h27 - Lourdes: Não sei se quem entrou agora consegue ver, mas as apresentações estão lá no começo das mensagens.
01/07/16, 12h28 – AlunoY2I: Atta Boa Tarde... Muito Obrigado...
01/07/16, 12h32 - Miguel: Agora,
01/07/16, 12h34 - Miguel: Imaginem uma juventude estimulada com videos, jogos que provocam interatividade, ambientes virtuais com simulação... Num contexto de Educação que privilegia avaliações e ensino/aprendizagem numa única perspectiva.
01/07/16, 12h34 - Miguel: Como se Ensinar a filosofar num contexto assim?
01/07/16, 12h34 - Miguel: Que pensam?
01/07/16, 12h36 - Miguel: Jonathan, pesquisa na Internet algo sobre a criação do filme Matrix. E posta aqui pra gente

O trecho acima traz a questão da informação e do conhecimento, como problema inicial a ser discutido. No entanto, o debate migra para questões como jogos eletrônicos, avaliação, Platão e o filme Matrix. Além disto, um dos membros sinaliza a dificuldade de acesso à internet como um limitador de sua participação naquele instante, enquanto outro se dá conta naquele momento de que havia sido incluído em um grupo desconhecido para ele até então. Em meio ao caos, o mediador Miguel e a co-mediadora Lourdes buscam manter uma atitude propositiva adequada ao ambiente virtual que possibilita tal complexidade, criando espaços criativos a partir das contribuições disponíveis.

3.8. A não utilização de repetições excessivas

A administração do caos por parte do mediador passou pela decisão do mesmo em repetir para o grupo informações consideradas por ele como necessárias, após construção coletiva com os membros. No entanto, como no planejamento inicial assumiu-se a postura de tornar a cada membro um administrador do grupo, o que

permitiu a todos a inclusão de novos membros, ao longo de todo o processo, tais repetições tornaram-se repetitivas e até desnecessárias, segundo a sugestão livre e privada de um dos membros. Uma alternativa apresentada pelo mesmo foi a de repetir as informações no modo privado àqueles que forem sendo agregados ao grupo durante o processo. Abaixo, segue exemplo:

01/07/16, 15h34 - Miguel: Vamos prosseguir interagindo livremente mas aproveito para dar alguns avisos práticos:
01/07/16, 15h36 - Miguel: 1) Postarei sempre às segundas, quartas e sextas, pela manhã, alguma tirinha que estimule a interação do grupo, a partir do fio condutor 'tecnologia, educação e ética/filosofia".
01/07/16, 15h40 - Miguel: 2) Isto não impede que a qualquer momento qualquer membro do grupo participe, seja retomando algum ponto discutido anteriormente, seja trazendo novos elementos pro debate. Poderá fazê-lo através de textos, vídeos, imagens, fotos, mp3, links... Qualquer recurso do whatsaap que julgar interessante como veículo de expressão do seu pensamento
01/07/16, 15h44 - Miguel: 3) Enquanto experiência de campo para o projeto de mestrado, as atividades 'oficiais' deste grupo ocorrerão até o dia 18 de julho. No entanto, nada impede do grupo continuar sua existência após este período, se este for o entendimento dos membros que assim o desejarem.
01/07/16, 15h49 - Miguel: 4) Como espaço coletivo de construção do saber, este grupo se constitui enquanto identidade, não por qualquer divisão, como professor e aluno, mas enquanto o conhecimento de vida que todos e cada um dos membros possui, seja quem for.
01/07/16, 15h51 - Miguel: 5) Lidamos com a relação espaço/tempo aqui de um modo diferente. Então, qualquer contribuição pode ser feita, de qualquer lugar e a qualquer hora, numa comunicação em rede tipo todos-todos.
01/07/16, 15h53 - Miguel: Espero que todos saimos mais enriquecidos ao interagirmos num grupo complexo, plural, heterogêneo.
01/07/16, 15h53 - Miguel: Obrigado a cada um que aceitou este desafio.
01/07/16, 15h54 - Miguel: Os docentes e profissionais em Educação aqui presentes podem me enviar sugestões, seja aqui mesmo seja privadamente.
01/07/16, 15h55 - Miguel: Todas as vozes deste processo de algum modo se farão sentir no produto didático que entregarei ao final do mestrado profissional de Filosofia e Ensino no Cefet-rio.

01/07/16, 15h56 - Miguel: Cada um pode incluir novos participantes sempre que julgarem oportuno
01/07/16, 15h57 - Miguel: Todos foram feitos administradores.

Estas informações foram compartilhadas pelo mediador para todos do grupo. No entanto, geraram insatisfação naqueles que foram incluídos como membros desde o início do processo, pois estes precisavam reler a mesma informação de forma repetida, para que apenas uma pequena parcela de novos membros fosse beneficiada. O trecho acima é do segundo dia de atividades. No dia seguinte, pela manhã, o mediador optou pela repetição da mesma informação para todos do grupo, pois novos membros haviam sido incluídos:

02/07/16, 10h46 - Miguel: 1) Postarei sempre às segundas, quartas e sextas, pela manhã, alguma tirinha que estimule a interação do grupo, a partir do fio condutor 'tecnologia, educação e ética/filosofia".
02/07/16, 10h46 - Miguel: 2) Isto não impede que a qualquer momento qualquer membro do grupo participe, seja retomando algum ponto discutido anteriormente, seja trazendo novos elementos pro debate. Poderá fazê-lo através de textos, vídeos, imagens, fotos, mp3, links... Qualquer recurso do whatsaap que julgar interessante como veículo de expressão do seu pensamento
02/07/16, 10h46 - Miguel: 3) Enquanto experiência de campo para o projeto de mestrado, as atividades 'oficiais' deste grupo ocorrerão até o dia 18 de julho. No entanto, nada impede do grupo continuar sua existência após este período, se este for o entendimento dos membros que assim o desejarem.
02/07/16, 10h46 - Miguel: 4) Como espaço coletivo de construção do saber, este grupo se constitui enquanto identidade, não por qualquer divisão, como professor e aluno, mas enquanto o conhecimento de vida que todos e cada um dos membros possui, seja quem for.
02/07/16, 10h46 - Miguel: 5) Lidamos com a relação espaço/tempo aqui de um modo diferente. Então, qualquer contribuição pode ser feita, de qualquer lugar e a qualquer hora, numa comunicação em rede tipo todos-todos.
02/07/16, 10h46 - Miguel: Espero que todos saimos mais enriquecidos ao interagirmos num grupo complexo, plural, heterogêneo.
02/07/16, 10h46 - Miguel: Obrigado a cada um que aceitou este desafio.

Desta forma, criou-se nos membros mais antigos um possível sentimento de rejeição a cada nova mensagem postada, pois o aviso no celular poderia sinalizar algo que ele já teve acesso anteriormente, prejudicando a acessibilidade ao grupo e, por conseguinte, as interações.

3.9. Não utilizar áudios ou textos longos

A utilização dos diversos recursos disponibilizados pelo aplicativo whatsapp deve ser avaliado de forma equilibrada, pois um dispositivo que pode parecer, a princípio, um facilitador, na prática, pode esconder alguma surpresa negativa. É o caso do dispositivo no whatsapp que permite aos participantes gravarem áudios. Não foi feita nenhuma pesquisa sobre a quantidade de membros que efetivamente se dispuseram a ouvir tais mensagens, mas a partir do foco deste trabalho, que se circunscreve ao papel do mediador, percebeu-se um retorno negativo do uso do áudio. Segue abaixo:

30/06/16, 14h27 – Aluna I: Miguel tá fazendo um discurso

Tal fala da Aluna I foi posta no momento em que o mediador gravava sua contribuição com o recurso de gravação de voz, sinalizada em seu tempo de gravação no visor do aplicativo, o que explica o comentário da estudante, pois a contribuição via áudio do mediador já ultrapassava dois minutos de gravação.

3.10. Reavaliação

Mostrou-se importante para o mediador a busca pela opinião dos membros que, livremente, quisessem dar um retorno sobre a validade do projeto Filozapeando, apresentando, igualmente, sugestões e questões pertinentes, conforme abaixo:

07/07/16, 8h31 - Miguel: Como este espaço virtual tem ou não contribuído na sua construção de conhecimento?
07/07/16, 10h26 - Miguel: Matheus, bom dia. Estaremos na torcida por vc! □
07/07/16, 12h29 - Miguel: Qual avaliação vcs fazem deste grupo?

07/07/16, 12h49 - Matheus 2 Ano: Obg professor Miguel

07/07/16, 12h52 - EJA1T_Aluna: Boa tarde grupo. Professor Miguel , o grupo é show, tem uns temas bem interessante, pena que não estou conseguindo acompanhar todos

07/07/16, 12h52 - EJA1T_Aluna:

07/07/16, 13h08 - Miguel: Este espaço serviu na construção do conhecimento de vocês?

07/07/16, 13h13 - EJA1Th_Aluno: Com certeza professor!!!

07/07/16, 13h14 - EJA1Th_Aluno: Meu desejo é ser um eterno aluno, conhecendo sempre mais e mais.

07/07/16, 14h16 - Miguel:

07/07/16, 14h42 - Yan: http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/07/deputado-eduardo-cunha-renuncia-presidencia-da-camara.html

07/07/16, 14h43 - EJA1T_Aluna: Com certeza, ,conheci até palavras novas

07/07/16, 16h11 - Miguel: Já tive o retorno de alguns

07/07/16, 16h13 - Miguel: Gostaria na medida do possível que cads um aqui disse o que gostou neste espaço, quais contribuições obteve aqui em sua trajetória pessoal e que possíveis sugestões apresenta para a melhora desta experiência virtual.

07/07/16, 16h19 – AlunoW2C: acho q deveria haver perguntas para cada um professor aí cada um poderia falar um pouco porque muitas pessoas não falam pq o assunto já começou

07/07/16, 16h20 – AlunoW2C: Os debates q eu já participei eu gostei muito

07/07/16, 17h40 - Ana Escola saiu

07/07/16, 18h15 - Lourdes: Boa noite. Gostei muito da interação entre todos. Temos uma vida corrida, e na medida do possível, as pessoas que participaram buscaram ouvir outras opiniões e descobrir coisas novas. Penso que para melhorar podemos escolher um assunto principal e comentar as sugestões recebidas.

07/07/16, 18h18 - Lourdes: No meu caso, por exemplo, o que mais gostei foram as sugestões para diversificar o trabalho em sala de aula. Os jogos, as polêmicas nos corredores ou nas peças de teatro. Contribuições bem importantes.

Produto Didático: Uma cartilha para professores de Filosofia

A partir dos comentários feitos sobre as tabelas e gráficos criados para melhor ilustração das atividades dos membros do grupo Filozapeando, procurou-se identificar dez erros e acertos praticados no processo de mediação do grupo.

A partir dos dados encontrados nesta pesquisa, tais erros e acertos na mediação foram transformados em uma cartilha didática específica, com o único objetivo de orientar os professores de Filosofia de todo o Brasil na construção de grupos de whatsapp para fins filosófico-pedagógicos.

Este produto didático preenche uma lacuna e contém dez dicas elaboradas em um processo de construção coletiva do conhecimento, e reflete diversas vozes dos múltiplos atores envolvidos no setor educacional.

Urge materiais didáticos que sejam disponibilizados aos docentes em Filosofia e que trabalhem a formação permanente do docente em uma área tão complexa e tão presente quanto o aspecto tecnológico da construção da realidade social.

Neste sentido, esta pesquisa nutre a esperança de que novas pesquisas e produtos didáticos sejam estudados e construídos, dando prosseguimento na árdua tarefa da valorização docente no Brasil, que também passa, especialmente, pelo cuidado de sua formação continuada.



10 Dicas para

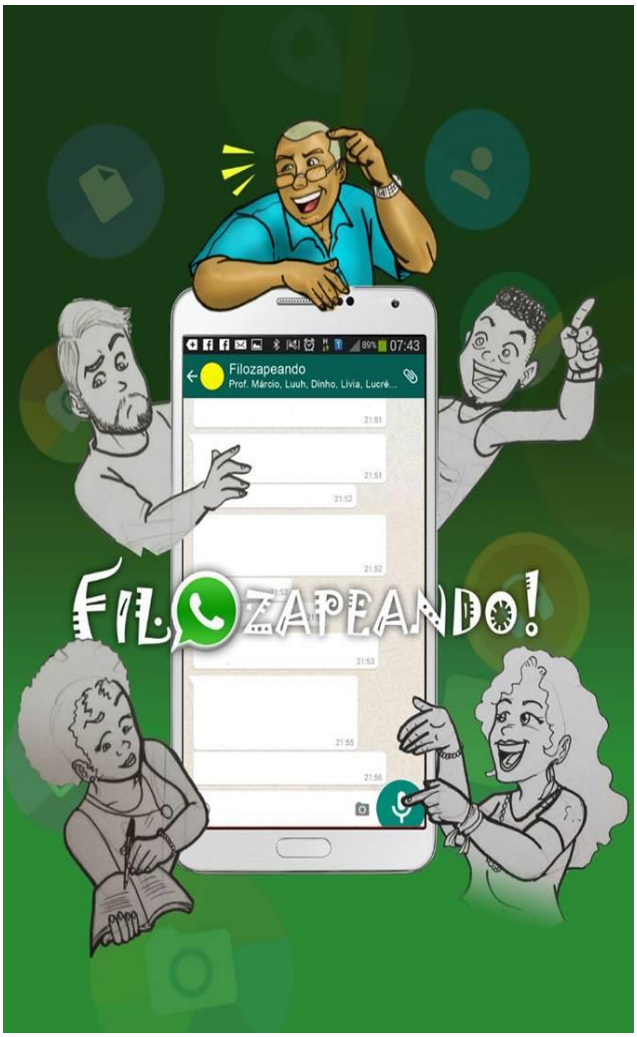
PROFESSORES DE

FILOSOFIA

conectados com a geração

'Polegarzinha'

Introdução



Esta é uma cartilha básica direcionada aos professores de Filosofia, baseada no conceito "**POLEGARZINHA**', do filósofo Michel Serres.

Participantes de uma experiência filosófica chamada "**FILOZAPEANDO**", acontecida entre os dias 30/06 e 07/07/2016, um grupo de estudantes, professores, coordenadores pedagógicos, mestrandos e outros profissionais de educação interagiu diariamente através do aplicativo de celular Whatsapp, com a mediação de um professor de Filosofia.

A partir de tirinhas, vídeos, textos e imagens, temas como tecnologia, educação e ética foram discutidos, numa construção de conhecimento coletivo e uma única identidade: o saber de todos e de cada um.



Parte integrante do projeto de *mestrado profissional em Filosofia e Ensino de Miguel Angelo Castelo Gomes*, do *CEFET-Rio*, sob a orientação do prof. Dr. *Maurício Castanheira*, este material didático contém dicas importantes sobre mediação pedagógica online e quer contribuir com os docentes em Filosofia que, através da tecnologia móvel, desejam filosofar com seus estudantes para além dos muros da escola.

Boa filozapeada!

Pra começar...



A tecnologia está cada vez mais presente na vida de cada um de nós, especialmente entre os estudantes.

Podemos inferir isto, quando eles passam portando seus celulares, brincando com seus jogos eletrônicos, curtindo suas músicas e... **ZAPEANDO**!

Zapeando? Sim, zapeando. Queiramos ou não. Gostemos ou não.

A geração atual (fato!) que freqüenta nossas escolas e nossas salas de aula está hiper conectada.

Então...

Que tal filo-zapear?



Pensando esta juventude, Michel Serres criou o conceito de **POLEGARZINHA**, simbolizando o novo modo de ser e de agir juvenis, a partir do seu modo de usar as novas tecnologias: com um rápido e simples toque de polegar, nas telas dos tablets ou celulares.

Baseada nisto, e a partir de erros e acertos observados na mediação do grupo **FILOZAPEANDO**, esta cartilha quer compartilhar com os inúmeros professores e professoras espalhados neste nosso imenso Brasil, 10 dicas de como mediar uma experiência filosófica através do Whatsapp.

Na internet, existe o caos organizado não pelo criador, mas pelo usuário. Por isso...

DICA **01**



Não imponha

regras

Pode parecer estranho, mas só parece. Regras **são criadas coletivamente**, de forma dialógica e a partir das necessidades identificadas ao longo das interações. Foque na criatividade!



Diante destas transformações, sem dúvida é necessário inventar novidades inimagináveis, fora do âmbito habitual que ainda molda nosso comportamento" (SERRES, 2013).

DICA 02



Seja cordial e acolhedor!

Quando a situação permitir, em todas as interações. Se necessário, porém, seja firme e incisivo. Com certeza, você saberá a diferença entre as duas situações extremas.



"Espero que a vida ainda me dê tempo suficiente para continuar trabalhando nisso, na companhia desses jovens aos quais me dediquei por sempre tê-los amados de forma respeitosa (SERRES, 2013).

DICA **03**

Planeje

as

discussões



mas ***esteja preparado para***

absorver as surpresas:

Cuidado para não 'engessar' o pensamento! Fique atento para conectar as contribuições entre si, através do tema filosófico. **Mediação** é A palavra!



"Com o acesso às pessoas pelo celular e com o acesso a todos os lugares pelo GPS, o acesso ao saber se abriu. De certa maneira, já está o tempo todo e por todo lugar transmitido" (SERRES, 2013).

DICA **04**





Mediar também é

criar pausas

Relaxe e respire: elas são bem-vindas.

Aproveite, então, **pra** acompanhar melhor as idéias, **estimular** interações ou mesmo para retomar **uma discussão**.

"O antigo espaço de concentrações se dilui, se espalha. Vivemos, acabei de dizer, em um espaço de proximidades imediatas, e, além disso, ele é distributivo" (SERRES, 2013).

DICA **05**

Menos é **mais**

A **síntese** diária das contribuições reforça a memória **coletiva**.





"(...)'O saber' se encontra estendido diante 'da Polegarzinha', objetivo, coletado, coletivo, conectado, totalmente acessível, dez vezes revisto e controlado; ela pode voltar sua atenção para (...) a inteligência inventiva" (SERRES, 2013).

DICA **06**

Valorize

cada

contribuição!



Por mais simples que pareça isto fortalece o coletivo:
a construção do conhecimento se dá a partir da

diversidade

de saberes, mesmo os não-formais.



"Agora distribuído por todo lugar, o saber se espalha em um espaço homogêneo, descentrado, de movimentação livre. A sala de antigamente morreu" (SERRES, 2013).

DICA 07

Administre o caos:



Entenda que desordem é um problema seu e não deles: aprenda com as surpresas!

"Silêncio e prostração. O foco de todos na direção do estrado em que o porta-voz exige silêncio e imobilidade reproduz, na pedagogia, o mesmo do tribunal com relação ao juiz (...), da multiplicidade com relação ao um" (SERRES, 2013).



DICA **08**



Repetição, repetição,

repeti... NÃO:

Repetir orientações prejudica a comunicação:

Reitere de forma privada!



"Os corpos podem sair da Caverna em que a atenção, o silêncio e o arqueamento das costas os prendiam às cadeiras como se fossem correntes. Forçados a voltar, não param mais nos seus lugares" (SERRES, 2013).

DICA **09**



Seja breve:

Áudios são cansativos. Textos longos também.

Aprenda a diversificar, de forma adequada e equilibrada, o uso dos meios de transmissão da mensagem: o aplicativo oferece opções e entendê-las fará toda diferença!



"A sala de antigamente morreu, mesmo que ainda a vejamos tanto, mesmo que só saibamos construir outras iguais" (SERRES, 2013).

DICA 10



Retorne *à dica 01*:

Reavalie desde o início.

É imprescindível.

Não tenha medo das críticas, mesmo as negativas, pois seu crescimento depende delas. Leve **tudo** em consideração: não apenas os elogios!



"Antes de ensinar o que quer que seja a alguém, é preciso, no mínimo, conhecer esse alguém" (SERRES, 2013).

Referências Bibliográficas:

PALOOFF, R.M.; PRATT, K. *O aluno virtual: um guia para se trabalhar com estudantes on-line*. Porto Alegre: Art-med, 2004

PASSARELI, B. *Interfaces Digitais na Educação; @lucinações consentidas*. 2003. Tese (livre docência) Escola de comunicações e artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 57.

PRIMO, A. *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 2006, Brasília. Anais, 2006.

SERRES, Michel. *Polegarzinha;* tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Agradecimentos pela arte:

& Caio Lima

Considerações Finais

Em uma sociedade tecnológica, todas as práticas sociais estão profundamente marcadas pela tecnologia. No que diz respeito à Educação, tanto a instituição escolar, quanto discentes e docentes são transformados profundamente nesta relação, o que foi pesquisado neste trabalho a partir do conceito de Polegarzinha, criado pelo filósofo Michel Serres como expressão do novo modo de ser e agir da geração atual, ávida por manipular com seus polegares, tecnologias novas como telefone celular e tabletes.

Uma nova configuração docente é moldada a partir da mudança relacional ocorrida entre professor e estudante, sinalizando a mediação como melhor caminho na construção do conhecimento em uma experiência filosófica que pretenda incluir as novas tecnologias da informação e comunicação como parte integrante de seu planejamento didático.

No entanto, a carência de materiais formativos aos docentes em Filosofia, no que diz respeito ao uso de tecnologias móveis, como o celular, permitiu a um professor de Filosofia da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro a mediação online de uma experiência filosófica em um grupo criado através do aplicativo Whatsapp, denominado Filozapeando, com o objetivo de produzir, ao final, através desta pesquisa, uma cartilha didática contendo dez dicas aos professores de Filosofia conectados com a geração Polegarzinha.

Assim, o mediador elegeu questões como Tecnologia, Tradição, Filosofia e Educação, para a construção dos debates e interações do Filozapeando e, a partir de erros e acertos observados no processo de mediação à distância, e que foram transformados em material didático, pretendeu-se contribuir com o aspecto formativo do docente em Filosofia no Brasil.

Referências

ALVES, Lucinéia. “Educação à distância: conceitos e história no Brasil e no mundo”, **Revista da Associação Brasileira de Educação à distância,** v. 10, 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf>. Acesso em: 13/08/2016.

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Arte Mídia e Educação, 2009.

BRETHERICK, Giselda Geronymo Sanches; “Desterritorialização do conhecimento e descentralização do saber na obra de Pierre Lévy”, **Revista Múltiplas Leituras**, v. 3, n. 1, pp. 184-196, jan. jun. 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/view/1915/1917>. Acesso em: 13/08/2016.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia, ensinar e aprender**. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

CASTANHEIRA, Mauricio (org.). **Retratos e reflexões sobre Educação e Psicologia**. Rio de Janeiro: Publit, 2010.

CETIC. **Pesquisa sobre Tecnologias da Informação e comunicação de 2014**. Disponível em <http://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores>. Acesso em: 25/07/2016.

CITELLI, A. Comunicação e educação: perspectivas. In: LOPES, M. I. V. de et al. (Org.). **Pensamento comunicacional brasileiro**. São Paulo: Intercom, 2005. pp. 77-93.

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. Projeto de Lei n. 597, de 2007. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/525872.pdf>. Acesso em: 14/08/2016.

CORTINA, Adela. NAVARRO, Emilio Martinez. **Ética**. Madrid, Espanha: Ediciones Akal, 2001.

COSTA, Leandro Demenciano. **O que os jogos de entretenimento têm que os educativos não têm: 7 princípios para projetar jogos educativos eficientes**. Teresópolis: Ed. Novas Idéias; Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Pedagogia Filosófica: cercanias de um diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2007.

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as Sociedades de controle. In: **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2000, pp. 219-226.

ESTANISLAU, Emanuelle Araújo; "Mediação Pedagógica na EAD: O papel do professor nos fóruns de discussão do AVA Moodle". In: **XXI Congresso Brasileiro de Ensino Superior à Distância**, 2451-2465, Florianópolis, Santa Catarina, 05-08 Agosto 2014. Disponível em <http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/126886.pdf>. Acesso em: 12/08/2016

FERRARIS, Maurizio. **Dove sei? Ontologia del telefonino**. Milano: Tascabili Bompiani, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e Techne: o homem na idade da técnica**. tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de Filosofia: Uma didática para o ensino médio**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009

GOUVÊA, G.; C. I. OLIVEIRA. **Educação a Distância na formação de professores: viabilidades, potencialidades e limites**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vieira e Lent. 2006

GOUVEIA, A.E.S; PEREIRA, E.M. “O uso de tecnologia móvel: celular como apoio pedagógico na escola”. In: **anais do II Colóquio de Letras da FALE/CUMB Formação de Professores: Ensino, pesquisa, teoria**, pp. 41-55, Breves, Universidade Federal do Pará, 2015. Disponível em: <http://www.coloquiodeletras.ufpa.br/downloads/ii-coloquio/anais/41-antonio-emilson.pdf>. Acesso em: 12/08/2016.

HONORATO, Wagner de Almeida Moreira; REIS, Regina Salette Fernandes; “*Whatsapp*: Uma nova ferramenta para o ensino”. In: **IV Simpósio Desenvolvimento, tecnologias e sociedade**, pp. 1-6, 10-13 Novembro 2014. Disponível em: <http://www.sidtecs.com.br/2014/wp-content/uploads/2014/10/413.pdf>. Acesso em: 25/07/2016.

JOHN, Daniel. **Educação e tecnologia num mundo globalizado**. Brasília: UNESCO, 2003.

KINOSHITA, Yuka Garcia; SILVA, Elizabeth; “A educação na era digital: um desafio contemporâneo”. In: **anais do VI Congresso de Iniciação Científica da FEPI**, volume 8, Centro Universitário de Itajubá, Varginha, Minas Gerais, 2015. Disponível em: <http://www.fepi.br/revista/index.php/revista/article/view/309/177>. Acesso em: 13/08/2016.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** São Paulo: Papirus, 2003.

LACERDA SANTOS, G. “Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas”. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.2, pp. 307-320, mai./ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022011000200007&script=sci_arttext>. Acesso em 26/07/2016.

LACERDA SANTOS, G. “A promoção da inclusão digital de professores em exercício: Uma pesquisa de síntese sobre aproximações entre professores, novas mídias e manifestações culturais emergentes na escola”. **Revista Inter-ação**, v. 39, n. 3, Goiânia, pp. 529-534, set/dez. 2014. Disponível em:

<http://www.revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/28790/17722>. Acesso em 26/07/2016.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____ **Cibercultura**; tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2ª ed., 2004.

_____ **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1985.

MAIA, C.; J. MATTAR. **ABC da EaD: a Educação a Distância hoje**. 1. ed. São Paulo: Pearson. 2007.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida; CASTANHEIRA, Maurício. **As coisas são coisas até que os jovens em rede provem o contrário.** Rio de Janeiro: Arara Azul, 2008.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MASETTO, Marcos T. Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000

MAYER, Sérgio. **Filosofia com jovens: em busca da amizade com a sabedoria**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOBILE REPORT BRASIL 2014. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/mmalatam/mma-nielsen-mobile-report-brasil-q1-2014-completa>. Acesso em: 26/07/2016.

MORAES, Soraya Lóloda. **Geração Y: Quem são, onde estão e o que compram**. São Paulo: Clube dos autores, 2011.

PALOOFF, R.M.; PRATT, K. **O aluno virtual: um guia para se trabalhar com estudantes on-line.** Porto Alegre: Art-med, 2004

PASSARELI, B. **Interfaces Digitais na Educação; @lucinações consentidas**. Tese (livre docência) Escola de comunicações e artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PELISSOLI, Luciano; LOYOLLA, Waldomiro. "Aprendizado Móvel (Mlearning): Dispositivos e cenários". In: **Anais do Congresso Internacional de Educação à Distância – ABED**, Salvador: 2004. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/074-TC-C2.htm>. Acesso em: 14/08/2016.

PONTES, Aldo. PENTEADO, Heloisa Dupas de Oliveira. "A educação escolar das infâncias na sociedade midiática: desafios para a prática pedagógica". **Revista Olhar de Professor**, 14 (1), pp. 63-84, 2011. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>. Acesso em 13/08/2016.

PORVIR. **Inovações em Educação**. Disponível em: <http://porvir.org/apos-ocupacoes-alunos-querem-ter-voz-na-escola/>. Acesso em 02/08/2016.

POSSARI, Lucia Helena Vendrúsculo. **Material Didático para Ead: Processo de Produção.** Cuiabá: EDUFMT, 2009. Disponível em: <http://www.uab.ufmt.br/uab/images/livros_download/material_didatico_para_ead_processo_de_producao.pdf>. Acesso em: 13/08/2016.

PRATA, Maria Regina dos Santos; "A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da

atualidade", **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, pp. 108-115, jan – fev – mar - abr 2005. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n28/a09n28.pdf>. Acesso em: 13/08/2016.

PRENSKY, Marc. "Nativos digitais, imigrantes digitais". Tradução: SOUZA, Roberta de Moraes Jesus de Souza. *NCB* **University Press**, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1XXFbstvPZIT6Bibw03JSsMmdDknwjNcTYm7j1a0noxY/edit>. Acesso em: 14/08/2016.

PRETTI, Orestes. **Autonomia do Aprendiz na Educação à Distância: Significados e dimensões.** Disponível em: <http://ltc.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/obj14674.pdf>. Acesso em: 24/07/2016.

RIBEIRO, J.C; LEITE, L.L.; SOUSA, S. Notas sobre aspectos sociais presentes no uso das tecnologias comunicacionais móveis contemporâneos. In: NASCIMENTO, H. (Org.). **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 185-202. Disponível em: <http://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos%20pdf/artigo1.pdf>. Acesso em 25/07/2016.

RODRIGUES, André Iribure, ZATZ, Fernando. "A escola contemporânea e o diálogo com a Geração Z: Estudo de caso de educomunicação no ensino médio do Colégio Israelita Brasileiro". **Revista Educação, Cultura e Comunicação - ECCOM**, v. 7, n. 13, pp. 37-52, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/1468/1131>. Acesso em: 14/08/2016.

RODRIGUES, M. "Universidade Aberta do Brasil". Disponível em: <http://vestibular.brasilescola.uol.com.br/ensino-distancia/universidade-aberta-brasil.htm>. Acesso em: 13/08/2016.

RODRIGUES, Tereza; "A utilização do aplicativo WhatsApp por professores em suas práticas pedagógicas". In: anais do **6º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, pp. 1-15, Pernambuco, Junho 2015. Disponível em: <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-

2015/A%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20do%20aplicativo.pdf>. Acesso em: 12/08/2016.

.

SACCOL, Amarolinda; SCHLEMMER, Eliane; BARBOSA, Jorge. **M-learning e ulearning: novas perspectivas de aprendizagem móvel e ubiqua**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SARTORI, Ademilde Silveira, ROESLER, Jucimara. "Comunidades virtuais de aprendizagem: espaços de desenvolvimento de socialidades, comunicação e cultura". In: **II Simpósio E-agor@, professor? Para onde vamos?**, COMFIL-PUC-SP/COGEAE, 07-08 novembro 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos%20pdf/artigo1.pdf>. Acesso em: 14/08/2016.

SEED-MEC, **Relatório de Gestão 2008**. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16181-relatorio-gestao-seed-2008-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 13/08/2016.

SEEDUC. **Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/seeduc>. Acesso em: 02/08/2016.

SERRES, Michel. **A Lenda dos Anjos**. São Paulo: Aleph, 1995

_____ *Polegarzinha.* tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVIO, José. **La virtualización de la universidad: ¿Cómo transformar la educación superior con la tecnología?** Caracas: IESALC/UNESCO, 2000.

SOUSA, Antonio Bonifácio R. de. **Filosofia prática e a prática da filosofia: guia de estudo para o ensino médio**. São Paulo: Paulus, 2011.

TELES, Lucio França. A aprendizagem por e-learning. In: LITTO, Fredic Michael, FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (Orgs.). **Educação à Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. pp 72-80. Disponível em: < http://www.abed.org.br/arquivos/Estado_da_Arte_1.pdf>. Acesso em: 12/08/2016.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TOMAZETTI, Elisete M. (org). **Filosofia no Ensino Médio: experiências com cinema, teatro, leitura e escrita a partir do PIBID**. São Leopoldo: Oikos, 2012

UOL EDUCAÇÃO. **Notícias 2013**. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/06/04/menos-de-1-das-escolas-brasileiras-tem-infraestrutura-ideal.htm>. Acesso em 02/08/2016.

_____ **Notícias 2016.** Disponível em: http://educacao.uol.com.br/noticias/2016/04/15/apos-um-dia-de-ocupacao-escola-do-rio-tem-auloes-e-atividades.htm>. Acesso em 02/08/2016.

UNESCO. **Diretrizes de políticas para aprendizagem móvel**. 2014. Disponível em <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/diretrizes_de_politicas_da_unesco_para_a_aprendizagem_movel_pdf_only/#.V5X4WdIrLMw>. Acesso em: 25/07/2016

VASCONCELOS, S. P. G.; "*Ensino a Distância*: histórico e perspectivas". In: **Anais do VIII Fórum de Estudos Lingüísticos**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiifelin/19.htm em 23/07/2016>. Acesso em: 13/08/2016.

VAZQUEZ, A.D. **Filosofia da praxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

VIEIRA, Matheus Machado; "Educação e Novas Tecnologias: o papel do professor nesse cenário de inovações". **Revista Espaço Acadêmico**, v.11, n. 129, ano XI, pp. 95-102, fevereiro 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/14359/8641>. Acesso em: 14/08/2016.

WHATSAPP. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/>. Acesso em: 26/07/2016.

WIKIPEDIA. **Second Life**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Second_Life>. Acesso em: 13/08/2016.

Anexo: Imagens publicadas a cada dia no “Filozapeando”

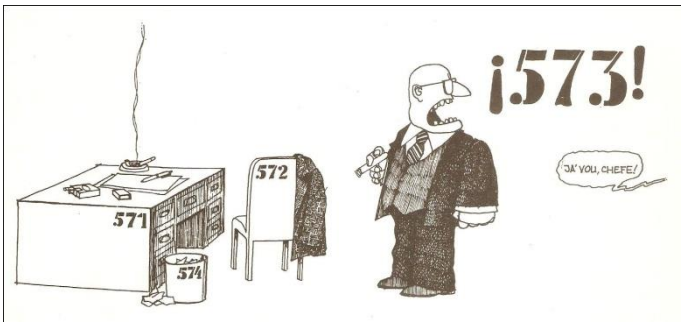


Imagem 01: 1º dia - Conceito de Representação

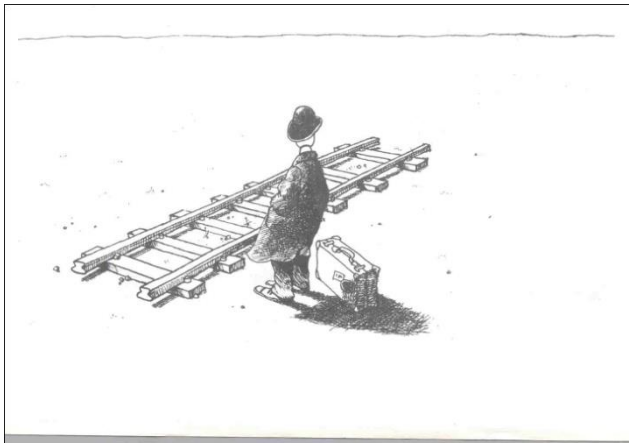


Imagem 02: 2º dia - Conceito de Tradição

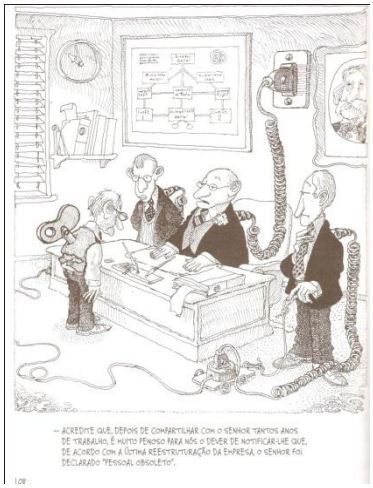


Imagem 03: 3º dia – Conceito de Tecnologia

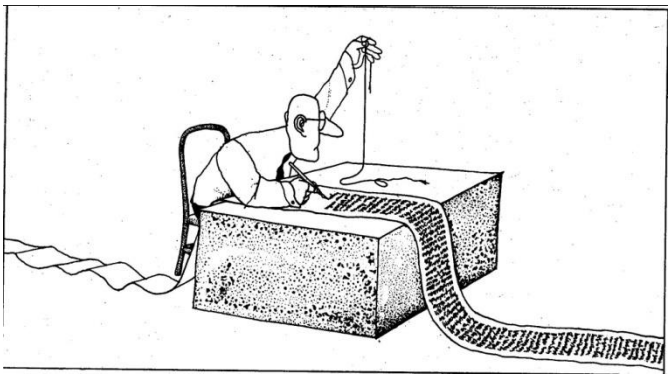


Imagem 04: 4º dia – Conceito de Inovação

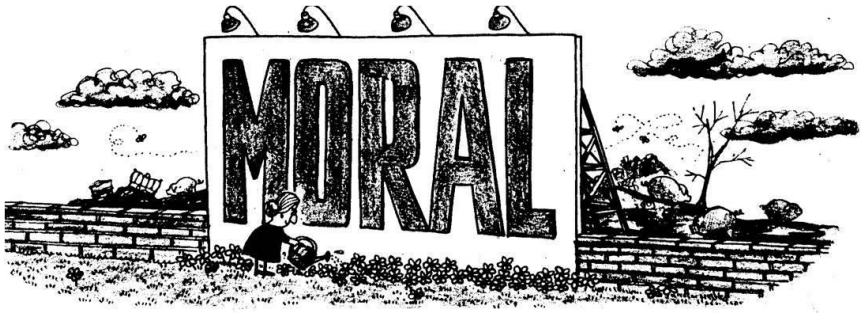


Imagem 05: 5º dia – Conceitos de Ética e Moral



Imagem 06: 6º dia – Conceitos de Educação



Imagem 07: 7º dia – Conceito de Ensino de Filosofia



Imagem 08: 8º dia – Conceito de Conhecimento